

Série
FAMÍLIA DAVON
VOL 2

A Rosa SELVAGEM



SIMONE O. MARQUES



A Rosa Selvagem



Família Davon
vol.2

Simone O. Marques

1ª Edição
Rio de Janeiro – Brasil

Copyright © 2019 Ler Editorial

Texto de acordo com as normas do novo acordo ortográfico da língua portuguesa (Decreto Legislativo N° 54 de 1995).

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, mecânico ou eletrônico, incluindo fotocópia e gravação, sem a expressa permissão da editora.

Editora – Catia Mourão

Capa – Décio Gomes

Diagramação – Catia Mourão

Revisão – Catia Mourão e Simone O. Marques

ISBN 978-85-68925-76-8

Direitos de edição: Ler Editorial

Prólogo



Quando Rose fugiu de sua tribo na Irlanda, não esperava que sua viagem fosse tão difícil e perigosa. Para ela, o perigo maior estava em sua terra. Seu pai, Seth O’Kelly, um bravo guerreiro e líder de sua tribo, havia sido morto de forma cruel pelo seu rival, Rooney, líder e guerreiro da tribo vizinha. A mãe de Rose, quando soube da morte do marido, entregou à sua única filha mulher e caçula da família um saco com moedas de ouro, a fez arrumar algumas roupas em uma trouxa, deu-lhe uma adaga com cabo de ônix e a mandou fugir sem olhar para trás. Rose questionara a mãe o porquê daquela fuga e a resposta veio pouco depois, quando os guerreiros de Rooney invadiram violentamente a tribo. Rose conseguira escapar e, de longe, ouviu os gritos de horror e viu quando a enorme labareda apareceu no local onde antes ela vivia. Com os olhos cegados pelas lágrimas e o peito tomado pela dor, ela correu sem direção pelo meio da mata.

Por dois dias havia vagado perdida, com fome, frio e medo, e foi ajudada por uma família de comerciantes nômades.

Agora, cerca de três meses depois, ela havia cruzado o mar e chegava a uma terra onde falavam uma língua diferente. Já tinha ouvido essa língua em algumas estalagens por onde passara e aprendera algumas palavras. Estava decidida a dominá-la para sobreviver naquele lugar hostil, onde já haviam tentado estuprá-la. Sua sorte era sua adaga, com ela já havia ferido alguns homens que tentaram tomá-la à força. Decidira que não deixaria, jamais, nenhum homem tocá-la e que não havia felicidade para ela, bastando, apenas, sobreviver...



O barão William Davon voltava para suas terras depois de passar dias em Sunset, a propriedade de seu irmão Robert. Ele agora visitava muito mais seu irmão e, simplesmente, adorava a sobrinha, Elene. Sentia falta daquele calor que

o acalentava quando estava com a família do irmão e do encanto da pequenina, com seus cabelos vermelhos e grandes olhos azuis, o que fazia o palácio Davon parecer frio e extremamente solitário.

A mulher de Robert fora sua noiva. Eduardo a negociara com o barão D'Tanis, pai dela, para garantir que o velho traidor ficasse em suas mãos. O barão era vassalo de William, mas o casamento não havia se realizado, simplesmente porque todos pensavam que ela estava morta. Mas a noiva prometida havia se casado com seu irmão.

Para garantir a felicidade de Robert e Lisie, William compactuara com a mentira que havia se espalhado, de que a noiva do barão havia morrido na estrada, de uma doença desconhecida. Lisbeth, então, passara a se chamar Anelise, casara com Robert e lhe dera uma filha. Agora, viviam isolados em Sunset para que ninguém pudesse reconhecê-la e representar alguma ameaça. William mantinha a mentira, que poderia levar a ele e seu irmão para a forca, mas não se arrependia. A felicidade deles fazia tudo valer a pena.

— William, rezo para que você seja feliz — Lisie havia dito, enquanto o observava embalar Elene, que não o largava. — Irá encontrar alguém que o ame e que você também ame.

— Engraçado você me dizer isso — ele sorria, admirando a bela mulher de seu irmão, sua ex-noiva.

— Acredito que ainda conhecerá o amor — Lisie falara, segura, encarando-o com seus encantadores olhos verdes.

— Robert já gastou esse talento da família — ele respondera, levantando os ombros e olhando para o irmão que, ao lado deles, apenas sorriu.

William estava com trinta e dois anos, conquistara vitórias em campos de batalha, herdara o título de seu pai, a confiança do rei, mas não tinha talento algum para o casamento ou para o amor. Prova disso era aquela mulher linda diante dele, que escolhera seu irmão sem lhe dar nenhuma chance de mostrar quem realmente era.

O rei Eduardo, ao saber da “morte” de Lisbeth, mandara chamar William para apresentar uma nova proposta: a filha do barão de Rhys, que representava aliança em uma região estratégica. Mas, depois do fracasso da primeira tentativa em fazê-lo se casar, Eduardo dissera que William poderia decidir se a noiva lhe interessava, pois se tratava de uma mulher com mais de vinte anos, viúva, cujo destino era um novo casamento ou o convento.

A nova pretendente seria levada pela mãe à Davon, pois a velha senhora desejava avaliar o barão, que tinha a má fama de beerrão e violento. Margareth Briouse fora colocada como preferencial numa lista longa que Eduardo tinha para ele, que incluía, inclusive, as irmãs mais novas de Lisbeth, gêmeas.

William nunca poderia desposar alguém da família de Lisbeth, mas os motivos jamais poderiam ser revelados ao rei. Por isso, disse que não era homem adequado a moças tão jovens e quebradiças. O rei riu e manteve a proposta mais promissora: Margareth.

— William, procure não assustar a mulher! — Eduardo dissera com um leve sorriso.

— Farei o meu melhor, majestade — William respondera, embora não desejasse um casamento.

— Dizem que a mãe dela tem o desejo nada secreto de se tornar abadessa um dia — Eduardo parecera se divertir demais com a situação, o que chegara a remoçar suas feições.

— Meu Deus! E eu que achava que vossa majestade tinha alguma simpatia por minha pessoa.

— E tenho! Devo minha vida a você e aos seus soldados. — Eduardo batera no ombro de William e saíra mancando fortemente.

William balançara a cabeça. A saúde do rei não estava nada bem e ele guardava profundas sequelas de quando fora prisioneiro dos barões traidores, mas era um soldado e tentava ao máximo disfarçar a dor e a fragilidade. Era um homem alto, temperamental, que gostava de ser temido e respeitado, mas William o admirava e conquistara sua confiança, sendo recebido no restrito círculo que o rei chamava de sua “Távola Redonda”.

Agora chegava em casa, depois de dias de paz e tranquilidade em Sunset e teria que se preparar para receber a nova pretendente e sua mãe.

E que o rei reconhecesse seu sacrifício...

Capítulo 1

— Uma moeda por seus pensamentos. — Jack, o capitão da guarda do Barão Davon, o fez despertar de seus devaneios. William apenas balançou a cabeça. — Sua sobrinha é linda, não? Se parece muito com lady Lisie — comentou, pois vira a alegria do barão ao brincar com a menina, que não o largara enquanto esteve em Sunset.

— Apenas pensando na minha nova noiva e na mãe encantadora... — ele suspirou.

— Dizem que a velha quer ser santa — Jack brincou, mas viu que William continuou sério. — Contam que ela tem guardada uma relíquia sagrada ou algo assim.

— Que Deus me ajude! — William desabafou.

As terras do barão Davon eram produtivas e as mais belas da região. Tudo se devia à excelente administração que ele mesmo fizera questão de assumir.

William se sentiu aliviado quando chegou ao seu palácio. Gostava de sua casa, gostava de não ter uma mulher que ficasse implicando com ele o tempo todo ou, ao menos, pensava assim. Mas, cada vez que voltava de Sunset, sentia uma espécie de vazio, que lutava para afastar.

Os criados correram para atendê-lo. Ele se jogou sobre sua cadeira favorita e uma taça de vinho foi imediatamente colocada em sua mão.

— Milorde, já arrumamos os aposentos para lady Margareth e a mãe — a criada responsável pelo castelo o avisou. — Recebemos uma mensagem, avisando que elas devem chegar amanhã pela manhã.

William inspirou fundo e soltou a respiração lentamente. Aquele seria um teste e tanto. Embora Eduardo tivesse pedido que ele tentasse não assustar as mulheres, pensava em mostrar seu lado mais tenebroso, quem sabe assim a futura abadessa e sua filha viúva saíssem correndo, assustadas, e o deixassem em paz. E, quem sabe, Eduardo desistisse de casá-lo.

Tomou sua taça de vinho e a estendeu a um criado, que tornou a enchê-la. Pronto! O idílio que presenciara na casa de seu irmão estava terminado, teria de se preparar para o inferno que se tornaria sua vida.

— Você me paga, Rob! — murmurou, fitando a taça de vinho. O irmão ficara com a mulher que talvez fosse a única capaz de conquistá-lo.

Lavou-se, livrando-se do pó da estrada. Ajeitou grosseiramente os cabelos

escuros rebeldes e saiu. Precisava gastar energia, liberar a tensão antes da chegada das visitas indesejadas. Cavalgou até a vila e caminhou para sua taverna favorita.

— Senhor Barão! — Dave, o dono do estabelecimento, o saudou animado, pois William sempre o recompensava bem.

— Dave, traga uma cerveja — William falou, sentando-se a uma mesa no canto, que ficava escondida na penumbra e mantinha a privacidade.

Dave correu para atendê-lo e logo uma caneca generosa de cerveja foi colocada sobre a mesa por uma mulher voluptuosa, com um decote generoso e os cabelos cor de palha caindo em cachos pelos ombros descobertos.

— Oi, Ester! — ele falou, pegando na mão dela.

— Barão, que bom que está de volta! — Ela sorriu e foi puxada para o colo dele.

William virou sua caneca de cerveja quente na boca e sentiu as coxas grossas de Ester que se esfregaram entre as pernas dele.

— Vamos subir? — Ela apontou para a escada de madeira que levava ao andar superior.

— Agora não, mais cerveja! — Ele falou e Ester foi buscar, parecendo ligeiramente decepcionada.

William estava tenso e não gostava daquilo. O casamento o assustava mais do que uma luta, principalmente porque a pretendente não era nenhuma jovem inexperiente, mas viúva e vinha acompanhada por uma mãe afeita à moral extremada.

Bebeu mais uma caneca de cerveja e pediu outra.

Naquela noite, não queria subir para o quarto de Ester e bebeu mais do que o de costume. Eram necessárias muitas cervejas para fazer William trançar as pernas, mas estava determinado a ter pelo menos o prazer da bebida. Dave o olhava preocupado e insistiu algumas vezes para que fosse descansar no quarto, mas o barão o ignorou. Enquanto bebia, pensava em como seria se Lisie o tivesse preferido. Ela era carinhosa e, certamente, fogosa. Ela lhe daria um filho ou uma filha tão linda quanto Elene...

Droga! Bateu com a caneca sobre a mesa. Lisie era a mulher de seu irmão e os dois eram perfeitos um para o outro. Com raiva, chamou Ester, que se manteve um pouco afastada ao perceber que ele estava de mau humor. Subiu com ela para o quartinho.



Rose chegou à pequena vila dentro dos domínios do barão Davon, segundo a informaram, se é que entendera direito. Havia treinado um pouco a nova língua,

mas assim que falava todos percebiam que não era dali. Estava cansada, suja e faminta. Mantinha a cabeça coberta pela capa, que escondia seus longos cabelos negros anelados e seu rosto pálido. A adaga com cabo de ônix estava encaixada sob o cinto de seu vestido surrado, assim como a pequena bolsa que ainda continha algumas moedas e que escondia como seu único bem e a possibilidade de, vez ou outra, pagar por uma refeição.

Uma garoa fina começou a cair e ela praguejou em sua língua. Só faltava aquilo! Seus pés pisoteavam a lama que começava a se formar. Caminhou pelas ruelas estreitas e enlameadas, procurando um lugar para se abrigar, talvez um estábulo ou uma estalagem...



William entrou com Ester no quarto, mas assim que ela fechou a porta teve certeza de que não queria nada naquela noite. Jogou algumas moedas para a mulher e saiu. Dave ainda sugeriu que esperasse a bebedeira passar, quando o viu quase cair no último degrau da escada, mas o barão o ignorou e, depois de deixar uma gorjeta generosa, saiu em direção ao estábulo que ficava a poucos metros dali e onde deixara seu cavalo.



Rose viu a luz fraca de um lampião iluminando o estábulo e espiou para dentro. Viu o cavaliário, que dormia com a boca aberta ao lado de um cantil. Com certeza estava bêbado.

Ela empurrou a porta lentamente e entrou no local aquecido pelo hálito dos animais e pela palha jogada sobre o chão. Estava encharcada. Encontraria um canto escondido para passar a noite. Viu uma escada que subia para um patamar de madeira, acima de uma das baías. Um local perfeito para passar a noite abrigada.

Havia dado alguns passos em direção à escada, quando ouviu a porta se abrir com violência atrás dela. Saltou, escondendo-se ao lado do corpo de um dos cavalos. A silhueta de um homem grande apareceu à porta. Era assustadora e revelava cabelos rebeldes na altura dos ombros largos. Um cheiro muito forte de cerveja pairou no ar. Afastou-se, escondendo-se na penumbra o máximo que conseguiu e cobriu o rosto com a capa, levou a mão ao cabo da adaga e a apertou contra a palma.

O homem grande pareceu não notá-la e se encostou ao lado da porta, tentando manter-se de pé. Rose podia sentir seu hálito de cerveja e ouvir a respiração cadenciada de quem procura manter o controle. Ela mal respirava, temendo denunciar sua posição entre as baías.

William havia bebido demais. Fazia tempo que não bebia tanto e parecia que

seu corpo já não estava acostumado da mesma maneira ao álcool como há algum tempo atrás. Tentava fazer sua visão se acostumar à penumbra do estábulo para chegar ao seu garanhão. Tinha que voltar para casa e estar, ao menos, apresentável para a pretendente. *Uma monja!* Ele pensou e riu alto. Aquilo era realmente ridículo!

Rose ouviu aquele riso grave, sentiu o coração acelerar e apertou ainda mais a mão no cabo da adaga. A luz do lampião estremeceu com o vento que passou pelo telhado de palha e ela pôde ver o rosto do dono daquele riso que fez todo seu corpo arrepiar. O perfil másculo, com o desenho do queixo e do nariz formando um ângulo perfeito. Os lábios também eram perfeitos, nem grossos nem finos demais e formavam uma linha torta que se estendia para o canto da boca, desenhando um sorriso tão sensual que fez Rose sentir o ar faltar e seu coração bater nas orelhas.

— Eu quero o meu cavalo!

Rose deu um salto ao ouvir a voz grave daquele homem que a fez se lembrar dos guerreiros de sua tribo. O cavalariaço, entretanto, estava entregue ao sono alcoolizado e sequer se mexeu.

Praguejando, William caminhou cambaleante entre as baias e viu seu cavalo. Soltou o arreio que estava preso a um cabo de madeira e reparou em algo que cintilou à luz fraca do estábulo, o que lhe pareceu uma lâmina.

Rose mal respirava, sentindo a presença poderosa daquele homem que soltava o cavalo na baia ao lado de onde ela estava.

William estava bêbado, mas era um soldado experiente e podia sentir uma emboscada. Esticou o braço, alcançando o espião rapidamente.

Rose, apavorada, sentiu a pressão da mão grande e quente em seu pescoço e foi jogada ao chão, sobre o feno. Era menor, mais fraca, mas não deixaria que a violentassem, embora sentisse que não havia chances para ela contra aquele homem.

William, respirando rapidamente, se jogou contra o corpo que ele julgava pertencer a algum inimigo, pois os nobres que apoiavam o rei eram sempre alvos daqueles que queriam ver Eduardo cair. Ele ouviu o ar sair do peito da vítima num sopro e sentiu o hálito que tinha perfume de menta. O capuz caiu para trás, revelando cabelos escuros e uma face da cor do leite, lábios carnudos e pálidos, e os olhos da cor dos lírios-roxos que sua mãe certa vez plantara no jardim.

William piscou, sem acreditar naquela visão que estava sob seu corpo pesado e que o encarava com dor e medo. A capa caída revelara um colo perfeito, exibindo parte dos seios que subiam e desciam ofegantes. Mesmo bêbado, ficou excitado e a calça pressionou o membro rígido. Desceu uma das mãos pelo corpo dela, ainda sem acreditar no que via, e sentiu a coxa roliça sob o vestido

molhado.

Rose sentiu aquela mão grande que deslizou suavemente pela sua perna, o corpo rígido e pesado sobre o dela, e um volume cresceu, pressionando a parte superior de suas coxas. Viu os olhos azuis que brilharam numa expressão intensa de surpresa e desejo. Era o homem mais lindo que ela já vira, mas iria tentar violentá-la, como outros tentaram. Então, apertou a mão livre no punho da adaga e a espetou na lateral do corpo largo, forte e quente.

William sentiu quando uma lâmina fina e afiada o atingiu logo abaixo das costelas. A dor o fez se erguer e jogar o corpo para o lado, apertando o local que sangrava.

Rose aproveitou que o agressor saiu de cima dela e, com o corpo todo tremendo e pulsando, levantou-se e saiu correndo do estábulo para a garoa fina, em direção às ruelas escuras e estreitas do vilarejo. Corria cega pelas lágrimas que saltavam de seus olhos. O coração disparado, lutando contra o pavor e as sensações que aqueles olhos e as mãos grandes provocaram nela. Encontrou a porta quebrada e aberta de um antigo armazém e entrou na escuridão, encolhendo-se em um canto ao lado de uns sacos de grãos apodrecidos, assustando alguns roedores que saíram correndo por baixo da parede.

William apertou a mão sobre o local ferido, a estocada não foi muito funda. Aquela mulher não tivera a intenção de matá-lo, mas o ferimento doía bastante e sangrava.

O cavaliço finalmente despertou e, trôpego, foi até o barão.

— Para onde ela foi? — William pegou o homem pequeno e calvo pela camisa, erguendo-o alguns centímetros do chão. — Quem é ela? — perguntou com os olhos faiscando.

— Ela... quem, milorde? — o homem, com a voz enrolada, perguntou, confuso e amedrontado.

William o largou no chão, montou em seu cavalo e saiu do estábulo em direção à vila. Iria encontrar aquela mulher, precisava encontrá-la, mas sentia muita dor no ferimento que sangrava e não estava bem depois da bebedeira.

Cavalgou um pouco pelas ruas escuras, mas não viu nada. Não podia invadir as casas, não àquela hora e cheirando a bebida. Era o dono daquelas terras e não podia parecer um animal selvagem assustando os moradores da vila. Não tinha alternativa, devia voltar para casa e cuidar daquele ferimento e da bebedeira.

Rose ficou encolhida no canto do velho armazém, com medo, com frio e com fome. A adaga em sua mão trêmula tinha a marca fraca do sangue de seu agressor. Ajeitou a arma sob o vestido, enrolou-se na capa e ficou ali, esperando que ninguém a encontrasse.

William chegou ao palácio e seus criados correram para atendê-lo, ao

perceberem sua roupa ensanguentada.

— Milorde! — Hanna, sua velha criada, ficou apavorada ao vê-lo cair de joelhos, quando entrou no salão. Os criados ajudaram o barão a ir para seu quarto.

William estava amortecido, já não sentia mais a dor, mas também não sentia mais nada.

Capítulo 2

Rose tremia, quando abriu os olhos incomodados pela luz do sol que batia em seu rosto. Era encarada por enormes e sorridentes olhos castanhos.

— Olá! — A voz da menina pequena era como uma música em seus ouvidos. — Sou Madie! — ela disse e tocou no rosto de Rose carinhosamente.

Rose se sentou e o rosto da menina girou à sua frente. Encostou a cabeça na parede, esperando a tontura passar.

— E você? — A pequena Madie se ajoelhou ao lado dela, encarando-a com curiosidade.

— Rose... — ela falou com a voz fraca, fazia três dias que não comia nada. Seu vestido estava encharcado e seu corpo tremia de frio.

O velho armazém era fétido, úmido, mas a escondera de seu agressor na noite anterior e agora estava iluminado com a presença daquela menina linda que sorria para ela.

— Madie! — A voz de um menino soou do lado de fora da casa e logo ele estava à porta quebrada do armazém. — Eu sabia! — O menino, alguns anos mais velho, tinha os cabelos castanho-escuros, o rosto fino e os mesmos olhos castanhos de Madie. Ele parou quando viu Rose encostada à parede, encarou-a com desconfiança e pegou a irmã pelo braço. — Mamãe já disse que não é para vir aqui! — Puxou a pequena Madie, que acenou para Rose antes de sair do armazém.

Rose deixou que seu corpo esgotado ficasse naquele canto, já não tinha ânimo para se levantar. Talvez, a menina fosse um mensageiro dos deuses e viera para levá-la para junto de sua família.

— Ela pode ser perigosa! — Tomy falava com a irmã, enquanto a levava de volta para casa.

— Ela não é! — Madie respondeu com o cenho franzido e o rosto vermelho. — Ela está assustada e com fome. — Os olhos castanhos brilharam.

— Deixe-a lá! — Tomy exclamou sério. — Pode ter a doença.

A peste havia atacado várias vilas no ano anterior e todos viviam ainda temerosos.

Eles entraram em casa e Madie correu até a mãe, que estava ao fogão e a abraçou pelo quadril.

— Mamãe, ela estava lá no armazém de novo! — Tomy entregou a irmã e a

mãe se virou, colocando a mão na cintura e olhando para a filha pequena.

— Sabe que aquele lugar é sujo e perigoso, não sabe, Madie? — A mãe a encarou com os grandes olhos castanhos.

— Mamãe, a Rose tá com fome e com frio — a menina falou, penalizada. — Eu vi! Ela tremia e não conseguiu ficar de pé.

— Quem é Rose? — Emma olhou para o filho mais velho.

— Tinha uma moça lá — Tomy respondeu.

— Uma moça? Da vila? — Emma os olhou interessada. Aquele armazém não era um bom lugar para uma moça.

— Não, mamãe! Ela não é da vila. E tem os olhos bem bonitos. — Madie sorriu e pegou na mão da mãe. — Vamos levar comida para ela?

Emma sabia como a filha era. Madie tinha uma alma e um coração muito maiores que aquele pequeno corpo de cinco anos. Emma também não conseguia ver uma pessoa passando por alguma privação e a filha dizia que a jovem estava com fome. Não eram ricos, mas jamais se negaria a dividir a comida com alguém que estivesse precisando.

— Vamos ver essa moça. — Emma sorriu e viu os olhos da filha se iluminarem de felicidade.

Quando Emma entrou no armazém fétido, viu a jovem que, jogada ao lado dos sacos de grãos, estava encolhida e tremendo.

— Meu Deus! — Emma exclamou e foi até ela. A jovem gemia e estava pálida demais. — Rose... — Emma se inclinou sobre ela e tocou em seu rosto gelado. — Venha, querida, deixe-me cuidar de você — falou, passando a mão pelos ombros trêmulos da jovem.

Rose abriu os olhos com dificuldade e Emma entendeu o que a filha dissera sobre os olhos lindos. Eram de uma cor que nunca vira antes, mas estavam apagados, fundos.

Ajudada por Emma e levada pela pequena mão de Madie, Rose se viu resgatada daquele lugar horrível. A casa de Emma era quente e tinha cheiro de comida. Rose sentiu uma forte vertigem e se segurou à porta antes que caísse. Emma a ajudou a se sentar à mesa e correu para pegar um pão e uma caneca de leite.

— Coma, Rose. Eu sou Emma — falou e se sentou diante dela, observando-a com preocupação. Era jovem, talvez dezoito ou dezenove anos, os cabelos bem negros deveriam ser lindos quando lavados, a pele era branca como leite e tinha uma marca vermelha no pescoço, como se alguém a tivesse apertado ali. Uma grande mão, observou e seu coração ficou apertado. Alguém devia ter abusado daquela jovem, com certeza. — Vou encher a tina para você tomar um banho. — Sorriu e deixou Rose comendo desesperadamente ao lado da pequena Madie.

Quando Emma levou Rose até a tina de água, ela mal pode acreditar, fazia muito tempo que não tomava banho quente. Emma mostrou sobre a cama um vestido claro que arrumara para ela, pois todas as roupas que levava na pequena trouxa estavam rasgadas ou muito sujas.

— Obrigada, Emma! — Rose falou com lágrimas nos olhos, pegou a pequena bolsa de couro com as poucas moedas que ainda sobravam e a estendeu à Emma, que apertou a bolsa na mão de Rose ao perceber um sotaque diferente na maneira dela falar.

— Não, Rose. Guarde com você. — Ela sorriu e viu um sorriso lindo brotar no rosto abatido da jovem.



William acordou e se virou na cama. Sentiu uma dor aguda junto às costelas e colocou a mão no local, onde havia uma bandagem. Sentou-se e passou a mão pelo cabelo. A noite anterior estava confusa em sua mente. Não conseguira fazer sexo com Ester, bebeu muito e foi... atacado? Ou havia atacado? Fechou os olhos e visualizou aquele rosto diferente, aqueles lábios carnudos, a pele branca, os olhos de lírio-roxo e o corpo macio debaixo dele. Só de pensar naquela mulher ficou excitado e irritado. Ela o atacara com uma adaga, o deixara no estábulo e fugira.

Jack bateu à porta e William o mandou entrar.

— O que houve? — O capitão da guarda o olhou confuso e preocupado ao ver o curativo. — Tentaram matar você? — Não era incomum um nobre ser pego em uma tocaia por algum inimigo.

— Jack, eu não sei... — William se levantou e vestiu a camisa —, mas preciso que encontre uma mulher para mim — disse com os olhos azuis faiscando.

— Uma mulher? Agora? — Jack riu, sem entender o que aquilo tinha a ver com o atentado. — Sua nova noiva deve estar chegando! — falou e William fez uma careta.

— Eu sei. Mas não é desse tipo de mulher que estou falando.

Ele não sabia que tipo de mulher era aquela que o atacara, mas não era uma prostituta. Ele conhecia dezenas de prostitutas e, com certeza, aquela mulher não era uma.

— Não pode esperar? — Jack perguntou, desconfiado.

— Não — William respondeu sério. — Quero que encontre a mulher que me feriu.

Jack olhou para ele por um minuto e tentou controlar o riso.

— Uma mulher o feriu? — Viu o olhar mortal de William ao notar a ironia.

— Eu estava bêbado... — tentou se defender. Não diria que havia ficado sem

ação ao fitar aquele rosto e sentir o corpo dela sob o seu.

— Já disse que essa sua fama faz muitas mulheres se precaverem. — Jack levantou os ombros, enquanto saíam do quarto. — Viu o que fez? Agora estão andando armadas!

— Não tem graça nenhuma, Jackson — William franziu o cenho.

— Desculpe, barão! — Jack respondeu. — Como é a assassina que devo procurar?

Antes que William pudesse responder, a chefe da criadagem apareceu esbaforida para avisar que a carruagem com as ladies havia chegado aos portões.

— Depois conversamos. — William ajeitou o cabelo e respirou fundo. Mais do que nunca, não estava interessado naquele arranjo.

Pouco depois, sentado no salão, aguardava a entrada das ladies. Mandara Hanna e Oliver, seu criado pessoal, para recebê-las à porta e conduzi-las até ele. Comeu um pedaço de pão e tomou uma taça de vinho. Tinha que se preocupar com aquele desconforto da chegada da pretendente, mas só conseguia pensar em olhos brilhantes da cor das flores de sua mãe, em lábios carnudos pálidos e nos seios brancos, macios e ofegantes...

Oliver apareceu à porta do salão e anunciou as “visitas”.

— Milorde, lady Gisela de Rhys e lady Margareth Briouse — anunciou de forma solene e formal.

William respirou fundo e se levantou.

Duas mulheres entraram, seguidas por duas criadas. A mais velha usava um vestido cinza rústico e seus cabelos estavam rigidamente cobertos por um véu. Os olhos escuros carregam uma avaliação aberta, um julgamento, e soberba. Seu queixo se ergueu e seus lábios se contraíram. Ela se inclinou ligeiramente, assim como a filha, que usava um rico vestido azul escuro. Seus cabelos, provavelmente castanhos, estavam firmemente amarrados e cobertos por um véu fino. Os olhos eram escuros como os da mãe e o nariz tinha a ponta arrebitada.

William sentiu que era avaliado da cabeça aos pés.

— Miladies... Bem-vindas à Davon!

— Estamos aqui como o rei ordenou, mas foi uma longa e extenuante viagem. Gostaríamos de um tempo para nos lavarmos em nossos aposentos — a mãe falou com secura.

— Como quiserem, senhoras. Meus criados as servirão com o que precisarem — William declarou, tentando ser cordial, mas a verdade era que queria sair dali e manter a maior distância possível das visitas.

William olhou para Hanna ao se virar e entortou os lábios com desagrado, mas Hanna era experiente, apenas assentiu e indicou a direção dos aposentos às mulheres.

Quando as quatro mulheres seguiram Hanna pelo corredor, William respirou fundo e passou a mão pelo cabelo. Aquilo seria muito difícil.

Jack aguardava do lado de fora do salão e viu William sair com o maxilar apertado, o rosto tenso e o cenho franzido.

— Simpáticas, não? — Jack comentou, tentando aliviar a tensão.

— Eu não vou conseguir, Jack. — William se encostou à parede externa de seu palácio e soltou o ar com força. — Seria capaz de tentar por Lisie... Eu seria capaz de me apaixonar por ela — pensou na jovem esposa de seu irmão, com seu jeito determinado, sua personalidade forte, mas uma delicadeza impossível de resistir, além daqueles olhos tão expressivos. Mas, não havia nada expressivo na fiel seguidora da futura abadessa Rhys.

— Mas ela está morta, não? — Jack comentou, sabendo da mentira que estavam protegendo.

— Está. — William suspirou. Jamais separaria seu irmão da mulher que amava. — Eu preciso que encontre a mulher que me feriu.

— Por quê? — Jack o olhou curioso por ele insistir naquele assunto. — Pretende enforcá-la? Ou se apaixonou por ela? — O capitão da guarda levantou a sobrancelha e William o olhou seriamente.

Na verdade, não sabia por que queria encontrar aquela mulher. E se a tivesse ferido também? Ou feito algo que não se lembrava, mas do que poderia se arrepender?

— Só quero encará-la sóbrio — respondeu. Queria ter certeza de que o que vira fora apenas uma ilusão causada pela bebida e que sua memória estava exagerando ao lhe dar imagens daquela mulher.

— Acho que não chegou a perguntar o nome dela, não? — Jack cruzou os braços diante do peito. Algo lhe dizia que havia mais alguma coisa ali, mas resolveu não comentar. — Lembra-se de alguma coisa? Algum detalhe que facilite meu serviço?

— Linda... — William falou, pensativo — e não será possível se enganar quando vir seus olhos. Eles têm a cor das flores roxas de minha mãe, quando o jardim floresce... — Ainda podia sentir os contornos do corpo dela na palma de sua mão.

— Sei... — Jack o observava com interesse. — E o que eu faço quando a encontrar? Dou uma surra? — Ironizou e William o olhou com raiva.

— Não encoste a mão nela, Jack! — Era uma ameaça e Jack riu.

— Que é isso, barão? Não, não encosto nela. E sou um homem casado, Will. Não vou roubar sua mulher. — Brincou e William o olhou surpreso, depois desviou o olhar.

— Você parte amanhã cedo. Preciso de apoio na ceia de hoje. — William

falou, carrancudo e mal-humorado.

— Conte comigo. — Jack sorriu e percebeu que a mulher que ferira William o havia atingido de alguma outra forma.

Capítulo 3

Madie observava o banho de Rose, sentada sobre a pequena cama no quarto. Viu o rosto da nova amiga relaxar e um sorriso se desenhar em seus lábios., quando ela entrou na água quente.

— Você é tão bonita, Rose! — Madie exclamou, sorrindo.

— Você é muito mais. — Rose tentou montar a frase adequadamente, usando o que aprendera da língua. — É uma menina linda! — Sorriu afetuosamente. Por um momento, lembrou-se de sua tribo, das crianças que brincavam animadas, das famílias... todas mortas, destruídas. Suspirou profundamente.

— Você está machucada? — Madie a olhou, preocupada. Parecia perceber a dor que passou pelo seu rosto ao pensar no passado. — Está doendo? — Olhou para a marca vermelha no pescoço de pele muito branca.

Rose levou a mão ao pescoço e seu coração acelerou. Aquele homem era lindo, quente, forte e... bêbado. Passara aquela mão grande pela perna dela com incrível suavidade, enquanto ofegava e a olhava com um brilho intenso nos olhos azul-claros. Mas não podia se deixar enganar, ele a violentaria se não tivesse se defendido e enfiado sua adaga naquele corpo poderoso. E ela o feriu, mas não queria matá-lo. Será que ele teria sangrado até a morte lá no estábulo?

De repente, ficou com medo do que poderia ter feito.

— Dói? — Madie insistiu e fez Rose despertar daquele pensamento sombrio.

— Não. — Ela sorriu e a menina pareceu aliviada.

— Mamãe preparou um ensopado. Está delicioso! — Passou a língua pela pequena boca rosada. — Ainda está com fome?

Rose percebeu como Madie se preocupava. Era uma criança encantadora, assim como a mãe.

— Um pouco — Rose respondeu e mergulhou o corpo todo na tina, molhando o cabelo.

Quando Rose apareceu na cozinha, acompanhada por Madie, Emma colocava os pratos na mesa e abriu um grande sorriso para sua convidada, que usava o vestido bege que era seu.

— Meu Deus! Você é linda, Rose! — Emma exclamou.

Realmente, Rose estava linda. O cabelo negro fora penteado com a ajuda de Madie e os cachos suaves caíam úmidos por cima dos ombros, que apareciam sobre o decote do vestido. A pele muito clara do rosto adquirira um tom rosado

nas bochechas, assim como os lábios, que finalmente haviam perdido a palidez.

— Obrigada, Emma! — Rose falou sem graça.

— De onde você é? Não é daqui da região, com certeza — Emma perguntou interessada ao ouvir o sotaque da jovem.

— Éire — Rose respondeu, sentindo o peito apertado. Estava muito longe de casa, mas... que casa? Não restara nada para ela lá.

— Meu Deus! A ilha? — Emma exclamou, sentando-se e Rose assentiu. — É tão longe! E sua família? — perguntou e viu os olhos cor de violeta se encherem de lágrimas, mas Rose as engoliu antes de responder.

— Foram mortos.

Emma sentiu as lágrimas chegarem aos seus olhos e viu os olhos de Madie arregalados e brilhantes, prestando atenção à conversa.

— Sinto muito. — Emma pegou nas mãos de Rose e as apertou. — Conhece alguém aqui? — inquiriu e Rose negou.

— Podemos ficar com ela? — Madie perguntou e a mãe sorriu, a filha parecia ter encontrado um brinquedo novo ou um animal de estimação.

— Madie, querida, temos de encontrar um bom lugar para Rose, não é? — Emma falou, carinhosa. — Mas, agora, vamos comer. — Levantou-se e começou a servir o ensopado.

— Eu... posso pagar, Emma.

Rose a olhava, sabendo que não poderia ficar ali e criar despesas. Percebia que a família não tinha posses e ainda havia duas crianças. Mas era o lugar mais próximo de um lar que encontrara depois de fugir de sua terra. Sentia-se bem ali.

— Por que não falamos disso depois? — Emma sorriu.

Tomy entrou na cozinha e abriu a boca com admiração ao ver Rose, longe de ser aquela maltrapilha que encontraram no velho depósito. Emma sorriu ao ver a reação do filho. Realmente, Rose era linda e tinha um brilho natural, encantador.

A refeição foi animada, pois Madie se divertia perguntando palavras em sua língua e ensinando palavras à Rose, que Emma percebeu ter muito jeito com crianças e um sorriso fácil, apesar de tudo pelo que deveria ter passado.



Margareth tirara o véu e refrescara o rosto, enquanto a mãe fazia uma análise minuciosa do quarto onde estavam alojadas e suas criadas retiravam as roupas dos baús.

— Eu não imaginava que ele fosse tão bonito — Margareth falou, sentando-se na cama.

— Não se deixe levar por essa casca. É por isso que iremos passar essa temporada aqui, porque ninguém é capaz de manter uma falsa aparência por

muito tempo. Eu já percebi como ele nos olhou com desagrado.

— Ele foi cortês.

— Porque o rei mandou nos receber. Não se deixe levar, Margareth.

— Mamãe, eu sou uma mulher viúva. Meu marido era um homem terrível, nojento e nem beleza Deus lhe concedeu, e ainda tem meu pequeno problema... Que esperanças tenho de encontrar um nobre com igual beleza e o porte de lorde Davon? — Margareth deu um leve sorriso.

— Não venda os atributos que lhe restam por uma ilusão. Você só precisa dar esse filho ao lorde. E temos pressa, Margareth. Mesmo assim, temos que encontrar uma maneira de domar esse homem, o mínimo que seja. E que ele assuma a responsabilidade, pois um filho com ele nos garantirá privilégios. Os tempos difíceis para os barões não podem nos tocar e seu pai deixou isso bem claro. Por isso, você tem que deixá-lo aos seus pés e, então, o domaremos — lady Gisela falou e sua criada a ajudou a tirar o véu, revelando os cabelos grisalhos.

— Mas, ainda não sou a noiva... O rei concedeu o tempo para decidirmos.

— Será. Você será a senhora de Davon e comandará tudo com rigidez e moral. Mostre que sabe comandar uma casa e criados. Davon está há tempo demais sem uma castelã.

Alguém bateu à porta e uma das criadas pessoais a abriu. Dois criados apareceram, trazendo cestos com pães, bolos e frutas. Quando saíram, lady Gisela voltou a olhar para a filha.

— Exija e veja se ele é capaz de atender — concluiu e pegou um pedaço de pão.



Depois de jantarem, Emma arrumou um colchão para Rose junto à cama de Madie, que estava felicíssima pela companhia. O quarto era quente e fazia muito tempo que Rose não sabia o que era dormir num lugar seco e seguro, sem que tivesse que se preocupar com a possibilidade de algum homem atacá-la.

Emma havia dito que era viúva e que ali só moravam ela e as crianças. Então, Rose relaxou e se entregou ao sono merecido, ao descanso do corpo e da alma.



William comia, sentindo-se observado pelas duas mulheres à mesa e acabou perdendo o apetite. Encostou-se à cadeira e as encarou.

— As senhoras gostaram do que viram? — perguntou de maneira direta e abriu os braços, exibindo sua figura. Viu que Jack, que estava sentado do outro lado da mesa, apenas sorriu levemente.

— Milorde, creio que não seja o momento para esse tipo de manifestação. —

Lady Gisela o encarou.

— Esse é o meu palácio, senhora, portanto, eu decido se é ou não o momento de questionar minhas hóspedes, que me avaliam desde o momento em que chegaram aqui.

Ele apoiou as mãos sobre a mesa e a encarou com os olhos estreitados. Não estava gostando de ser analisado como um animal, embora soubesse que o rei queria que tanto ele quanto a noiva em potencial se avaliassem.

— Tudo é muito bonito, milorde — Margareth respondeu antes da mãe se pronunciar e fingiu um olhar recatado para o peito largo dele.

— Pensei que não falasse. — Ele se virou para sua pretendente.

— Eu falo, milorde — ela riu e o viu erguer uma das sobrancelhas.

— E a senhora ainda está de luto? — ele perguntou, olhando para o véu que cobria parcialmente o cabelo dela.

— Uma viúva sempre mantém o luto, a não ser que se case novamente — lady Gisela respondeu sem qualquer tipo de simpatia.

— Ou vá para um monastério, não é mesmo? — William deu um leve sorriso de escárnio. — O seu marido já morreu, lady Gisela?

— Não, milorde. — Ela o encarou com raiva.

— Mas soube que a senhora pretende viver em uma abadia...

— O senhor é um homem temente a Deus, milorde?

— Não temo nem a espada, senhora.

— Pois deveria.

— Temer Deus ou a espada? — Ele continuava a encará-la.

— Deus está acima das espadas.

— Acho que nossa conversa começou bem... — ele sorriu sem humor e reparou que Jack bebeu o vinho de sua taça de uma só vez. — As senhoras sabem que Davon é o local onde homens são treinados para serem soldados, não sabem? Onde as espadas estão acima de qualquer outra coisa — aquilo era o orgulho de Davon. Dali saíam os melhores soldados e muitos deles iam para a corte, servir diretamente ao rei. — Ou não lhes contaram isso?

— Essa conversa não diz respeito a nós, mulheres — lady Gisela respondeu e apoiou as mãos sobre o colo.

— Mas minha mulher terá que conviver com soldados, espadas e lutas.

— O senhor obrigará sua mulher a ir ao campo, milorde?

William se cansou daquela mulher, de sua filha sem personalidade, daquela conversa, daquele jantar... Levantou-se.

— Tenho coisas a fazer ainda. Vamos, Jack. — Olhou para seu chefe da guarda, que se levantou imediatamente. — Com sua licença — falou e saiu do salão sem nem olhar para trás.

— Mamãe, acho que a senhora se precipitou um pouco — Margareth disse, olhando na direção por onde o barão saía.

— Temos que testar a corda, Margareth, ou já se esqueceu que ele é conhecido por bater em mulheres?

— A senhora queria que ele a agredisse? — Margareth arregalou os olhos sem acreditar.

— Ainda há corda a ser puxada — lady Gisela declarou e voltou a comer.



William foi para sua sala de livros, seguido de perto por Jack, que fechou a porta e esperou.

— Não, Jack. Não mesmo! — William falou, andando de um lado para outro, precisando socar alguma coisa.

— Você se saiu bem. Foi paciente — Jack comentou relutante, pois conhecia William e sabia que ele estava muito perto de perder a linha.

— Ela está me testando e eu vou testá-la também — William disse com raiva.

— E sua noiva? Não me parece tão ruim quanto a mãe — Jack arriscou e viu um sorriso sarcástico no rosto do barão.

— Ela vai fazer tudo o que a mãe mandar. Aposto meu título nisso!

— Ao menos, ela assumiu que gostou do que viu. — Jack riu e William apenas bufou.

Capítulo 4

Dois dias se passaram e Rose ousava imaginar que, enfim, encontrara um lugar seguro, junto de pessoas que a queriam bem e que lhe faziam bem.

As crianças eram amorosas e inteligentes. Madie cantarolava, mostrando que as necessidades que passavam não eram capazes de ocultar-lhe a felicidade. Thomas era um menino sério, que fazia alguns pequenos trabalhos pela vila para ajudar a mãe, mas quando estava com elas tinha um sorriso aberto e uma curiosidade que fazia seus olhos brilharem, quando enchia Rose de perguntas. Emma era carinhosa e sempre tinha coisas boas a dizer, o que a fazia se lembrar de sua mãe. Logo, Rose estava se sentindo parte de uma família novamente.

Rose ajudara Emma a ajeitar a pequena cozinha e fora se deitar e contar a história dos guerreiros de sua tribo para as crianças. Emma sabia que logo os três estariam dormindo. Ela costurava algumas roupas, quando bateram à porta. Com a vela na mão, abriu a porta e viu, surpresa, o rosto de sua irmã.

— Minha irmã! Quanto tempo! — Emma sorriu, calorosa, e as duas se abraçaram. Hanna era a irmã mais velha de Emma e trabalhava para os Davon desde o casamento do velho barão. — O que a fez sair do palácio?

— Tenho uma proposta a lhe fazer. — Hanna se sentou à pequena mesa da cozinha. — E as crianças? — perguntou, procurando pelos sobrinhos.

— No quarto, já devem ter dormido — Emma respondeu e se apressou em servir um chá para as duas.

Era muito difícil Hanna deixar o palácio, ainda mais para uma visita noturna à vila. Um dos servos do barão ficara do lado de fora junto à carroça, esperando por ela, indicando que seria uma visita rápida.

— Sei que está passando por dificuldades depois da morte de Mark — Hanna disse, apertando a mão da irmã —, e o barão me pediu para contratar mais algumas criadas para o palácio, já que vai se casar.

— Ele vai se casar? — Emma perguntou, admirada, pois o barão já tinha mais de trinta anos e sua fama parecia afastá-lo da possibilidade de um casamento. Afinal, que nobre desejaria comprometer uma filha com um homem que agredia mulheres?

— Coitado! Estou muito penalizada! — Hanna balançou a cabeça.

— Por quê? — Emma perguntou interessada e entregou uma caneca à irmã.

— A pretendente chegou há três dias, mas... Meu Deus! Vai ser muito difícil!

Ela trouxe a mãe e são arrogantes, prepotentes.

— Mas ele não é bom com as mulheres, não é Hanna? — Emma perguntou, observando o rosto envelhecido da irmã.

— Boatos! — Hanna defendeu o barão, por quem nutria grande afeição. — Ele não é um doce, não como Robert, mas não é como o pai. — Ela levantou os ombros e Emma fez uma careta, sem acreditar muito. Sabia que Hanna defenderia o barão acima de tudo. — Olhe só Emma, eu quero que você e as crianças venham para a propriedade do barão. Você poderá trabalhar na cozinha e garantirá casa e comida para Madie e Tomy. Não conseguirá sobreviver por muito mais tempo aqui. Lá estaremos juntas.

Emma sorriu agradecida, realmente sua vida ali, sem marido, não estava fácil e comer se tornava um desafio maior a cada dia.

— Há uma casa pequena, mas muito boa, que foi deixada há algum tempo por uma família que foi deslocada para as terras de Robert, quando se casou. Ela é perfeita para você e as crianças.

— Hanna, há mais uma pessoa que não posso abandonar — Emma anunciou com um sorriso maternal.

— Uma pessoa? — Hanna a olhou, curiosa, pois tinha certeza não se tratar de um novo marido e conhecia o “coração mole” de sua irmã.

— Rose, uma jovem que está precisando de alguém que cuide dela. Estava faminta, com frio e acho que abusaram dela, Hanna. — Seus olhos brilharam lacrimosos. — Ela veio da Irlanda e fala nossa língua com dificuldade, mas é uma moça maravilhosa! Madie se apaixonou por ela!

— E, pelo visto, você também. Não é, querida? — Hanna sorriu, tocando na mão da irmã.

— Quando a conhecer saberá o porquê. E ela pode trabalhar no palácio também. Pode ajudar na cozinha, na limpeza... — Animou-se e seus olhos castanhos brilharam.

— Está bem. Então, mandarei uma carroça bem cedo para buscá-los. — Hanna disse, levantando-se. — Agora tenho que ir, pois estão me esperando para me levar de volta. Estou muito feliz em tê-la comigo!

As irmãs se abraçaram e Hanna partiu de volta ao palácio.



Jack estivera na vila por um dia inteiro, atrás de notícias sobre a tal mulher que William procurava, mas ninguém disse ter visto alguém com aquelas descrições tão fantásticas e, se acaso tivessem visto, não esqueceriam assim tão facilmente.

William ficou ainda mais nervoso e irascível com a falta de notícias. Se já não

bastasse aquelas visitas indesejadas que ele procurava evitar e encontrar apenas na hora das refeições... Teria de dar um jeito naquilo.

Olhava para o escuro do teto de seu quarto e visualizava olhos violeta, que mais pareciam uma mensagem de sua mãe. Desde que estivera em Sunset para resolver o problema com seu irmão, pensava muito na mãe e chegara até a falar com ela, onde quer que estivesse, coisa que jamais havia feito antes. Pedira a ajuda dela para agir certo e ela o inspirara a resolver. Agora, aquela mulher que o deixara atordoado, tinha os olhos que o faziam pensar nas flores do jardim de sua mãe.

Suspirou. Tocou no curativo sobre o ferimento. Não deveria tê-la deixado escapar, não deveria ter bebido tanto, não deveria ter se deixado hipnotizar por aquela mulher e ficado tão sem ação, deveria tê-la agarrado, jogado sobre seu cavalo e a levado para o palácio.

Jack não conseguira notícias na vila e ele o mandara procurá-la nas redondezas. Era impossível que não a encontrasse. Aquela mulher existia. Afinal, aquele ferimento estava ali para garantir que ele não estava sonhando ou que sua bebedeira houvesse provocado alguma alucinação. Preocupou-se ainda mais que a tivesse ferido de alguma forma.



— Ele tem se comportado bem, não acha, mamãe? — Margareth perguntou, enquanto eram preparadas pelas criadas para se deitarem.

— Você não nota a maneira hostil com que nos olha, enquanto comemos? — A mãe falou soltando o cabelo.

— Ele perguntou de David — Margareth deu de ombros.

— Só queria saber se você não contribuiu para a morte de seu marido, isso sim — lady Gisela respondeu e depois suspirou. — Você precisa desse casamento, Margareth, e só por isso estou fazendo o meu melhor para garantir que ele seja um bom marido para você.

— E amanhã? Ele nos convidou para cavalgar e eu nunca montei! A senhora também não! — Margareth falou, preocupada.

— Está nos testando. É capaz de querer que você segure uma espada também.

— Mas, vamos montar?

— Claro que sim! Ele não terá motivos para fugir desse compromisso. Depois, você mandará em tudo.

Capítulo 5

Rose dançava em sua tribo, festejavam. Sua mãe, seus irmãos e seu pai, o guerreiro mais forte e alegre que conhecia, estavam lá e sorriam, felizes. Ela usava um belo vestido branco com pequenas flores coloridas.

A mão quente e grande segurou a sua e a apertou carinhosamente, tirando-a para uma dança. Rose levantou os olhos para seu par e encontrou os olhos azuis e o sorriso encantador no canto daquela boca linda. Seu coração saltou no peito, quando ele a puxou lentamente contra o corpo forte para a dança e ela sentiu seu perfume...

Abriu os olhos sentindo o coração acelerado e o corpo pulsando. Viu que a pequena Madie havia deitado ao seu lado e passara os pequenos braços pela sua cintura. Rose procurou voltar a respirar e concentrou seu olhar na palha escura do teto, tentando se livrar daqueles olhos, daquela boca, daquele corpo...

Ouviu um barulho vindo do quarto ao lado. Afastou, delicadamente, o braço de Madie e caminhou devagar até a porta, abrindo-a. Um galo cantou, anunciando que o dia já despontava e Rose viu várias trouxas arrumadas sobre a mesa da cozinha. Emma apareceu, segurando mais uma trouxa e sorriu para ela.

— Dormiu bem, querida? — perguntou sorrindo, afetuosa. — Vi que Madie, mais uma vez, dormiu em sua cama.

— Dormi bem, obrigada! — respondeu, olhando-a com curiosidade.

— Vamos nos mudar! — Emma explicou, enquanto Tomy aparecia carregando uma pequena trouxa e juntando-a as demais. Ele sorriu para Rose, que retribuiu o sorriso. — Minha irmã trabalha no palácio do barão e estão precisando de algumas criadas por lá. Você acha que pode trabalhar limpando e cozinhando? — perguntou, deixando claro que Rose fazia parte dos planos.

— Posso, Emma. — Rose respondeu, confusa. Apesar de em sua tribo ser uma princesa e não precisar fazer determinados serviços, precisava se acostumar à nova vida e não queria deixar a segurança e o afeto que encontrara junto à família de Emma. — Acha que vão... me aceitar? — Indagou insegura.

— Por que não aceitariam? — Emma pegou em sua mão. — Só não se aproxime muito do barão, apesar de que ele irá se casar em breve, mas não tem uma boa fama com mulheres e você é muito linda — disse, passando a mão pelo rosto dela.

— Não me aproximarei — Rose respondeu, decidida a seguir sua nova

família.

— Ótimo! Então, arrume suas coisas que a carroça já deve estar chegando.



Jack partiu logo cedo, apressado por William que não havia conseguido dormir, pensando se não teria mesmo atacado aquela mulher no estábulo. Imaginar que poderia ter feito algum mal a ela enquanto estava totalmente bêbado o atormentava há dias, pois cada vez que fechava os olhos se lembrava do olhar da mulher, cheio de dor e medo.

— Então, devo procurar a jovem mais linda que existe, que tem os olhos da cor das flores e a pele que parece leite? — Jack perguntou mais uma vez com um leve sorriso, apesar de já saber de cor a descrição da tal mulher misteriosa. — Ah, sim! E devo convidá-la ou sequestrá-la? — Provocou e viu os olhos de William se estreitarem.

— Não me importa. Só a traga até mim — William respondeu, mal-humorado.

— Como queira, senhor barão. Se ela ainda estiver por perto, eu a trarei. — Jack respondeu e saiu, acompanhado por mais dois homens.

William, então, foi organizar o “passeio” que faria com as ladies insuportáveis. Sugerira a cavalgada na esperança de que alguma delas caísse do cavalo, quebrasse alguns ossos ou, no mínimo, que lady Gisela sujasse seu hábito de monja e seu véu fosse arrancado.

Margareth e a mãe não possuíam roupas de montaria e suas criadas tiveram que improvisar.

— Não será melhor dizer a verdade? Talvez, ele compreenda... — Margareth sugeriu, enquanto sua roupa de baixo era amarrada entre as pernas, para que nenhum pedaço de sua pele aparecesse quando montasse.

— Ele vai dizer que você não serve para ser a mulher dele, porque não é capaz de acompanhá-lo a um simples passeio pela propriedade — a mãe falou, irritada. Também não a agradava aquele passeio.

Hanna apareceu à porta e anunciou que o barão as aguardava para o passeio.

— Sem o desjejum? — Margareth perguntou, atordoadas.

— O barão gosta de cavalgar primeiro. Quando retornarem o desjejum estará aguardando — Hanna respondeu.

— Percebo que faltam criados nesta casa — lady Gisela falou com o queixo erguido.

— Já chamamos mais criados, milady — Hanna respondeu prontamente.

— É bom mesmo. Minhas criadas tiveram alguma dificuldade para encontrar quem as ajudasse com os jarros.

— Milady, não tínhamos muitas pessoas aqui no palácio e o barão gosta de

privacidade — Hanna explicou sem se abalar.

— Percebo — ela mediu a criada, avaliando-a.

William fez uma breve reverência às ladies, quando elas o encontraram no saguão. Usava calça de montaria, botas até os joelhos e a camisa, longa e branca, estava presa por um cinto. As ladies foram obrigadas a admirar aquele corpo magnífico, braços musculosos e um peito forte aparecendo pela abertura da camisa. O barão podia ser um canalha, mas nenhuma mulher podia dizer que não era lindo, muito lindo.

Ajudadas pelos criados do estábulo, as ladies montaram em cavalos mansos, que foram selecionados para elas.

— Minha mulher terá sempre que cavalgar comigo — ele falou, olhando-as seriamente. — Não me serve uma mulher que só fique bordando. Ela deve conhecer as terras e as pessoas que moram nelas. Não deve ter nojo ao apertar a mão de um camponês, nem receio de sujar seu vestido ao caminhar no campo — desviou o olhar, dirigindo-o ao campo em frente.

— Exige tanto e exhibe o corpo de forma indecente... — Lady Gisela falou baixinho para a filha.

William a ouviu, mas apenas deu um leve sorriso e saiu cavalgando.



Rose estava sentada com as crianças na parte de trás da carroça e Tomy resolveu que precisava saber mais sobre a família de guerreiros dela, e a encheu de perguntas. O menino se apaixonara por Rose e seus olhos ficavam fixos nela, enquanto falava de sua tribo com aquele sotaque acentuado, escolhendo cuidadosamente as palavras que aprendera.

— Eu vou cuidar de você, Rose. — Tomy prometeu com ar solene e Emma sorriu na parte da frente da carroça ao ouvir a promessa do filho à jovem.

— Sei que vai, Tomy. — Rose sorriu e deu um beijo no rosto dele, fazendo-o abrir um largo sorriso.

— Mas ela é minha amiga. — Madie segurou no braço dela e encarou o irmão com ciúme.

— Você é minha melhor amiga. — Rose a corrigiu com um sorriso e beijou sua testa. Madie sorriu satisfeita. — E Tomy é um guerreiro — completou e viu a satisfação no rosto do menino.

O vento frio soprou. Rose se encolheu com as crianças ao lado das trouxas com os pertences da família e se cobriram com capas. O calor dos corpos era agradável e eles acabaram dormindo.

Jack cruzou com a carroça e reconheceu a irmã de Hanna. Cumprimentou-a alegremente. Ele conhecera Mark, o marido dela.

— Senhora Emma, como vai? — perguntou, parando ao lado da carroça.

— Vou bem, Jack, e você? Como vai a família? — Emma falou, sorrindo como sempre.

— Estão todos bem. E para onde está indo? Está se mudando? — perguntou, olhando para as trouxas na parte de trás da carroça.

— Vou trabalhar no palácio do barão — ela respondeu. — Fiquei sabendo que ele vai se casar.

— É o que veremos... — ele fez uma careta. — E as crianças?

— Dormindo aí atrás — apontou para a capa que os cobria.

— Então, nos encontramos no palácio. — Jack acenou e continuou seu caminho. A carroça com a mudança de Emma seguiu rumo ao palácio.



— Estou faminta e suja! Olha só! Machuquei meu cotovelo, mamãe! — Margareth virou-se para a mãe, mostrando o arranhão no braço. — Estou enjoada e nem fiz o desjejum — choramingou.

Lady Gisela andava de um lado para o outro, furiosa. Percebera o que o barão pretendia. Queria assustá-las, mas havia muito em jogo: seu marido poderia perder um acordo importante com Eduardo e sua filha perderia a oportunidade de encontrar um novo marido que a livrasse de um problema bastante inconveniente. Mas o barão que se preparasse, porque não iria conseguir se livrar daquele compromisso assim e ainda se tornaria um homem brando, por bem ou por mal.

Saiu do quarto à procura da chefe da criadagem. Iria começar colocando ordem na criadagem, que carecia de comportamento mais rígido, mais formal e respeitoso. Era evidente que há tempos não havia uma mulher firme comandando aquele palácio. Soubera da história da esposa do velho barão, que acabou isolada em alguma propriedade rural e, segundo diziam, morrera louca. As histórias que contavam sobre Benedict Davon eram bastante terríveis e comparavam o filho mais velho ao pai, por isso ela resolvera acompanhar a filha e avaliar pessoalmente o pretendente, pois Margareth era bastante influenciável por aparências e facilmente impressionável. Da porta, virou-se para a filha.

— Venha! Hora de conhecer a criadagem e se impor. Vamos colocar ordem por aqui.

Margareth jogou o véu sobre a cabeça e saiu atrás da mãe.

William se sentou em seu escritório, esticando as pernas sobre um banco e sorriu satisfeito. A cavalgada foi muito proveitosa. Andara por horas, fazendo as ladies suarem, forçando-as a beberem a água de um riacho e a apertarem a mão de um camponês que trabalhava na plantação. Ele havia provocado lady Gisela,

dizendo que uma mulher da igreja precisava amar as pessoas simples e a simplicidade. Ela apenas o olhara com raiva e dissera que Deus sabia o que fazia. Ele também teve a satisfação de ver Margareth se enroscar nos galhos de uma árvore com seu vestido espalhafatoso. Aquilo foi muito bom, mesmo.

— Milorde... — Hanna bateu e entrou, aproximando-se e lhe entregando uma taça de vinho.

— Sim? — Ele se virou para a velha criada.

— Eu chamei minha irmã para ajudar aqui no palácio. Precisamos de mais criados e... Ela é viúva, com duas crianças — explicou.

— Fez bem, Hanna — ele assentiu sem se preocupar. Sabia que Hanna faria o que fosse necessário.

— Eu disse que ela podia ocupar a casa de John, senhor.

— Não tem problema.

— Ela está trazendo uma amiga para ajudar, mas ela ficará com Emma.

— Tudo bem.

— Obrigada, milorde! — ela agradeceu e se virou para se retirar.

— Hanna... — ele chamou antes que ela saísse e Hanna se voltou para ele novamente. — Como as ladies estão tratando os criados? — Olhou-a, levantando uma das sobrancelhas.

— Elas... — Hanna hesitou e o barão a encarou. — Dizem que faltam criados no palácio para atenderem às necessidades e não ficaram satisfeitas em saírem antes do desjejum. Reclamaram do tratamento que estão recebendo aqui, barão.

— Ótimo! — Ele sorriu e Hanna o olhou, confusa.

— Milorde, se me permite dizer, não sei se isso fará bem à sua imagem. Nunca recebemos mal um convidado... — disse, apertando as mãos diante do corpo.

— Mas as estamos tratando mal? — Ele não se perturbou. — Só não as tratamos como as rainhas que pensam ser. — Levantou os ombros. — E minha imagem já não é boa, não é? — riu.

— Milorde... Por que não diz ao rei que não quer se casar? — Hanna foi direta e William ficou olhando para ela, que o conhecia muito bem.

— Porque prometi que iria tentar — respondeu e, sem saber por que, lembrou-se das surras que seu pai dera na mulher.

Ele se achava parecido com o pai, mas o tempo que passou com Robert, Lise e sua bela sobrinha, Elene, o mostrou que não. Ele era, sim, capaz de amar uma criança, de admirar uma mulher, de se permitir imaginar uma vida diferente para si, mas não com uma mulher como Margareth.

— Vou preparar seu banho e o desjejum — Hanna afirmou e saiu, deixando William com seus pensamentos.

Quando Hanna voltou à cozinha, encontrou os criados acuados diante de lady Gisela e de Margareth. Eles a olharam, apelando para que os ajudasse, pois, ao que parecia, levavam uma descompostura. Até o chefe da cozinha, um homem corpulento e que sempre tinha um sorriso nos lábios, estava ligeiramente pálido e rígido.

— Miladies, há algum problema? Desejam alguma coisa? — Hanna perguntou, aproximando-se e recebeu um olhar acusador de lady Gisela.

— Minha filha precisava conhecer a criadagem e, como será senhora desse palácio, a maneira como a casa será coordenada deve seguir suas instruções. Não concorda comigo? Como é seu nome mesmo? — Lady Gisela a encarou e a observou com desdém.

— Hanna, milady — ela respondeu e apertou as mãos diante do corpo, evitando o desejo de avançar sobre a velha arrogante.

— Hanna... É você quem coordena o palácio, não é mesmo?

— Sim, milady.

— Então, é sua responsabilidade que esses criados sejam tão incompetentes e que não prezem por vestimentas adequadas? Que homens estejam na cozinha, preparando os alimentos e não apenas cuidando da lenha e da sujeira? — A lady olhou para os criados na cozinha, trajados com roupas de trabalho.

— Roupas adequadas ao trabalho na cozinha, na horta, na limpeza, milady? E Utti é um excelente cozinheiro, além de ser uma pessoa de bem, assim como todos os que trabalham no palácio. — Hanna falou, segurando-se para não ser mal-educada. — Lady Elene sempre apreciou mais a qualidade das refeições e o respeito dos criados, e é assim que o barão aprecia. Inclusive, ele faz questão de conhecer pessoalmente cada criado pelo nome, de saber o que faz, de falar com eles, de saber onde e como vivem.

— Isso não é adequado.

— Mas é o que ele faz e como quer que façam — Hanna declarou com teimosia. — Podemos auxiliá-la em mais alguma coisa?

Lady Gisela a encarou com raiva e olhou para sua filha, que parecia horrorizada pela resposta que uma mera criada dera à altura, sem baixar os olhos.

— Venha, Margareth, seu futuro marido terá de saber que haverá uma nova senhora nesse palácio — Lady Gisela falou e as duas saíram da cozinha.

May, a cozinheira, soltou o ar com força e apertou o pano que segurava entre as mãos.

— Hanna, o que será de nós se o barão se casar com essa mulher? — perguntou, aflita.

Hanna ainda franzia o cenho. Lady Gisela queria ver Davon transformada em

um mosteiro e ousou questionar a maneira como o barão comandava a própria casa. Ela rezou para que William não cedesse apenas para agradar ao rei.

Capítulo 6

— Olha! O palácio! — Madie exclamou admirada, apontando para a bela e bem cuidada construção. — Não é lindo? — Virou-se sorridente para Rose, que confirmou. — Nós vamos poder entrar lá, mamãe? — Olhou para a mãe, que seguia à frente na carroça.

— É melhor não, querida. O barão não gosta de crianças — respondeu, fazendo uma careta e Madie se ficou pensativa. — Nós vamos direto para nossa nova casa. — Emma tentou animar a filha.

Rose imaginava como seria aquele barão que não tratava bem as mulheres e não gostava de crianças. Um monstro, com certeza.

A casa era maior do que a que Emma possuía na vila e ela ficou feliz. Era de pedras, com um telhado de palha muito bem trançada e bem cuidado, como tudo na propriedade. Possuía uma pequena chaminé, indicando a presença de uma lareira, o que manteria a casa aquecida no inverno rigoroso da região.

As crianças desceram animadas da carroça e correram para conhecer seu novo lar. Rose ficou feliz ao ver que Emma sorria, enquanto pegavam seus pertences. Olhou ao longe, para o palácio. Era um lugar belíssimo. Ela vira os jardins que cercavam a construção. Tudo ali era muito bem cuidado. O barão deveria ter um administrador muito bom, pensou.

A casa era cercada por um muro baixo, de pedras encaixadas, e realmente era encantadora. Tinha uma cozinha aconchegante e dois quartos com camas de palha fofa, o suficiente para abrigá-los. Tudo foi rapidamente descarregado da carroça e Emma, Rose e as crianças se apressaram em ajeitar a casa, deixando o lugar com aparência de lar.

Hanna e um rapaz jovem apareceram um pouco depois, carregando cestos com pães, grãos e carne. Sorridente, Hanna abraçou a irmã e os sobrinhos, e olhou curiosa para a bela jovem que estava com eles.

— Rose, esta é minha irmã Hanna. Ela é a castelã do barão Davon. — Emma as apresentou.

— Como vai? — Rose sorriu, tentando disfarçar ao máximo o sotaque.

— Emma! Ela é linda! — Hanna sorriu, admirada, reparando em uma marca avermelhada em seu pescoço. Lembrou-se do que a irmã disse, sobre achar que alguém a havia molestado.

— Acha que terá algum problema se ela for me ajudar no palácio? — Emma

perguntou.

— Oh, sim terá! — Hanna respondeu e Rose olhou assustada para Emma. Queria ajudar e não esperava que fosse um problema para eles. — Os idiotas que trabalham na cozinha, como esse aqui, por exemplo, vão errar tudo o que tem de fazer, quando olharem para ela. — Cutucou o rapaz, que olhava para Rose com a boca ligeiramente aberta.

Tomy encarou o rapaz com fúria.

— Senhora, posso me cobrir — Rose disse, preocupada.

— Esse seu rosto lindo não deve permanecer escondido, Rose. — Hanna deu um tapinha de leve no rosto rosado dela, mas pensou na fúria que lady Gisela poderia dirigir à bela jovem. — Mas, eu trouxe vestidos de trabalho e toucas para vocês — anunciou, estendendo uma pequena trouxa. — Vou precisar de vocês ainda hoje. O barão precisa de criados que ajudem as ladies e sirvam a ceia.

— Estaremos prontas, Hanna. Obrigada! — Emma falou, animada.

Tomy, embora emburrado, ficou encarregado de cuidar da irmã até que elas retornassem para casa. Emma deixou a refeição pronta. Ela e Rose se trocaram, ajeitaram os cabelos sob as toucas e foram em direção ao palácio. Rose pediu secretamente a Tomy que guardasse sua adaga, que era seu tesouro, e o menino assumiu a responsabilidade.

Rose nunca havia entrado em um lugar como aqueles. Era muito grande. Em sua tribo, as casas dos líderes eram maiores e mais confortáveis do que as outras, mas nada se comparava àquele lugar. Era deslumbrante, com tapeçarias finas e candelabros de cobre.

Ela e Emma foram apresentadas ao chefe da cozinha, um homem forte e grandalhão, com o rosto bastante vermelho e um sorriso de dentes tortos, que era conhecido como Utti.

— Venham, preciso que o barão as veja e saiba que são as novas criadas. Ele é um homem muito presente na administração da casa e das terras, e gosta de conhecer os criados pessoalmente. Talvez, por isso, não tenhamos tanta gente trabalhando aqui. — Hanna sorriu, enquanto as conduzia por um corredor iluminado por archotes de cobre.

Emma pegou na mão de Rose, que se lembrava de tudo que ouvira sobre o temível barão. Quando se aproximaram da saleta, escutaram a voz seca de uma mulher.

— Isso é inaceitável! Uma criada que ousa olhar nos olhos de uma nobre e ainda nos enfrentar? Homens trabalhando livremente na cozinha?

As três pararam do lado de fora do corredor e Hanna apertou os lábios, enquanto sua irmã a olhava assustada.

— Hanna é muito importante nesse palácio, milady. Ela pode olhar como quiser para quem quiser. E a senhora tem algo contra homens?

A voz grave de William mostrava que ele se controlava para ser educado.

Rose reparou que o barão, que certamente era quem estava naquela sala, tinha grande afeto pela irmã de Hanna e que a defendera diante da fúria de uma nobre. O que a fez admirá-lo sem conhecê-lo. Imaginou como ele poderia não gostar de crianças e ser violento com as mulheres.

— Milorde, o que minha mãe tenta dizer é que com uma nova senhora, as orientações no palácio serão de sua esposa e que o senhor não terá mais que se preocupar ou se envolver. — A voz mais baixa era de Margareth.

— Eu faço questão de me envolver e minha esposa terá que aceitar isso, lady Margareth. Minha casa não será transformada em um mosteiro! — A voz dele se elevou.

Hanna olhou para sua irmã e assentiu, aprovando a resposta do barão.

— Há mais alguma questão, miladies? — o barão perguntou com impaciência.

Hanna bateu à porta. Não iria perder a oportunidade de ver as duas mulheres confrontadas. Fez um sinal para que Emma e Rose esperassem e entrou.

— Milorde... — Hanna se viu encarada com raiva pelas duas mulheres.

— Hanna! Que bom que apareceu. — William se levantou e saiu de sua mesa, indo até ela. — Essas senhoras a ofenderam de alguma maneira? — perguntou diretamente e viu o horror se estampar no rosto das ladies.

— Não se preocupe, milorde, já expliquei às ladies como é o funcionamento do palácio — ela respondeu com um sorriso.

— Não deixe de me informar qualquer coisa — ele disse e viu as duas figuras paradas à porta. — Quem são?

— As novas criadas, milorde. Expliquei a elas que o senhor gosta de conhecer os criados pessoalmente e chamá-los pelo nome — Hanna falou sem olhar para as ladies, mas sentiu a hostilidade que emanava delas.

— Muito bem! — Ele sorriu.

Rose tremia inteira, pois, assim que o barão saíra detrás de sua mesa e ficara de pé no meio da saleta, ela o reconheceu. Era impossível não fazê-lo, pois ficara tão impressionada pela figura dele que até sonhara. E, quando ele sorriu, soube que tudo estava perdido para ela. O homem que a atacara, que ela esfaqueara e de quem fugira, era o barão Davon, de quem tanto mal falavam.

Entretanto, ela o ouvira defendendo a criada, o que era admirável num homem em sua posição. Seu coração estava disparado e ela não sabia o que fazer ou pensar. Ele a reconheceria? Puni-la-ia por tê-lo ferido? Estava aliviada por vê-lo bem, mas temia.

— Entrem. — A voz de Hanna a fez se encolher ligeiramente, mas o que

desejava era sair correndo.

Emma a pegou pelo braço e a sentiu tremer.

— Está tudo bem, Rose — disse afetuosamente.

— Emma e Rose são as novas criadas, milorde. Ajudarão na cozinha e servirão no que for necessário. — Hanna as apresentou. — Emma é minha irmã e é da maior confiança. — Pegou na mão da irmã.

— Bem-vinda, Emma! Hanna me disse que ficará na casa que foi de John e que é viúva.

Lady Gisela olhou para a filha. As duas observavam como o barão recebia as novas criadas e, sem dúvida, ele foi mais gentil do que era com elas.

— Sim, milorde. E agradeço — ela disse, com um leve sorriso.

Rose estava gelada e suas pernas não queriam se mexer. Por que os deuses traçavam as linhas do destino daquela maneira? Por que ela tinha ido parar exatamente nos domínios do homem que encontrara naquele estábulo? E por que ele tinha que mexer tanto com ela? Como ele era lindo! E grande!

Rose não conseguia respirar. Lembrava-se daquele corpo sobre o dela, daquela mão em sua perna. Naquele momento, rezou para que ele não se lembrasse dela, que estivesse tão bêbado naquele dia que não se recordasse do seu rosto.

— E essa é Rose — Emma esticou a mão, tentando alcançar o braço de Rose, que dera dois passos para trás ao invés de dois para frente.

— Venha, Rose! — Hanna insistiu e Rose deu um passo à frente de cabeça baixa, sem olhar para aqueles olhos azuis torturantes.

— Olá, Rose! — William sorriu de forma cortês e reparou que a jovem não olhou para ele. Aproximou-se e se colocou diante dela, curioso. Com certeza, sua fama deixara a criada com medo dele.

Rose sentiu aquele corpo grande que se aproximou dela e pensou que seria melhor se, naquele momento, perdesse os sentidos. Estava apavorada e seu corpo pulsava.

— Posso ver seu rosto? — ele pediu gentilmente. — Eu gosto de conhecer meus criados.

— Rose? — Emma não estava entendendo o comportamento dela. Devia estar com medo do barão por tudo o que tinha ouvido sobre ele antes de conhecê-lo.

Rose levantou o rosto, que estava vermelho, olhou para o barão e percebeu que ele a reconheceu.

William achou que seu coração havia parado de bater, quando Rose olhou para ele e se vira encarado por aqueles olhos da cor dos lírios. Desceu os olhos para os lábios carnudos, entreabertos e notou a respiração ofegante. Era a mulher que ele procurava e agora ela estava ali, diante dele, mais linda do que se lembrava.

Será que ela o reconheceu? O que devia fazer? E se ele a havia atacado? Seu

coração começou a bater como o trote de cem cavalos e a viu se afastar novamente até encostar-se à porta.

Hanna olhou para Emma que não sabia o que fazer. O barão olhava para Rose com um encantamento tal que deixou Emma sem saber o que pensar. Se ela o conhecesse melhor, poderia achar que havia se apaixonado imediatamente, mas o barão tinha uma fama contrária, embora ela tivesse consciência da beleza da jovem.

Lady Gisela e sua filha também perceberam a mudança no rosto do barão. A nova criada, que se afastara, era linda e ele ficou impressionado, sem qualquer dúvida. Lady Gisela cerrou as sobrancelhas escuras. Ali estava o teste do barão! Um sorriso vingativo se formou em seus lábios.

Margareth balançou a cabeça, chocada. William Davon olhava para a criada com tanto encantamento que a fez invejar a jovem e, ao mesmo tempo, sentir a raiva crescer. Por que ele não a olhara daquela maneira quando a conhecera? Ela teria se lançado aos seus pés, sem sequer piscar.

— Barão? — Hanna tocou no braço dele, que demorou a responder. Ele esticou o corpo e respirou fundo. — Posso mantê-las? — Ela analisava a expressão dele, jamais vira igual naquele belo rosto em toda sua vida.

— Sim — a voz saiu rouca e ele piscou com força.

— Se nos der licença, então... Temos muito o que fazer para atender as ladies. — Hanna falou e pegou no braço de Rose, saindo da sala.

— Há criadas perigosas... — lady Gisela declarou e viu o olhar mortal que o barão lhe dirigiu. Ela lhe devolveu um sorriso irônico. — Vamos, Margareth! — Retirou-se com a filha.

William, ainda sem palavras e experimentando sensações intensas que o pegaram de surpresa, deu alguns passos para trás, apoiando-se em sua mesa e olhando para a porta que Hanna fechara. Será que ela se lembrara dele? O estábulo estava tão escuro naquela noite. E ele estava bêbado, descabelado... Ela o olhou com tanto medo, que um frio correu por sua espinha. Ele a teria... ferido de alguma forma? Atacado?

Respirando com dificuldade, começou a andar de um lado para outro dentro do cômodo, que ficara apertado demais. Nunca! Nunca sentira o que estava sentindo naquele momento. Passou a mão trêmula pelo cabelo.



— O que foi aquilo? — Emma olhava de Hanna para Rose, que agora caminhava com a cabeça baixa.

Rose, com o rosto pálido, rezava para que ele não tivesse se lembrado dela, apesar de ter percebido o reconhecimento naqueles olhos azuis como o céu da

primavera. Mas o estábulo estava escuro naquela noite e ele estava bêbado...

— Oh, minha irmã! Eu o conheço há muitos anos... — Hanna olhava para a jovem, que apertava as mãos diante do corpo enquanto andavam. — Acho que foi ferido... — falou e viu Rose olhar para ela assustada. Será que sabiam que ela havia atingido o barão com uma adaga? — Muito, profundamente... — a castelã balançou a cabeça e acabou sorrindo.

— Ferido? — A voz fraca e trêmula de Rose se fez ouvir.

— Onde estão esses criados? — Elas foram surpreendidas por uma voz ríspida que veio do corredor.

— Ah, sim! Nossas hóspedes. — Hanna fez uma careta e suspirou. — Venham — chamou e as três seguiram pelo corredor.

Emma não tirava os olhos de Rose. Algo lhe dizia que acontecera alguma coisa naquela saleta e ela tentava compreender o quê, exatamente.

No meio do caminho, encontraram lady Gisela e a filha, que as encararam com hostilidade.

— Eu quero essa criada para nos servir — a velha apontou para Rose.

Hanna arqueou as sobrancelhas. Se lady Gisela vira o mesmo que elas na sala dos livros do barão, certamente iria querer provocá-lo usando Rose.

— Lamento, milady, mas elas chegaram agora e preciso mostrar onde elas encontram as coisas e os aposentos, para que não se percam e possam servi-las melhor. Depois, ela poderá atendê-las. — Hanna pegou Rose pelo braço e seguiu pelo corredor.

— Insolente!

Elas ouviram a mulher dizer e a filha completar:

— Quando eu for a senhora desse palácio, essa mulher irá embora!



Emma olhou para Hanna, que seguia séria pelo corredor. Quando chegaram de volta à cozinha, elas voltaram a respirar normalmente.

— Meu Deus! O que foi tudo aquilo, Hanna? — perguntou, aflita.

— A mãe e a pretendente do barão. O rei está impondo um casamento e eu rezo para que o barão não ceda, e coloque essas mulheres para fora daqui o quanto antes.



O que fazer? William nunca se sentira tão inseguro em toda sua vida. Nem quando precisara fazer um arranjo que poderia custar sua vida e a de seu irmão, ao mentir para o rei sobre a morte de Lisbeth. Nunca sentira medo antes nem mesmo em batalhas, mas não sabia o que fazer com o que estava sentindo. Ver o olhar apavorado de Rose para ele o deixou com um nó no estômago. Precisava

falar com ela. Queria ter tocado em seu rosto e naquela marca vermelha em seu pescoço, que certamente foi ele quem deixou. Ela enfiara uma adaga nele, mas a dor que sentia era por ela.

— Droga! — esbravejou, jogando seus papéis no chão e saiu.



Emma observava Rose atentamente. Ela ficara tensa e pálida, desde que haviam sido apresentadas ao barão. Hanna as deixara na cozinha e dissera que não iria permitir que as ladies as levassem para seus aposentos naquele dia, para que pudessem se preparar devidamente.

Todos na cozinha as receberam com alegria e Rose percebeu como os criados admiravam o barão. Ela presenciara como ele agia com eles. Ele defendera Hanna diante das duas ladies! Como um homem que fazia aquilo poderia ter a fama que se espalhava por toda a corte? Ele a agredira, mas estava escuro e ele havia bebido. Era um nobre e atentados eram comuns. Ele reagira e ela também, o apunhalando junto às costelas.

William Davon a fazia se lembrar de seu pai e de seus irmãos mais velhos, todos vítimas de inimigos, por mais fortes e corajosos que tivessem sido.

— Rose? — A voz de Emma a puxou de volta para a cozinha e ela percebeu que uma lágrima havia descido pelo seu rosto. — Está tudo bem, minha querida? — perguntou, preocupada.

Rose passou a mão pelo rosto, respirou fundo e assentiu.

— Quer ir para casa? Eu explico à Hanna, ela vai entender. E você também dá uma olhada nas crianças.

— Isso não vai prejudicar você, Emma?

— Creio que não. Vá! Nós nos veremos depois que eu servir a ceia.

Rose pegou na mão de Emma.

— Obrigada!

— Depois vou querer que me conte o que aconteceu — a amiga falou, séria.

— Contarei — Rose assentiu e saiu rapidamente da cozinha. Praticamente, correu de volta para casa. Ofegante, parou junto ao muro de pedra e tentou respirar normalmente.

Tomy apareceu, vindo de trás da casa, carregando alguns tocos de madeira.

— Rose! — Ele sorriu animado ao vê-la. — Mamãe está com você?

— Ela virá mais tarde — respondeu, ajudando-o com a lenha. — Ela pediu para eu vir mais cedo e ver como vocês dois estavam.

Madie apareceu na janela e depois correu até Rose, abraçando-a e sorrindo.

Rose se sentiu acolhida e os sentimentos ruins foram levados embora. Só restaram as estranhas sensações que nada tinham a ver com o medo de ser

descoberta ou punida.

Capítulo 7

William foi procurar Jack e o encontrou no campo de treinamento, com o grupo de vinte jovens que se preparavam para servir ao rei. Eles se afastaram e se sentaram na choupana a alguns metros de distância e William falou sobre Rose. O velho soldado ficou completamente admirado com o que ouvia.

— William, já pensou que ela pode ser a arma usada por algum inimigo para conseguir matá-lo? Você não acha estranho que vocês tenham se encontrado na vila? Ela tentou feri-lo e, agora, aparece do nada para trabalhar como criada.

— Nunca mais repita isso, Jack! Ela... Não. Definitivamente, não. Eu a ataquei. Eu a feri. Vi que ela está com o pescoço marcado. — Ele andava de um lado para outro, nervoso. — Ela veio para cá com Emma, a irmã de Hanna, e eu confio totalmente em Hanna.

— Nossa! — Jack deu um assobio. — E eu cruzei com a carroça que trazia Emma. A moça devia estar deitada com as crianças na parte de trás e eu não olhei. — Balançou a cabeça.

— Crianças? — William perguntou, interessado.

— Emma tem duas crianças pequenas, se não me engano, um menino e uma menina.

William fitou os jovens soldados que lutavam no campo. Pensou em Elene, sua sobrinha e em como sentia falta da alegria de crianças ali. E elas tinham chegado junto com Rose...

— O que eu faço, Jack? Devo falar com ela? Pedir desculpas? Ela me olhou apavorada e quase saiu correndo.

— É isso que quer fazer?

— Acho que é o que preciso fazer. Se ela vai trabalhar no palácio, preciso que não tenha medo de mim, que confie que não a machucarei novamente.

— Então, fale com ela. Você nunca teve problemas para falar com mulheres. — Jack riu. — Mesmo deixando aquela fama se espalhar... — ficou sério novamente. — Vai ver, Rose ouviu falar muito de sua fama, então você a atacou e o medo aumentou quando o viu novamente.

William não queria que ela o visse daquela maneira ou que tivesse medo dele.

— Vou falar — murmurou e soltou um suspiro.

— Que tal uma luta para relaxar um pouco? — Jack sugeriu, batendo no ombro de William.

— Acho bom, porque estou quase enfiando uma espada naquela velha insuportável que quer transformar minha casa em um monastério. — Ele se levantou, tirando a túnica. Havia uma faixa circundando seu abdome, cobrindo o ferimento.

— E esse ferimento, está melhor? — Jack olhou para o local onde estava a faixa.

— Está ótimo! — E não o deixaria esquecer jamais daquele encontro com a bela mulher que o encantara com seus olhos e sua pele.



— Hoje você deve ficar a sós com o barão depois da ceia. Mostre suas qualidades, o encanto... Descubra o ponto fraco dele. Já sabemos que ele se preocupa com os criados, principalmente com Hanna. Sabemos que ele gosta de beber, mas desde que chegamos foi bastante comedido.

— Ele me evita, mamãe — Margareth falou, desanimada. — Se me olhasse como olhou para aquela criada hoje... eu o teria na palma da mão — completou com raiva.

— Cuidaremos dela também — lady Gisela declarou, pensando em como desfazer aquele encanto.



William voltou ansioso para o palácio. Iria pedir para Hanna levar Rose até ele na sala dos livros. Pediria desculpas e gostaria de ouvir a voz dela. Lavou-se, trocou a túnica e procurou Hanna. Na cozinha, encontrou apenas Emma com Jonathan, Utti e May.

— Rose não está aqui? — perguntou. Talvez, Rose estivesse na despensa.

— Milorde... — Emma o olhou, nervosa. — Eu... Ela não estava muito bem e pedi que voltasse para casa. Perdão! Hanna disse que, como hoje é o primeiro dia, não teria problemas e... — sua voz tremeu.

— Emma — ele colocou as mãos nos ombros dela. — Não há nada de errado nisso, certo? — Sorriu para tranquilizá-la. — O que ela estava sentindo? — Aquilo o preocupava mais.

— Não sei, milorde, ela não me contou — mas contaria quando chegasse em casa.

— Jack me disse que você tem duas crianças — ele falou e ela sorriu, ainda nervosa.

— Sim.

— Como se chamam?

— Thomas e Madeleine. Mas não precisa se preocupar, milorde, são crianças obedientes e não irão se aproximar.

— Por quê? — Ele arqueou as sobrancelhas.

— Por quê? — Ela não entendeu a pergunta.

— Por que eles não vão se aproximar? — Aquela informação o feriu mais do que imaginava.

— Não queremos incomodá-lo e elas nunca viram um palácio, são curiosas e...

— Acredita que eu possa fazer mal a seus filhos? — indagou com o bolo no estômago o atingindo novamente.

Emma o olhou por um momento. Por que falavam tantas coisas ruins sobre ele?

— Milorde, me perdoe! Eu não desejava desagradá-lo de alguma forma.

— Diga, Emma, por favor — ele pediu suavemente, embora já soubesse o que ela iria responder.

— Milorde... — ela suspirou e depois ergueu os olhos para o rosto dele, precisava ser sincera, mesmo que aquilo custasse o trabalho recém-conquistado. — Dizem que o senhor não gosta de crianças — falou devagar e viu uma espécie de tristeza cruzar rapidamente os olhos dele.

— Entendo.

— Mas... se o senhor quiser, meus filhos irão adorar conhecer o palácio. — Ela corrigiu rapidamente.

— Pode trazê-los, Emma — ele respondeu e respirou fundo. Depois, virou-se para sair.

— Milorde... — Emma o chamou e ele se virou. — Obrigada!

William assentiu e saiu.

Emma ficou olhando para a porta e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Ele deixou que falassem dele, Emma, e Hanna diz que é para que o deixem em paz, mas como viver com essa marca? Ele não é igual ao pai, mas deixa que todos pensem que sim — May falou, penalizada.

William saiu do palácio andando devagar pelos jardins que o cercavam. Sua mãe tentara manter aquele jardim enquanto viveu em Davon e, quando ela partiu para Sunset, o pai dele deixou que as flores morressem e impediu qualquer um de cuidar dos canteiros. Quando o pai morreu, William mandou que recuperassem os jardins e eles ficaram lindos novamente, mas sua mãe nunca mais voltou.

Pensou novamente na mãe. Quando esteve em Sunset, para resolver a confusão criada por seu irmão ao se apaixonar pela mulher que deveria se casar com ele, pediu a ajuda da mãe, onde quer que ela estivesse, e havia descoberto uma maneira de ajudar o irmão a ser feliz com a mulher que amava. Seria muito pedir que ela o ajudasse novamente?

Seguiu caminhando e, sem que se desse conta, viu-se próximo à casa que Emma ocupava com seus filhos e Rose. Ele parou, olhando para a casa simples e viu a menina de cabelos castanhos que brincava detrás do muro de pedras. Sentiu saudades de Elene, de seu sorriso doce e olhos expressivos, de sua mãozinha que o puxava, enquanto tentava andar. Um menino apareceu à porta, o outro filho de Emma, e falou alguma coisa para a menina, que correu alegremente para dentro.

Emma dissera que Rose tinha ido para casa porque não estava se sentindo muito bem e ele se sentia culpado. Tinha que fazer alguma coisa. Ajeitou o cabelo, esticou o corpo, respirou fundo e caminhou até a pequena casa.

Rose havia feito bolinhos com algumas framboesas que encontrou escondidas no meio do mato, nos fundos da casa e que precisava ser aparado. Ela esquentou o leite e se sentou com as crianças para comer.

— Você viu o palácio? — Tomy perguntou, curioso, mordendo o bolinho com gosto.

— Um pouco.

— A cozinha é grande? — Madie inquiriu, interessada, enquanto lambia os dedos.

— Ah, sim. E várias pessoas trabalham nela.

Alguém bateu à porta. Tomy se levantou com seu jeito sério e foi abri-la. Madie, curiosa, foi atrás e Rose não podia ficar sentada deixando as crianças atenderem quem quer que fosse, mas sentiu as pernas fraquejarem quando ouviu a voz do barão e se encostou à parede para não ser vista.

— Vocês devem ser Madelaine e Thomas, os filhos de Emma. Acertei?

— Quem é o senhor? — Thomas perguntou, desconfiado.

— Sim! Eu sou Madie! — a menina respondeu com seu jeito amistoso.

— Sou William — ele respondeu e Rose sentiu o coração acelerar.

William... Aquele homem a confundia. Ele poderia ter se apresentado como o barão, dono daquelas terras e de tudo que havia ali, mas, simplesmente, apresentara-se como um homem comum.

— Oi, William! Nós estamos comendo bolinhos de framboesa que a Rose fez. Quer experimentar? Estão deliciosos!

— Madie! Lembra o que a mamãe disse sobre falar com estranhos? — Thomas arguiu corajosamente.

Rose admirou o menino, que sabia ser protetor.

— Rose... Ela está? — o barão inquiriu e o coração de Rose pareceu que ia sair pela boca.

— Sim! — Madie falou sorridente.

— O que quer com a Rose? — Thomas não era nada amistoso.

Rose não podia ficar covardemente escondida, enquanto as crianças lidavam

com o barão. Sua tribo era guerreira e sua mãe iria repreendê-la se a visse fazendo aquilo. Por isso, respirou profundamente e saiu de seu esconderijo, indo em direção à porta. Notou que os olhos dele brilharam quando a viu.

— Tomy, está tudo bem — ela falou para tranquilizar o menino, embora sua voz tivesse tremido e seu sotaque saíra acentuado. — Milorde... — fez uma leve reverência e viu os olhares surpresos e admirados das crianças.

— Milorde? — Thomas perguntou e seu rosto ficou vermelho ao perceber que confrontara um nobre.

— O barão que não gosta de crianças? — Madie, com sua ingenuidade infantil, perguntou e voltou a olhar para o homem simpático parado à porta, como se as informações não combinassem.

Rose tocou nos ombros das crianças. A situação não poderia ser mais constrangedora.

— Perdoe, milorde! — ela disse, tentando não olhar para o rosto dele. — Crianças gostam de histórias e...

— Rose... — a voz dele saiu rouca e lenta, como se degustasse o nome dela. — Não se preocupe.

— O senhor ainda quer bolinhos? — Madie sorriu e pegou na mão do barão sem cerimônias.

William sentiu a mão pequena que segurou a sua com confiança. Ele se abaixou, ficando com seu rosto próximo ao de Madie, sorriu e tocou no queixo delicado dela. Em sua ingenuidade, Madeleine, simplesmente, aliviara o peso que ele estava carregando. A menina vira nele alguém em quem podia confiar e aquilo o aqueceu. Era daquilo que ele precisava no momento. Alimentou-se da esperança de que conseguiria apagar também a lembrança traumática que Rose tivera com ele.

— Será que posso experimentar? Parece delicioso! — ele disse e ergueu os olhos para Rose. O rosto dela ruborizou fortemente.

Thomas ficou entre ela e o barão, enquanto Madie abria seu melhor e espontâneo sorriso para o homem grande à sua frente.

— Podemos convidar ele, Rose? — perguntou com seus olhos castanhos brilhantes.

— Talvez o barão não deseje simples bolinhos de framboesa, Madie — Rose falou devagar e viu o barão se erguer para olhar diretamente para ela.

Ele era o homem mais lindo que ela já vira. Sua postura e corpo eram de um guerreiro, mas a suavidade com que segurava na mão da pequena Madie mostrava algo mais que encantou Rose, assim como a tinha encantado vê-lo defendendo Hanna diante das ladies horas antes.

— Eu ficaria feliz de experimentar, se Thomas permitir que eu entre em sua

casa, claro — ele falou e se voltou para o menino, que o olhava sério, protetoramente parado diante de Rose. — Você permite, Thomas? Que eu entre e coma um delicioso bolinho de framboesa em sua casa?

Thomas sentiu o respeito que aquela pergunta possuía. Ele era o homem da casa. Era o responsável pela segurança de sua irmã e também de Rose. O barão pedir sua autorização fez seu peito inflar. O menino assentiu.

— Obrigado! — William falou e olhou para Rose. Ele só entraria se ela permitisse. Notou aquela marca rosada no pescoço dela que, tinha certeza, era da sua mão e se odiou por aquilo mais uma vez. — Rose? — perguntou, inseguro. Ela poderia se negar a falar com ele e estaria certa, mas desejava ardentemente falar com ela. Ouvira-a falando e seu sotaque forte era simplesmente encantador.

Rose sentiu as mãos tremerem. O barão pedia sua autorização para entrar na casa que era dele! Ela não poderia negar que entrasse ali, jamais.

— Por favor, milorde... — falou baixo e se afastou para que ele cruzasse a porta.

— Obrigado, Rose! — ele agradeceu sem deixar de olhá-la, como se estivesse tocando o contorno de seu rosto, testando o gosto do seu nome, o que a fez se arrepiar.

Madie, indiferente ao clima entre o barão e Rose, puxou-o pela mão até a cozinha pequena e simples.

— Tem leite também! — A menina falou e se sentou à mesa, pegando sua caneca de leite.

Tomy também se sentou, observando o barão com atenção e suspeita.

— Por favor, milorde... — Rose indicou a cadeira para ele.

— Primeiro você — ele deu um leve sorriso e viu o rosto dela corar, o que a deixou ainda mais linda.

Eles se sentaram e William se serviu de bolinhos e leite sem qualquer cerimônia. A casa era simples, mas sentia-se acolhido ali, ao lado das duas crianças e de Rose, embora ela parecesse ter dificuldades para comer na presença dele. O bolinho estava delicioso.

— Está muito bom — elogiou e viu os olhos dela brilharem.

Aqueles olhos o enfeitiçaram desde o primeiro momento em que os viu, mesmo na penumbra, mesmo quando estava bêbado. Não os esquecerá.

— O senhor sabia que na terra da Rose existem fadas? — Madie falou animada, com um bigode de leite.

— E guerreiros também — Tomy completou, sério, porque não podia deixar passar aquele detalhe importante.

William a observou e viu um leve sorriso nos lábios rosados.

— Bem... pelo que sei das fadas, elas são muito belas. Acredito. — Ele falou

para Madie e com o canto os olhos viu Rose apertar as mãos sobre o colo. — E guerreiros lutam bem, não é? Eles ferem os inimigos para se defenderem — disse para Tomy, mas viu que Rose ofegou, nervosa. — Mas estão certos.

— Eu serei um guerreiro — Tomy respondeu, ignorando a mensagem velada que o barão havia dirigido à Rose, que lhe ferira para se defender. Esperava que ela tivesse entendido.

— Tenho certeza que sim — William assentiu e dirigiu um sorriso encorajador ao menino, que o sorriu de volta, satisfeito. — De onde você veio, Rose? — perguntou e viu o medo no rosto dela.

— Éire... — ela respondeu num sussurro. E se o barão quisesse mandá-la embora dali, de volta à Irlanda? Ele havia falado do ataque que sofrera. Mas ela não podia voltar à sua terra.

— *Is áit álainn Éire* — ele disse e a viu arregalar os olhos violeta, incrédula. — Estive na Irlanda — completou.

— O que quer dizer? — Tomy perguntou, curioso. Afinal, o barão sabia falar a língua de Rose.

— Eu disse que Éire é um belo lugar.

A pequena Madie estava com os lábios abertos de admiração.

— O senhor lutou na Irlanda? — Tomy ficava mais curioso a cada momento.

— Sim — William olhava para Rose que estava calada, deixando as duas crianças se envolverem na conversa. Mas ele queria falar com ela, pedir desculpas por tê-la atacado, queria explicar, queria saber mais dela.

— Minha mãe disse que homens maus mataram a família de Rose... — Tomy o encarou sério e desconfiado.

William sentiu a acusação do menino, mas, a não ser que a família de Rose fizesse parte de um exército, ele não havia encontrado com eles.

— Não! — A voz de Rose foi ouvida mais alto. — O barão não tem nada com isso, Tomy — dirigiu-se ao menino, porque não podia deixar que aquela suspeita pesasse sobre o barão. Quem matou sua família foi um líder vizinho e não algum estrangeiro.

— Isso me deixa aliviado. — William a fitou, admirado por sua defesa. — Eu jamais me perdoaria se fosse o responsável — completou com sinceridade, pois, só de pensar que pudesse ter sido responsável por alguma coisa que ferisse Rose, uma espécie de bolo crescia em seu estômago.

Rose o olhou diretamente pela primeira vez e William enxergou tudo. A dor que ela carregava, as mortes que viu, a luta para sobreviver. Ele era um soldado, alguém que já enfrentara aquilo inúmeras vezes.

— Sinto muito por sua família, Rose — falou e viu as lágrimas cintilarem nos olhos dela, enquanto assentia.

— Mas, agora, nós cuidamos dela e ninguém mais vai machucá-la — Tomy disse ferozmente.

William sentiu ainda mais admiração pelo menino e teve certeza de que cumpriria o que prometera. Se o menino soubesse que aquela marca no pescoço de Rose era culpa dele, era capaz de tentar bater em William e ele deixaria. Como pudera ser tão estúpido? Por que havia bebido tanto naquela noite?

— Sim, Thomas. Nós cuidaremos dela — falou e a viu ofegar e olhar surpresa para ele, assim como o menino.

— O senhor não vai deixar ninguém machucar ela, né? — A voz foi de Madie que, até então, parecia não prestar muita atenção na conversa. — Promete?

— Madie... — Rose tentou alertá-la para que não impusesse a promessa ao lorde, mas ele a surpreendeu mais uma vez.

— Não, Madeleine, não deixarei. Você tem minha palavra — falou solenemente.

Madie abriu um sorriso encantador, aprovando.

— Pode me chamar de Madie.

— Certo, Madie — ele sorriu para a menina.

Rose não conseguiu desviar o olhar do rosto de William e admirar o homem lindo que ele era. Parecia honesto, sincero, enquanto falava com as crianças. Não parecia que estava ali forçado ou que, principalmente, não gostava de crianças. Ficou curiosa em descobrir porque falavam tão mal dele e por que ele consentia.

— Eu posso falar um pouco com a Rose, agora? — William perguntou. Acreditava que havia demonstrado às crianças que podia ser confiável, embora soubesse que teria de se esforçar bastante para convencer Thomas, que o encarava com desconfiança novamente. — Pode ser ali, do lado de fora...

— Milorde, isso não é necessário — Rose disse, insegura e ele a olhou, apelando para que aceitasse.

— Só um minuto, Rose. — William se levantou. — O bolinho e o leite estavam deliciosos. Obrigado! — falou e olhou para as crianças. — Eu gostaria muito que vocês fossem até o palácio. Têm muitas coisas que poderão ver por lá e também poderão comer com sua mãe. Nosso cozinheiro é muito bom!

— Podemos? — Tomy balbuciou sem acreditar.

— Sim e eu o levarei para ver os rapazes que treinam para serem guerreiros — William viu os olhos castanhos e brilhantes do menino se arregalarem. — Você gostaria?

Tomy olhou para Rose e ela sorriu, então, olhou para o barão novamente, cheio de admiração.

— Gostaria muito, milorde! — o menino declarou, mostrando que o relacionamento deles caminharia bem.

— Pode me chamar de William — o barão deu uma piscadela e Tomy assentiu com um pequeno sorriso nos lábios.

Rose e William deixaram as crianças na casa e caminharam até o muro da propriedade.

— São crianças ótimas — ele puxou a conversa, notando que ela estava constrangida e com o rosto vermelho.

— Elas são maravilhosas — Rose concordou e ele parou diante dela, com a respiração pesada e o corpo rígido. O peito largo parecia uma muralha. Ela mesma também segurava a respiração.

— Rose, essa marca em seu pescoço... Fui eu o responsável, não fui? — ele perguntou e levou a mão ao local, tocando de forma delicada na pele quente. Ela se encolheu ligeiramente. — Claro que foi! Perdoe-me, por favor! — pediu, nervoso, enquanto seu dedo ainda tocava a pele dela. — Eu havia bebido e achei que era algum inimigo... Vi o brilho da adaga, mas...

— O senhor está ferido, não está? — Ela olhou na direção do abdome dele. Ele devia estar ferido, mas não dava nenhum sinal.

— Não é nada — respondeu e seu dedo tocou no queixo dela. Sua mão não queria sair da pele dela, mas ele não queria assustá-la novamente, por isso, baixou a mão e suspirou.

— Perdoe-me, milorde! Eu achei que... — ela baixou os olhos e apertou as mãos com força. — O senhor iria querer...

— Você fez o que devia fazer. — William pegou novamente no queixo dela e a fez encará-lo. Aqueles olhos simplesmente penetravam em sua alma e atingiam seu coração de uma maneira muito estranha e intensa. — Deveria ter enfiado mais fundo.

Ela balançou a cabeça e o olhou assustada.

— Não!

— Sim. Eu merecia, por ser tão estúpido, por estar tão bêbado e por ter ferido você — seu dedo tocou no rosto dela. — Eu procurei tanto por você... Queria ver se não a havia ferido. Achei que fosse uma ilusão, apesar de eu ter sangrado, mas eu poderia ter caído sobre alguma coisa...

— Madie me encontrou e Emma me acolheu — ela explicou e abraçou o próprio corpo.

William sentiu vontade de abraçá-la, confortá-la, mas sabia que iria assustá-la, então, apenas falou:

— Você está segura aqui, Rose. Sei que o que fiz a assustou, mas pode confiar em mim? Entenderei se disser que não e terei de provar que lamento muito o que houve.

— Milorde, essa é sua terra, sua casa. O senhor acolheu Emma e as crianças,

defendeu Hanna e, mesmo que não precisasse, veio até aqui. Não precisa provar nada a uma criada... — ela falou, lutando contra seu sotaque, mas era a mais pura verdade.

— Mas eu preciso ouvir, Rose. Você pode confiar em mim?

— Sim, milorde...

E, embora ela tivesse dito que sim, ele sabia que havia ali a formalidade, afinal ela era uma criada e ele o barão. E William queria mais do que a formalidade. Mas, por enquanto, aquilo teria de bastar.

— Obrigado, Rose! — ele disse com um leve sorriso e viu o rosto dela corar, enquanto se inclinava respeitosamente.

William deixou a casa de Emma com uma sensação estranha. Retornou ao palácio sem vontade de voltar, sem vontade de lidar com suas convidadas nobres, com sua pretendente. Desejava ficar naquele casebre, comendo bolinhos de framboesa com leite, dividindo-os com duas crianças e Rose.

Hanna se apressou em atendê-lo e percebeu que algo o perturbava.

— Milorde, lady Gisela pediu para falar com o senhor quando retornasse — anunciou e o viu virar os olhos com impaciência.

— Diga à lady que nos falaremos durante a ceia — ele declarou indo para seu quarto, seguido pelo criado.

— Sim, milorde... — Hanna respondeu e suspirou.



Rose ficou sentada junto à porta da casa e, insistentemente, pensava na visita do barão. Ele fora até ali para se desculpar e pedir que confiasse nele, mas, por quê? Ela era uma simples criada no palácio. Ele não sabia que o pai dela havia sido um líder, um homem importante em sua terra e seu pai estava morto, assim como sua família e sua tribo.

Respirou fundo e tocou no pescoço. O barão a tocara ali tão delicadamente que era impossível imaginar se tratar do mesmo homem que deixara aquela marca. Sentia que ele falava a verdade. E ele tratara tão bem as crianças! Madie o adorara e mesmo o protetor Tomy havia ficado impressionado e admirado com o barão. E os dois agora estavam empolgados para conhecer o palácio.

— Rose — Madie apareceu com seus olhos brilhantes e sorriso encantador. — Eu gostei de William. E você? — perguntou, sentando-se ao seu lado.

Rose sorriu. Madie aceitara a intimidade de chamar o barão pelo nome com grande naturalidade.

— Ele é um bom homem — Rose se limitou a dizer.

— Tomy gostou dele também — Madie disse com firmeza e aquilo era importante para ela, certamente.

— Eu sei.

Capítulo 8

William não conseguia comer. Não com as duas mulheres que o encaravam, rígidas. Elas o observavam, analisavam, avaliavam, julgavam... Entretanto, naquela noite, Margareth parecia excepcionalmente agradável.

— Milorde, creio que precisamos nos conhecer melhor. Mal temos conversado... O senhor me concederia alguns momentos de conversa reservada, após a ceia? — ela sugeriu ousadamente, afinal, não era uma juvenzinha inexperiente.

— Lady Gisela permitirá esse comportamento? — William questionou com um sorriso irônico para a mãe de Margareth.

— Certamente, milorde, ou devo ter motivos para me preocupar? — Lady Gisela respondeu com acidez.

— Não, milady. De maneira nenhuma — ele sorriu.

Embora não estivesse interessado em ficar com Margareth a sós ou acompanhado, ele aceitou o convite da lady. O rei não poderia dizer que ele sequer havia tentado.

Ao fim da refeição, William e Margareth foram para as cadeiras diante da enorme lareira e o criado lhes serviu de vinho.

— Lamento que tenhamos começado com tantas desconfianças — Margareth declarou com uma suavidade que não parecia natural. — Mas ambos fomos jogados nessa situação... Eu lamento que sua noiva tenha morrido a caminho de Davon.

William pensou em Lisie. Ele também lamentava que seu irmão tivesse se apaixonado primeiro por sua noiva e ela por Robert, antes de conhecê-lo. Tinha certeza de que seria fácil amar Lisbeth, ou Anelise, como ela passara a se chamar depois que inventaram sua morte. Mas Lisie estava muito feliz com Robert e tinham uma filha linda, que recebera o nome da mãe de William, Elene.

— A senhora não tem filhos — William observou a mulher de cerca de trinta anos, com os cabelos rigidamente arrumados, os ombros rígidos e os dedos pequenos.

— Isso é um problema? O senhor acredita que eu não seja mais capaz? Se não fosse, o rei não cogitaria tentar nos unir — ela falou e o fitou com olhos escuros como os da mãe.

— Qual sua outra opção? — Ele indagou e a viu respirar fundo.

— Sou viúva, milorde. As terras de meu marido estão nas mãos de meu pai. Sou um bom objeto de troca, para acordos, principalmente. Minha mãe tem para mim duas alternativas: ou me caso com um homem capaz de gerar herdeiros ou sigo para o monastério, onde ela também espera passar o final de sua vida — ela deu um sorriso amargo.

Ao menos era sincera quanto àquilo, pensou William.

— Lamento que tenha tão poucas opções, milady — ele comentou, mas a ele também não havia muitas opções.

Invejou seu irmão mais uma vez, que pudera se desligar da corte, que não carregava títulos ou responsabilidades junto ao rei. Robert abrira mão de tudo para viver em Sunset, plantar uvas, produzir vinhos, se dedicar à mulher que amava e à filha.

Margareth se aproximou dele, que estava de pé ao lado da lareira, e ergueu o rosto para encará-lo.

— Embora o senhor possua uma fama terrível, tenho de admitir que sua aparência desmente muitos dos boatos — ela estendeu a mão e tocou sobre o peito dele. — E sou uma mulher experiente, que não tem qualquer problema em saciar um homem como o senhor.

William ergueu uma das sobranceiras. Aquilo sim era algo estranho, principalmente vindo da filha de lady Gisela.

— Deixe-me mostrar que posso agradá-lo — ela estendeu a mão e tocou nos fios de cabelo dele, que caíam sobre a gola da túnica. — Não sou uma jovem virgem que se assustará ou a quem o senhor deverá satisfações por se apropriar de minha virtude.

— Milady, agradeço sua proposta...

— Mas...? — Ela o encarou com raiva.

— Mas, nada. Eu preciso estudar a proposta do rei. Não sou obrigado a me casar com a senhora, entende?

— Não, não entendo. Não quer a aliança política para o rei? Não quer as terras de meu marido como parte do dote? — A voz dela desafinou ligeiramente, mostrando que segurava a irritação.

— Não preciso de mais terras, senhora — ele falou e se afastou.

— Nem de uma mulher? Alguém que coordene seu palácio? Que lhe dê filhos?

— Não tenho pressa — ele falou, seco.

Mas Margareth tinha.

— Certamente que não, já que, pelo visto, se diverte com cada criada nova que chega aos seus domínios. — Ela ergueu o queixo e ficou bastante parecida com a mãe. — Não me importarei com quem levará para a cama, milorde, nem

se precisará agredir algumas delas, desde que trate bem a mim, sua mulher.

— Eu exijo respeito aos meus criados, milady! — ele a encarou, furioso e pensou em Rose.

— Eu vi como olhou para a nova criada.

William suspirou e depositou sua taça sobre a mesa.

— Creio que nossa conversa foi o suficiente, milady.

— Eu gostaria de vê-lo treinar amanhã, milorde. Posso provar que soldados não me assustam — ela disse, bebendo mais um pouco do vinho.

— A senhora não está amarrada dentro do palácio, milady, mas acredito que sua mãe não irá aprovar que assista a algo que envolva armas e homens.



Lady Gisela encarava Hanna e Emma na cozinha. Havia aproveitado que a filha ficara com o barão, para sondar o terreno e foi acertar as contas com a criada insolente.

— Eu exijo a nova criada em meus aposentos amanhã, a jovem! — exclamou, olhando com arrogância para Emma. — Não trouxe minhas criadas pessoais para passarem pano no chão ou cuidarem das camas — completou, sem olhar para sua jovem criada que permaneceu calada e encolhida um pouco atrás, parecendo uma freira, com um vestido cinza e um véu que cobria todo seu cabelo.

— Ela irá, milady, mais alguma coisa? — Hanna perguntou suavemente.

— Não ouse fazer fofocas ao barão sobre assuntos das mulheres e da casa! Isso é completamente desnecessário e absolutamente imperdoável para uma criada. Em minha casa, eu controlaria essa insolência com rédeas de couro.

Emma percebeu que sua irmã segurou a resposta e apenas assentiu rigidamente, enquanto a lady saía, seguida por sua criada.

— Pobres criadas da lady... — Emma comentou, assustada. Jamais havia pensado em como funcionava um palácio, como eram realmente as mulheres nobres e aquilo era assustador. Como sua irmã aguentava aquilo tudo há tantos anos? — E o barão irá se casar com a filha dela? — perguntou, perplexa.

— Se Deus quiser, não! — Hanna respondeu com o rosto vermelho e deu um profundo suspiro.



Emma chegou à sua casa, cansada. Felizmente, Rose havia ficado com as crianças, que já haviam jantado. A casa estava arrumada e perfumada, com flores e pão. Ela colocou o bolo que havia levado para os filhos sobre a mesa e Rose surgiu por detrás da cortina do quarto que dividia com Madie. Tomy apareceu em seguida, sonolento.

— Ele não quis dormir antes de você chegar. Madie acabou pegando no sono

— Rose informou, passando a mão no cabelo do menino.

Emma deu um beijo carinhoso no filho.

— Está tudo bem, pode ir dormir — falou com um sorriso.

O menino assentiu e foi arrastando os pés para o quarto.

Rose pegou a água e preparou um chá para Emma, que se sentou com aparência cansada à mesa.

— O palácio é tão grande... — ela falou com um leve sorriso.

— Desculpe-me por não ficar. Amanhã estará tudo bem. — Rose se sentou diante de Emma e colocou a mão sobre a dela.

— Não sei... Aquelas ladies fazem tudo ficar pior. E a velha exigiu que você as atenda amanhã. Acredita que ela ameaçou Hanna caso não faça o que ela manda? — Emma balançou a cabeça e suspirou.

— Eu irei, Emma! Hanna não será castigada — Rose falou, assustada.

— O barão não irá permitir que alguém castigue qualquer criado, principalmente Hanna — Emma declarou, ligeiramente insegura, embora quisesse acreditar que sim. — Por isso, não precisa ter medo dele, eu acho. A fama é só uma casca.

— O barão esteve aqui — Rose anunciou e apertou as mãos sobre as pernas.

Emma arregalou os olhos, atônita.

— Aqui?

— Sim. Eu havia feito bolinhos de framboesa para Madie e Tomy. Ele entrou... — Rose ergueu os olhos inseguros para Emma.

— Entrou? — A amiga ainda custava a compreender.

— Madie o puxou pela mão, convidou. Tomy autorizou... e ele entrou.

— Meu Deus, Rose! — Emma observou a jovem, reparando em seu rosto ruborizado.

— Ele pediu às crianças para irem até o palácio, ficarem lá enquanto trabalhamos e eles ficaram tão felizes... — Deu um leve sorriso.

— E o que ele queria com você? — Emma a encarou como uma mãe faria.

Rose suspirou e olhou para a amiga.

— Pedir desculpas, pedir que confie nele...

— Por quê? Por que ele faria isso? — Emma ergueu uma sobrancelha ao ver os olhos de Rose brilharem.

— Emma... — a jovem suspirou mais uma vez e tocou no pescoço. — Eu já havia encontrado com ele, mas não sabia quem era e ele não sabia... Eu entrei no estábulo perto da taverna, estava chovendo e eu me escondi. Ele entrou, havia bebido. Eu peguei minha adaga, ele disse que viu o brilho, achou que era alguém enviado por um inimigo para matá-lo. Ele me puxou e eu caí no feno. Ele me viu e ficou meio... confuso, eu acho, e eu enfiei minha adaga nele. Ele se afastou e

eu fugi para o lugar onde Madie me encontrou... — contou com a voz trêmula e olhou para Emma. A amiga estava com a perplexidade estampada no rosto. — Eu o feri, eu vi o sangue na adaga! Mas ele veio aqui. Ele me reconheceu e ficou preocupado por ter me machucado — esfregou o pescoço onde os dedos dele passaram delicadamente pouco antes. — Eu perguntei se ele estava ferido, mas ele disse que não era nada...

— Meu... Deus! — Emma conseguiu balbuciar.

— Ele comeu bolinhos e tomou leite com as crianças... — Rose falou com um sorriso afetuosos. — Pediu para que fossem ao palácio.

Emma ficou pensativa. O barão havia ido até sua casa simples de criada para pedir desculpas? Sentou-se à mesa com as crianças? Comeu com elas e convidou-as ao palácio?

Havia percebido como o barão olhara para Rose e Hanna havia dito que ele tinha sido ferido profundamente. Lady Margareth e lady Gisela certamente também perceberam algo e agora exigiam a presença de Rose em seus aposentos para limpar sua sujeira. Aquilo, sem dúvida, era um sinal de perigo.

— Rose... — Emma segurou as mãos dela sobre a mesa e falou com carinho: — ele vai se casar. O rei exigiu e lady Margareth é a pretendente. Um nobre como o barão costuma... — ela suspirou, sem querer entristecer a jovem diante dela, mas precisava alertá-la. — As criadas apenas o servem... Sempre haverá uma lady, entende? Eu não sei como era em sua tribo, mas aqui...

Rose entendia bem o que Emma estava tentando dizer. Era uma criada e William era o barão. Seu coração se comprimiu, mas ela assentiu delicadamente e com um leve sorriso, valorizando a preocupação da amiga.

— Não se preocupe, Emma. Sei o meu lugar.

— Não! Não é só isso, minha querida! — Emma se ergueu. — Ele pode exigir que você... que você o atenda na cama, entende? Ele é o barão, o dono de tudo aqui.

— Em minha tribo as mulheres iam porque queriam, não porque o rei... — ela apertou os lábios e respirou fundo. — Ele não vai exigir isso — falou confiante, pois, aquela conduta não tinha nada a ver com o homem que fora à sua casa.

— Como pode saber? E ele tem a fama...

— Apenas sei, Emma. Não se preocupe.

Emma tocou no cabelo dela.

— Claro que me preocupo! Só quero o seu bem.

— Obrigada, Emma! — Rose deu um beijo no rosto de sua amiga.

Capítulo 9

William se fechou em sua sala de documentos, não sabia o que fazer. Eduardo entenderia se ele não desposasse a filha do barão de Rhys? Pior. Entenderia que ele estava interessado por uma simples criada irlandesa? Interessado... Esse pensamento fez seu sangue esquentar. O que Rose provocava nele? O famoso barão, terrível com as mulheres, homem insensível, um bêbado como seu pai. Sim! Era culpado por deixar que os boatos se espalhassem, pois acreditava que assim estaria seguro. Mas, seguro do quê? Perguntou-se, irritado, andando pelo pequeno aposento. De sentir aquilo que estava sentindo agora, uma pressão no peito, uma ansiedade que corroía seu estômago, uma necessidade física de estar perto de Rose, de querer ser um homem diferente do que era... Apertou os punhos com força e respirou profundamente.

Anos antes, uma jovem que estivera com ele em uma taverna não o havia agradado o suficiente para que a pagasse para uma noite de prazer. Ele disse que não estava interessado, mas ela não havia se conformado. No dia seguinte, ela aparecera com o rosto todo ferido, assim como os braços, e espalhara que o barão havia batido nela, que fora muito afoito e bruto na cama. Ela chorava e ele teve que pagar uma boa quantia para que se calasse, mas a fama se espalhou como praga em uma plantação. Logo, vários boatos surgiram, envolvendo mulheres que diziam ter sido cavalgadas como éguas e chicoteadas por ele no quarto. Outras que diziam que ele ameaçara seu filho se ela não o satisfizesse. William não lutara contra os boatos, apenas se mantivera o mais distante possível de Davon por um tempo. Como esperava, as fofocas foram diminuindo, mas sua fama já estava sedimentada, embora ninguém o enfrentasse quando chegava à vila. Agora, ele temia que Rose acabasse acreditando em todas as histórias que pudesse ouvir.

Sentou-se. Precisava informar ao rei sobre sua tentativa de engolir a filha do barão de Rhys, mas que não estava interessado em casamento no momento.

Pegou uma pena e escreveu ao rei...



As exclamações das crianças iam aumentando, conforme se aproximavam do palácio. Tudo era grande, belo, impressionante. Madie ia apontando e dizendo: *Olha! Olha!* E Rose sorria. Tomy parecia mais contido, mas não conseguiu segurar o *uau* ao ver as lanças que enfeitavam uma das paredes.

Emma pedia às crianças para não correrem pelo palácio, para ficarem na cozinha e no jardim, e não mexerem em nada.

— William falou que vai me levar para ver o treinamento dos guerreiros — Tomy falou, pensativo e esperançoso.

— William, é? — Emma olhou para o filho, que falara com bastante intimidade o nome do barão.

— Ele pediu para que as crianças o chamassem pelo nome, depois que ganhou o direito de chamar Madeleine de Madie. — Rose explicou e Tomy assentiu.

— Espero que ele não se arrependa. — Emma sorriu, balançando a cabeça.

Quando chegaram à cozinha, Hanna estava esperando por eles com uma farta mesa com bolos, leite e pão. A tia sorriu, animada e deu um beijo em cada um dos sobrinhos.

— O barão mandou tratá-los muito bem e disse que está esperando por vocês em sua sala dos livros — ela anunciou e olhou para Rose. — Ele quer que você os leve até lá — sorriu e viu a jovem ficar com o rosto vermelho.

— Hanna, acha prudente? — Emma perguntou preocupada, pois a irmã ainda não deveria saber da visita que o barão fizera a Rose no dia anterior.

— Confie em mim, Emma! — A irmã respondeu, despreocupada, enquanto as crianças se deliciavam com os bolos. — Acho que crianças nesse palácio farão muito bem! — Ela balançou a cabeça. — O barão chegou a poucos dias das terras do irmão e está encantado com a sobrinha. Acho que essa visita fez bem a ele. — Olhou discretamente para Rose, que ajeitava a touca nervosamente sobre o cabelo.

Utti, que até então sorria para as crianças que se deliciavam com sua comida, enrijeceu, olhando para a porta.

— Ah! Finalmente chegou! — Lady Gisela apareceu como se tivesse chupado uma fruta azeda logo cedo. — Você! — Apontou para Rose, que terminava de arrumar a touca. — Venha agora! Preciso de você agora — falou, ríspida.

Rose olhou para Hanna.

— Milady, o barão pediu que Rose leve as crianças até ele primeiro — Hanna a enfrentou.

Lady Gisela deu um passo à frente, encarando Hanna e puxou Rose pelo braço com violência.

— Ele entenderá.

— Milady! — Hanna ia tentar impedi-la, mas Rose fez um sinal para que deixasse.

Rose não queria que Hanna fosse punida pela lady por causa dela.

Madie segurou nas saias da mãe, olhando com os grandes olhos castanhos cheios de lágrimas para Rose, que era puxada para fora pela mulher. Tomy

apertou os punhos com força ao lado do corpo. Emma tocou no ombro do filho, depois olhou para Hanna.

— Eu os levo, Hanna — disse, chocada com o que havia acontecido.

— Vamos — Hanna, séria e irritada, seguiu com a irmã e os sobrinhos para encontrar o barão.

Rose saíra da cozinha puxada pela velha lady, sentindo as unhas que se enfiavam em sua carne. A mulher a largou assim que chegaram ao corredor. Reparou na jovem criada das ladies, vestida como uma freira, que as acompanhava de longe e com olhar de medo.

— Preciso que limpe as latrinas, seque o chão, coloque mais lenha... — lady Gisela ia falando, conforme avançavam pelo corredor.

Rose apenas a acompanhou em silêncio.

Quando chegaram ao quarto, lady Margareth estava parada no meio do aposento e em volta dela havia uma confusão de tecidos de vestidos e lençóis. Sua criada pessoal parecia prestes a desmaiar de tão pálida.

— Ah! Então, essa é a criada que foi poupada do trabalho? — Ela se aproximou de Rose e a analisou de cima a baixo. — O que está esperando? Preciso que lave meus vestidos!

Rose se abaixou e começou a pegar as roupas, juntando-as. Margareth olhou para a mãe, que fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Você é a criada que se deita com o barão? — Margareth indagou subitamente, parada ao lado de Rose, que pegava as roupas.

Rose ouviu aquilo e seu sangue esquentou. Ela ergueu o rosto, que estava vermelho de raiva.

— Certamente, não, milady — respondeu e sua voz tremeu.

— Oh! Mas que sotaque é esse? — A lady a encarou com desconfiança.

Rose não disse nada e se ergueu com as roupas junto ao corpo.

— Sua senhora falou com você — lady Gisela se aproximou.

— Eu perguntei de onde é essa sua fala horrorosa! — Lady Margareth disse num tom agudo.

Rose ergueu o queixo, porque não conseguiria ouvir aquela ofensa ao seu povo e manter a cabeça baixa. Ela fitou a pretendente do barão nos olhos.

— Sou de Éire, milady — respondeu, tentando conter seu sangue que esquentava. Não fora educada para aceitar aquele tratamento, definitivamente.

Margareth fez cara de nojo e a encarou com raiva.

— Uma terra de selvagens, de bárbaros... — lady Gisela falou, perplexa.

Rose apertou as mãos nos tecidos dos vestidos embolados junto ao corpo.

— *An domhain swallow tú* — ela respondeu entre dentes, sem conseguir segurar sua língua.

— O que você disse? — Lady Gisela se aproximou e a irritação fazia seu pescoço se colorir de vermelho.

Rose apenas a encarou. Havia proferido uma pequena maldição: *que a terra engula vocês*, mas as duas mulheres diante dela não entendiam nada de sua língua.

— Responda-me! — A mulher perdia o pouco da casca de frieza e controle.

— Aprenda minha língua como aprendi a sua — Rose retrucou, encarando-a e teve o prazer de, por um momento, ver a perplexidade tomar o rosto da velha, como se tivesse levado um tapa.

Lady Gisela estava horrorizada. O barão Davon simplesmente permitia que os criados de seu palácio fossem absolutamente desrespeitosos. Ela bateu com força no rosto de Rose, que deu um passo para trás com a força do ataque.

—Dê-me o couro! — Lady Gisela estendeu a mão para uma das criadas, sem desviar os olhos do rosto de Rose. — Há maneiras inesquecíveis de uma lição ser aprendida... — falou e a filha se aproximou, encarando Rose com ódio.

Rose mantinha-se firme, agarrada aos vestidos, porque sabia que tinha dado um passo perigoso. Viu a lady se aproximar, encarando-a como se fosse capaz de esfaqueá-la e lamentou ter deixado sua adaga guardada na casa. Não sairia correndo dali, porque aquelas mulheres certamente iriam descontar sua raiva em Hanna ou Emma.

O estalido do fino chicote soou, segundos antes do couro acertar seu braço. Ela largou os vestidos e do rasgo no tecido do seu próprio traje surgiu um fino risco de sangue.

— Nunca mais se dirija a mim com falta de respeito! Não erga seus olhos ou o queixo para mim como ousou fazer. Não me dirija qualquer tipo de palavra sem consentimento ou autorização, ou em sua língua maldita — ela empurrou Rose contra a parede e arrancou com violência a touca que Rose usava. Os cabelos negros caíram sobre os ombros.

— Selvagem! — Margareth disse, rígida e a pegou pelo braço. — Você não merece tocar em meus vestidos. Deve lavar minha latrina! — vociferou e tentou puxá-la, mas sentiu que Rose não se mexeu e a encarou.

— Ela continua a nos desafiar. Não pode permitir que uma criada a afronte. Você será a senhora desse palácio! — A mãe a instigou, apenas observando. Sabia que aquela criada deveria ser usada de exemplo, desde que a vira entrar na sala do barão e percebera a reação dele diante da jovem. E sua filha tinha que estar preparada para mostrar quem comandaria.

Margareth ergueu a mão para bater novamente no rosto de Rose, mas se surpreendeu quando seu braço foi segurado com força pela jovem criada.

— Toque em mim novamente e perderá sua mão, milady — Rose falou com o

sotaque tão acentuado que, talvez, a pretendente de William não tivesse entendido, mas a ameaça foi clara, pois os olhos escuros de Margareth arregalaram.



— Como? — William ficou de pé, nervoso, quando perguntou por Rose e Hanna disse que lady Gisela praticamente a arrastara para seus aposentos, exigindo que fosse ela a cuidar da limpeza de seu quarto.

— Ela... pegou no braço de Rose... e... — Madie falou com os olhos cheios de lágrimas e a mãe a impediu de continuar.

William olhou sério para Hanna, que apenas assentiu.

— Fiquem aqui — ordenou para as mulheres com as crianças e saiu.

Emma olhou para sua irmã com aflição.

— Não se preocupem, ele resolverá — Hanna declarou com segurança.

William seguiu pelo corredor com a raiva correndo violentamente pelo corpo. O que aquela mulher achava que estava fazendo em sua casa? E por que estava exigindo Rose e a tratando como se fosse uma escrava? Ele chegou ao corredor dos aposentos de suas visitas e ouviu a voz esganiçada de Margareth. Parou atordoado quando Rose surgiu no corredor como se tivesse sido empurrada. Seu cabelo negro estava solto e mechas caíam sobre seu rosto. Ela ofegava e suas mãos estavam fechadas em punhos, como se fosse bater em alguém.

— Rose? — William a chamou, atônito e ela olhou em sua direção.

Os olhos violeta brilhavam, talvez com lágrimas, talvez com raiva. Mas, naquele momento, ele percebeu que ela não era igual a nenhuma mulher que conhecera antes. Se ela tivesse uma espada, certamente a estaria brandindo contra a ameaça.

William viu que ela tremia e se aproximou com cautela, segurou-a pelos ombros e, então, viu o filete de sangue que manchava a manga rasgada do vestido.

— O que aconteceu? Você está bem? — ele perguntou e afastou as mechas de cabelo de cima do rosto dela, tocando próximo ao ferimento.

— Se ela está bem? — A voz esganiçada de Margareth veio da direção da porta. — Essa selvagem me atacou! Ofendeu-me! — Apontou com a mão trêmula para Rose. — Como permite uma criatura dessas em seu palácio? Mande-a embora daqui! Ela é um perigo, William! Uma ameaça!

William observava o rosto de Rose, vermelho e com a marca de um tapa, enquanto Margareth praticamente gritava. Ele arqueou as sobrancelhas e respirou fundo.

— Você está bem, Rose? — voltou a perguntar e ela o fitou antes de assentir.

— As crianças estão esperando por você na minha sala. Vá! Eu encontrarei vocês em seguida — ele disse, enquanto suas mãos apertavam suavemente os ombros dela, que parecia não querer sair dali. — Vá cuidar disso — mostrou o ferimento.

Rose obedeceu, deixando William para trás com as duas mulheres, que desejavam espancá-la. Suas pernas tremiam e seu coração batia acelerado. Sabia que o barão não deixaria que ela continuasse a trabalhar no palácio, mas ela iria pedir, implorar, para que Emma não pagasse pelo seu destempero, porque não conseguira ficar calada diante das ofensas da futura noiva do barão.

Parou no meio do corredor e se encostou à parede. As lágrimas, finalmente, vieram e ela não queria que Emma e as crianças a vissem chorando. Então, em vez de ir para a sala como William havia pedido, correu na direção da saída.



— Isso não pode ficar assim! Você não pode simplesmente defender uma criada que me agrediu! Eu sou uma nobre e fui desrespeitada dentro de sua casa, onde deveria ser tratada de acordo com minha posição. — Margareth olhava horrorizada para William, que a encarava com a fúria cintilando nos olhos azuis.

— Não estou vendo a marca de um tapa em seu rosto como vi no rosto de minha criada ou algum ferimento em seu corpo, milady — ele falou com a voz dura.

— Para alguém que agrediu muitas mulheres, o senhor parece demais contido quanto a esse assunto — lady Gisela provocou, enquanto enrolava uma fina cinta de couro na mão e a depositava sobre a cama. — O senhor deveria agradecer em ter uma mulher como Margareth, que será capaz de controlar o caos em que se encontra esse palácio, onde criadas podem afrontar seus senhores e ainda são defendidas. O barão de Rhys pode considerar isso uma afronta pessoal, milorde. E, em vez de conquistar uma aliança com um casamento vantajoso, pode conquistar um inimigo que não deve ser desprezado — a voz dela era cortante e ameaçadora.

William não temia ameaças, embora soubesse que teria de lidar com mais uma crise que surgiria na corte e seria jogada aos pés de Eduardo. Previa a ira do rei e mais cobranças, mas não deixaria que Rose ou qualquer outra pessoa de seu palácio fosse ofendida ou ferida pelas duas aves agourentas.

— Peço que se preparem para partir. Já enviei uma mensagem ao rei, informando que não haverá casamento. Portanto, peço também que, enquanto estiverem em meu palácio, respeitem minhas regras e meus criados, pois não têm ou terão qualquer autoridade aqui e... — fitou lady Gisela como uma navalha afiada —, não se atreva a ameaçar ninguém novamente, milady. Esse palácio não

é sua abadia e suas ameaças contra minha pessoa não me assustam. Ordenarei aos seus cavaleiros e soldados que se preparem para partir o quanto antes.

Margareth levou as mãos ao peito, horrorizada, enquanto a mãe parecia uma rocha, estática e fria.

William se virou e saiu, batendo a porta atrás de si.

— Mamãe... — Margareth olhou para a mãe, desejando respostas.

— Essa noite ele irá se tornar o pai de seu filho e o rei exigirá que ele aceite o acordo — lady Gisela sentenciou e ajeitou o véu sobre o cabelo. Virou-se para as duas criadas, que estavam pálidas e encolhidas: — O que estão esperando? — vociferou. — Peguem esses vestidos! — Apontou para os vestidos que ficaram jogados no chão e saiu.



William voltou para sua sala e encontrou apenas Emma e as crianças. Ela o olhou, nervosa.

— Onde está Rose? — ele perguntou, apreensivo.

— Ela não está aqui — a voz de Emma tremeu.

William olhou para Thomas, então pegou em seus ombros e o encarou.

— Corra, Thomas! Vá atrás de Rose. Ela está na sua casa, tenho certeza. — E não sabia porquê. — Você é rápido? — Indagou e o menino assentiu, sério. — Então, vá que vou logo atrás de você.

Thomas se virou e saiu correndo. William olhou para Emma e Madie, que estava visivelmente assustada.

— Milorde... — Emma falou antes que ele se virasse e seguisse Tomy. — Rose está fugindo, tentando se manter segura desde que sua família foi morta. Ainda está assustada e eu temo que ela queira partir novamente, por favor... — sua voz embargou.

— Ela não vai partir, Emma, tem minha palavra que a deixarei segura aqui em Davon — ele disse e viu a confiança no rosto da mulher e, principalmente, no rosto de Madie.

William se virou e saiu rapidamente pelo corredor.



Rose estava sem fôlego quando chegou à casa que dividia com Emma e as crianças. Sabia que sua reação ao ataque das ladies não passaria impune. Ela era apenas uma criada que ousou revidar um ataque, mas foi impossível ficar ali, parada, enquanto era agredida física e verbalmente.

As lágrimas desciam pelo seu rosto, quando passou pela porta. Não queria que Emma fosse responsabilizada de alguma maneira pela sua conduta. Sua amiga precisava daquele trabalho e as crianças precisavam de segurança. Parecia que,

desde que colocara os pés em Davon, tudo conspirava para que o lugar dela não fosse naquele palácio.

Decidida a não colocar Emma e as crianças em risco, pegou um saco de tecido e começou a colocar nele seus poucos pertences. Seus olhos estavam turvos e suas mãos trêmulas, seu rosto ardia do tapa que levara, seu braço latejava onde o chicote de lady Gisela acertara e seu coração estava pesado porque não desejava deixar a família que a acolhera tão amorosamente, mas ela estava destinada à solidão, com toda certeza.

Passou a mão pelo rosto e procurou pela adaga que era a única recordação de sua mãe e que pedira a Tomy para guardar. Onde ele a teria colocado? Foi até o baú e começou a mexer nas roupas e tecidos que estavam lá dentro, mas não havia nenhum sinal de sua arma. Ajoelhou-se diante do baú e respirou fundo.

— Rose! — A voz de Tomy a fez se virar.

O menino estava com o rosto vermelho, respirava rapidamente e seus olhos castanhos a encaravam, cheios de preocupação. Certamente, havia corrido muito até ali.

— O que aconteceu? — ele perguntou e depois olhou para a trouxa sobre a cama. — O que vai fazer?

— Tomy... não posso ficar aqui, vocês... Eu agredi uma lady e... — sua voz falhou e ela balançou a cabeça.

— Você não pode ir embora — ele declarou com desamparo, revelando que, apesar de seu jeito sério e responsável, era apenas um menino que tinha um grande carinho por ela.

— Eu só preciso de minha adaga... que você escondeu bem — ela deu um sorriso entristecido para ele.

— Escondi — ele disse, enrijecendo o queixo e se postou entre ela e a porta, corajosamente.

Rose se ergueu e parou diante dele, inclinou-se e tocou em seu rosto. Aprendera a amar àquelas crianças em tão pouco tempo, como se sempre os tivesse conhecido.

— Você é um guerreiro, Tomy, corajoso, mas é apenas uma criança. Quando crescer compreenderá... — falou suavemente e o viu negar com veemência, irredutível. — Eu preciso de minha adaga para me proteger.

— Eu não vou dá-la a você, porque não vou deixar que vá embora, e William também não! — Tomy falou e Rose viu as lágrimas cintilarem nos olhos do garoto.

Rose suspirou. Por que tudo tinha que ser tão difícil e doloroso? Pensou em seus irmãos que haviam ficado para lutar, dando-lhe uma chance de fugir. Lembrou-se deles na festa da colheita, nas danças, na alegria. Ela se sentou na

cama, ainda fitando o menino parado à porta.

— Tomy, o barão tem responsabilidades, ele tem um casamento que precisa acontecer e não vai se indispor com as ladies por causa de uma criada, entende? Ele pode até defender Hanna, mas há o desejo do rei e...

— O que sabe do desejo do rei?

A voz ofegante de William a atingiu com força e ela se ergueu como uma corda de arco puxada. Olhou para a porta, sentindo o coração dar fortes trancos no peito.

William estava encostado ao batente, o rosto vermelho e o suor descendo pelas têmporas. Ele correrá até ali, como Tomy? Por quê? Ela não conseguia entender o comportamento dele.

— Milorde... — balbuciou e ele puxou o ar com força, segurando a lateral do corpo.

— Não posso mais faltar aos treinamentos — disse, entortando os lábios e, só então, esticou o corpo. — Thomas, agradeça a Deus pela juventude — tocou no ombro do menino, que estava parado à porta, e o sentiu rígido.

— Ela está indo embora... — Tomy falou baixinho ao lado dele. — Eu não vou dar a adaga dela — concluiu, emburrado.

William respirou fundo. Suas suspeitas estavam certas. Quando viu que Rose não havia ido para a sala, sabia que ela tentaria fugir, porque viu o medo nos olhos dela, como naquele dia em que se encontraram no estábulo.

“Rose está fugindo, tentando se manter segura desde que sua família foi morta. Ainda está assustada e eu temo que ela queira partir novamente...”. As palavras de Emma tiveram o poder de impulsioná-lo a correr ainda mais, até a casa dela. Não a deixaria fugir.

— Milorde... eu... Aquela mulher... ela... — Rose apertou as mãos com força diante do corpo.

— Vai embora — ele disse antes que ela terminasse. — Ela partirá e não você, Rose. Está entendendo? — esclareceu e viu os olhos que o enfeitiçavam arregalarem espantados com a revelação. — Já mandei preparem tudo para partirem o quanto antes.

Thomas também ouviu aquilo e ergueu o rosto para ele. Seus olhos brilharam de admiração e um leve sorriso de alívio curvou seus lábios. William bagunçou os cabelos do menino e sorriu, agradecido pela confiança que depositava em suas palavras e por ter atendido tão prontamente seu apelo para que corresse até Rose. O barão admirou o menino, que a mantivera ali, recusando-se a revelar o esconderijo de um objeto tão importante para Rose, sem o qual ela não partiria. Thomas não era só corajoso e determinado, era muito inteligente também.

— Thomas, vá dizer à sua mãe e a Madie que está tudo bem, que elas não têm

com o que se preocupar. Eu vou conversar com Rose — disse e o menino o olhou um pouco inseguro. — Tem minha palavra de que não a deixarei partir.

Thomas o olhou por um momento, então, assentiu e saiu, deixando-o com Rose e lhe dando mais um voto de confiança.

William olhou para Rose. Ela não confiava nele e era compreensível. Mas, mesmo que não soubesse explicar, precisava da confiança dela. Talvez, porque se sentisse culpado por tê-la atacado no estábulo. Ela tinha medo dele e ele não queria aquilo. Ver o medo nos olhos dela o atingia de uma maneira que o incomodava, criava uma pressão em seu estômago.

Havia vivido muito bem nos últimos anos, desde a morte de seu pai, usando sua sombra, não se importando com o que falavam ou em ver o receio nos rostos de muitas pessoas. Mas, agora, aquilo o incomodava demais.

— Milorde, eu sinto muito! Sei que não pode se indispor com as ladies, peço que não faça isso — ela falou, fitando os dedos que amassavam o vestido de trabalho.

— Você não se importa se irá magoar demais uma boa mulher e duas crianças que a adoram? — ele perguntou de onde estava, desejando que ela o encarasse. Não se decepcionou, porque sabia que ela também se importava demais com aquela pequena família e que eles eram o seu ponto mais sensível. Foi recompensado pelos olhos que o aprisionavam e que fitaram os seus.

— Por isso tenho de partir! Emma não pode ser punida por algo que eu fiz! — ela falou e sua voz mostrou o amor que sentia e sua indignação no forte sotaque.

— Quem está falando em punição, Rose? Eu? — ele deu mais um passo para dentro do pequeno aposento. — Dei minha palavra à Madie e a Thomas de que não deixaria você partir. Não pretendo voltar atrás. E não há punição alguma — disse, tentando a tocar no rosto dela, onde havia uma marca vermelha, da mão de Margareth que a acertara. — Você acha que eu seria capaz de magoar essas crianças? Diga-me, por favor!

Rose o encarava, tentando entender aquele homem. Sentia raiva de si mesma por não saber interpretá-lo. Ainda ouvia as palavras de Emma ao dizer que ele poderia desejar apenas que ela o servisse na cama.

— Está ferida? — William perguntou, olhando para o vestido que tinha sido rasgado pelas “nobres” senhoras e onde ficara uma marca de sangue.

— Não é nada — ela deu de ombros e respirou fundo.

— Volte comigo ao palácio e vamos tranquilizar Emma. Você está segura, Rose, as ladies não vão tocar em você novamente — ele falou seriamente, lembrando-se do que Emma dissera sobre a família dela ter sido morta. Não tocaria naquele assunto no momento, mas queria saber o que havia acontecido.

— O senhor não precisa fazer isso — ela contestou, sentindo o rosto esquentar

sob a intensidade do olhar dele. O barão não fazia ideia de como seu coração disparava quando a fitava daquela maneira.

— Não preciso, mas farei — ele sorriu, desarmando-a completamente, fazendo com que borboletas se agitassem dentro dela.

Rose desviou o olhar, controlando a respiração e passou a mão pelo cabelo. Olhou para sua pequena trouxa com tão poucos pertences. Esfregou os braços e assentiu.

— Eu havia prometido um passeio para as crianças hoje... — William disse sem sair do lugar. — Será bom para que eles esqueçam aquelas mulheres terríveis. Gostaria que você fosse conosco, porque também será bom ficar longe delas, enquanto tentam arrumar aqueles vestidos.

— Milorde... acha que devo? — ela perguntou, insegura e, automaticamente, levou a mão à manga rasgada do vestido.

— Sim, deve, mas não porque estou pedindo. Apenas se quiser ir conosco. As crianças ficarão felizes — respondeu, agradecendo mentalmente às crianças que lhe davam a oportunidade perfeita para tentar se aproximar mais dela.

Capítulo 10

Emma estava apreensiva, enquanto aguardava o retorno do barão. Tomy acabara de voltar. Contou à mãe o que acontecera e que o barão dissera que não deixaria Rose partir, e que cuidaria de tudo. Madie olhara para ele e assentira, depois disse, confiante:

— William não vai deixá-la ir.

Os três deixaram a sala de livros do barão e foram até a cozinha. Encontraram Hanna, que arrumava uma cesta e sorriu para tranquilizá-los.

— O barão pediu que arrumasse um lanche para o piquenique que fará com as crianças — piscou para os sobrinhos.

— Será que ele ainda estará disposto a... — Emma ia perguntando, mas a irmã a interrompeu.

— Com certeza, ainda mais disposto! Você sabe que ele mandou as ladies arrumarem tudo para irem embora depois do que fizeram a Rose? — disse orgulhosa.

Emma assentiu, porque o filho já lhe dera aquela notícia e era algo bastante difícil de acreditar.

— Sabe, minha irmã, ele esteve em Sunset, onde Robert vive com a mulher e a filha. Ele conheceu a sobrinha, Elene, e voltou falando tanto dela... Disse que ela tem os cabelos da cor do pôr-do-sol e que seus olhos são da mesma cor dos dele, o que o deixou bastante orgulhoso. — Ela riu e viu as crianças relaxarem. — Ele já passou tempo demais sozinho, deixando que pensem mal dele. — Seus olhos brilhavam emocionados e sua voz demonstrava todo o carinho que sentia pelo barão. — Os olhos dele estão tão brilhantes e vivos que fazem até ele parecer mais jovem, como se a sombra do pai finalmente o tenha deixado em paz.

A porta abriu e Rose entrou, seguida de perto por William. As crianças a olharam aliviadas e foram até ela para abraçá-la.

— Está tudo bem, minha querida? — Emma perguntou, observando-a com o cabelo solto, o rosto vermelho, o vestido rasgado e manchado de sangue.

— Sim, Emma... — ela respondeu e olhou para William, que passou por todos e parou diante deles.

— Não se preocupe, Emma — William falou e olhou para Hanna. — As ladies vão partir.

— Milorde, Tomy me contou — ela respondeu simplesmente, pois não iria discutir as decisões do barão.

— Eu já instruí os criados para ajudarem a preparar a partida delas. — Hanna sorriu, satisfeita.

— Falarei com Jack para avisar aos soldados do barão Rhys.

— Sim, milorde — Hanna disse e saiu animada, depois de afagar rapidamente o braço de Rose.

Emma respirou fundo. Definitivamente, não compreendia a vida dos nobres e se sentia feliz com o que tinha, com a simplicidade das relações, sem as preocupações e conexões que eram necessárias à vida da nobreza.

— Emma... — William a chamou e ela o olhou, percebendo que o via de uma maneira diferente. Era um homem justo, sem dúvida, e honrado. Ele saía correndo para socorrer Rose, uma criada, a mulher que o ferira num encontro estranho. Ele fora até sua casa para se desculpar. Que lorde faria algo assim? — Eu gostaria de sua autorização para levar seus filhos para um passeio pelas minhas terras — pediu e ela arregalou os olhos castanhos, admirada. — Eu preciso ver um potro que nasceu e havia prometido a Thomas que o levaria para ver os homens treinando. Além disso, no campo estarem colhendo maçãs... Pedi a Hanna que nos preparasse uma cesta com comida.

Madie e Tomy olharam para a mãe num apelo desesperado para que os deixassem ir naquela aventura.

— Ah, sim... e Rose vai comigo, assim me ajuda com as crianças e fica um pouco longe das minhas hóspedes indesejadas e rudes. — Ele olhou para Rose, sorriu e viu as bochechas dela ficarem rosadas.

— Milorde... — Emma não sabia o que dizer. Nunca passara por algo semelhante.

— Prometo que serei cuidadoso com todos eles.

Emma sorriu e viu o rosto de Rose passar ao um vermelho vivo.

— Claro que tem minha autorização, milorde — ela consentiu e as crianças pularam, animadas.

William, então, esticou o corpo e abriu o sorriso, o que o deixou incrivelmente bonito e fez o ar faltar no peito de Rose.

— Obrigado, Emma! — ele agradeceu e olhou para Rose e para o rasgo na manga de seu vestido de trabalho, que tinha ficado sujo de sangue. — Rose, peça a Mary para lhe arrumar um vestido do quarto de minha mãe, assim poderemos passear. Diga-lhe que irá cavalgar. E veja esse ferimento, se não puder cavalgar... — falou e reparou no brilho intenso dos olhos violeta. — Você sabe cavalgar?

— Sim, milorde! — Ela respondeu, tentando controlar a animação.

Rose não só sabia cavalgar como era uma excelente amazona. Sua família

toda cavalgava muito bem. Eles aprendiam a subir em um cavalo logo que aprendiam a andar.

— Ótimo! — ele sorriu para disfarçar seu coração que bateu acelerado ao imaginá-la cavalgando, o cabelo negro esvoaçante, tocando a pele macia, a satisfação em seu rosto. Engoliu com força e respirou fundo. Olhou para Emma. — Pode ajudá-la, Emma? Ficarei esperando por vocês, conversando com Madie e Thomas. — Piscou para as crianças.

— Claro, milorde! — Emma pegou no braço de Rose e a sentiu estremecer. — Vamos procurar Mary. — Virou-se para os filhos e constatou que nunca os vira tão felizes. Aquilo aqueceu seu peito. — Divirtam-se e procurem não irritar o barão! — disse com um meio sorriso.

— Sim, mamãe! — os dois responderam juntos.



Rose saiu com Emma para o corredor e assim que se afastaram o suficiente para não serem ouvidas, Emma a olhou com milhares de perguntas não verbalizadas. Elas foram até os aposentos onde Mary estava e pararam à porta.

— Rose, o que aconteceu? — perguntou, perplexa. — Meu Deus! Foi tudo uma loucura! Aquela mulher a arrastou da cozinha... Ela bateu em você? — Emma tocou delicadamente sobre o ferimento no braço de Rose. — E o barão foi buscá-la! E depois anunciou que elas vão embora... Conte-me! O que aconteceu?

— Eu não sei... Lady Gisela e lady Margareth queriam que eu lavasse todos os seus vestidos e esfregasse o chão e as latrinas, e me acusaram de... — Ela suspirou e balançou a cabeça. — De me deitar com o barão... e falaram de minha terra, de minha família... Eu não consegui ficar quieta, Emma! Lady Margareth me bateu no rosto e eu segurei sua mão, então, a mãe dela me bateu com um chicote. — Colocou a mão sobre o braço. — Então, o barão chegou e mandou que eu fosse até onde você estava, disse que iria resolver tudo, mas eu pensei que tinha feito tudo errado e fui para casa e... — ela falou e Emma arqueou as sobrancelhas sem conseguir entender muitas palavras que ela usava com o sotaque acentuado por conta do nervosismo. — Ele não me deixou partir... — suspirou, finalmente. Tudo aquilo era inacreditável.

— Por Deus, Rose! E agora ele a chama para passear com ele e as crianças? Com um vestido retirado do quarto da mãe dele! — Emma não conseguiu conter a exclamação.

— Acha que devo ir? — Rose perguntou, insegura e Mary apareceu à porta do aposento, sorrindo ao vê-las ali.

Emma explicou à Mary o que o barão queria e a mulher, de rosto redondo e

vermelho, sorriu com grande satisfação e as conduziu para outra ala do palácio.

— Fico tão feliz que ele tenha falado do quarto de lady Elene! — ela disse, pegando um molho com chaves de dentro do bolso do vestido. — O quarto está fechado há muitos anos, mas o barão me deu as chaves e pediu para que cuidasse das coisas da mãe. E, agora, ele pede para que você use um dos vestidos de lady Elene? — Olhou para Rose, que estava encabulada. — Você mexeu com nosso barão, menina. — Deu um tapinha no rosto da jovem e se virou, abrindo a porta.

Rose ficou de boca aberta quando viu o aposento. Ela não sabia há quanto tempo a mãe de William havia morrido, mas o quarto estava limpo, arejado, como se nunca tivesse ficado vazio. A cama de dossel tinha lençóis com tecidos que Rose nunca vira antes. Tapeçarias com paisagens maravilhosas pendiam nas paredes, onde também havia baús com dobradiças de ouro, encostados.

— Lady Elene tinha um corpo semelhante ao seu, antes de ficar doente. Acho que por isso o barão pensou nos vestidos dela. — Mary abriu um dos baús.

Rose olhava para Emma. As duas estavam completamente fascinadas com o aposento. Emma foi até uma das tapeçarias e a observou cuidadosamente. Era a única que não tinha apenas paisagem. O desenho era de duas crianças. Dois meninos elegantemente vestidos e eles eram muito parecidos. Um deles era mais alto, mais velho e muito sério, enquanto o outro, mais novo, tinha um sorriso sereno.

— Lorde William e lorde Robert... — Mary parou ao lado delas e também admirou a tapeçaria. — Lady Elene a teceu. Ela os amava profundamente... — a camareira falou com um suspiro. — O barão é o mais velho e sempre carregou o peso da herança, enquanto lorde Robert sempre foi mais livre. Assim como a mãe, ele gosta de plantas. Lorde Robert se casou — falou e limpou uma lágrima do rosto. — Sentimos falta dele aqui, mas o barão disse que ele está muito feliz e que tem uma filha linda, a quem deu o nome da mãe.

Rose tocou na tapeçaria com cuidado, sentindo os olhos se encherem de água. Imaginava o menino tão sério, com um peso tão grande para carregar e que se tornara aquele homem magnífico. Ela ficou ali, admirando os fios trançados com cuidado e imaginou a mulher com dedos delicados, recriando em linhas o amor por seus filhos.

Sua mãe também gostava de tecer e aquilo lhe trazia uma nostalgia muito grande. Saudade, tristeza... Lembrou-se da mãe lhe dando a bolsa com o ouro, com aquele jeito firme de olhar, mandando-a embora. *Vá e não olhe para trás*, a mãe dissera, depois de lhe dar um beijo no rosto.

— Rose! Veja isso!

A voz de Emma a fez voltar para o quarto. Ela suspirou e passou a mão no rosto, secando a lágrima que descera inconscientemente. E, então, estava diante

de lindos vestidos que pertenceram a uma lady.

Mary pegou um deles e o colocou diante de Rose. Era verde-claro, com fitas que cruzavam nas costas, trançadas em pequenas casas. O decote tinha a mesma fita, cuidadosamente bordada, formando pequenas cruces.

— Este é um dos vestidos de montaria — Mary falou e fez um sinal de aprovação com a cabeça. — E acho que as botas também lhe servirão... — completou muito animada, pegando um par de botas de couro claro. — Mas, primeiro, vamos fazer um curativo nesse braço — disse com praticidade e se pôs a ajeitar tudo.

Rose agradeceu silenciosamente à mãe de William e decidiu que iria aproveitar aquele momento que os deuses estavam proporcionando.



— E o senhor já usou todas essas espadas? — Tomy perguntava, totalmente envolvido pelo passeio que faziam pelo palácio, vendo armas, escudos e lanças.

— Nem todas. Algumas já não têm mais fio — William explicou, olhando para uma espada que fora de seu tio, morto na guerra.

Madie estava perto da porta e deu um gritinho animado, quando avistou a mãe e Rose.

William se virou e seu coração falhou uma batida, quando viu Rose usando as roupas elegantes de sua mãe. Ela parecia perfeita naquele traje de montaria, embora sua mãe fosse um pouco mais alta e esguia, mas Rose estava maravilhosa. Essa era a palavra ideal. O cabelo negro estava trançados delicadamente e seu rosto estava corado. Ele foi obrigado a piscar algumas vezes.

— Você está linda, Rose! — Madie falou admirada, pegando nas saias de tecido fino do vestido. — Ela não parece uma lady, mamãe? — Sorriu para a mãe, que observava a reação do barão.

Tomy olhava admirado para Rose e depois para o barão, franzindo o cenho.

— Você está realmente linda, Rose — a voz de William soou baixa e grave.

— Milorde, não sei se devo usar as roupas de sua mãe, que... — ela apertou as mãos nas saias do vestido.

— A incomoda saber que ela está morta? Se não se sentir bem com isso, podemos arrumar outras — ele disse, imaginando que, talvez, saber que estava vestindo as roupas de uma mulher que morreu a deixasse incomodada.

— Não, milorde, não! É que... é um vestido muito fino, de uma lady... — Rose falou e viu um leve sorriso no rosto dele.

— E que ficou perfeito em você, milady — ele fez uma pequena reverência e reparou que o rosto dela ficou muito vermelho. Os olhos maravilhosos de Rose

se arregalaram, enquanto olhava para Emma.

Madie riu, animada.

— Não quero sujá-lo ou estragá-lo, milorde — Rose falou, depois de respirar fundo.

Aquele jeito de William havia feito seu coração disparar e ela se lembrou do que Emma lhe dissera sobre o fato de uma criada jamais ser adequada para ser esposa do barão, apenas uma amante.

— Não se preocupe, apenas vamos passear — Willian disse, animado. De repente, aquele passeio era tudo o que ele precisava.

Capítulo 11

Margareth olhava pela janela, enquanto as criadas guardavam seus vestidos, depois de, a muito custo, tentarem desamassá-los. Estava muito irritada. Fora repudiada pelo barão que, segundo diziam, deitava-se com qualquer mulher. Ela havia se oferecido para ele como uma lady não deveria fazer jamais, mas não poderia perder o barão. Seu tempo estava se reduzindo e precisava convencê-lo de que ela era a esposa ideal. Mas ele a humilhara ao declinar de sua proposta.

Sentia raiva de si mesma, por não ter conseguido evitar se envolver com o chefe da guarda de seu marido. David descobrira e desafiara Ronan para um duelo. Claro que seu marido não teria chances contra um soldado experiente, mas ela jamais poderia assumir aquele relacionamento e nem queria. Ronan fora apenas uma distração, que a livrara de momentos tediosos. Mas, então, o marido morreria e Ronan tivera que fugir para não ser enforcado, só que ela ficara com algo do soldado, um filho no ventre, e a barriga não demoraria a aparecer. Margareth precisava de um marido que fosse relapso, que não se importasse com a mulher e mal reparasse se ela estava ou não grávida. Um homem que se deitaria com ela, a quem ela contaria que ficara grávida e ele se afastaria até o nascimento da criança, prematura, claro. Então, seu filho seria herdeiro de Davon.

O pai descobrira que o rei desejava que William Davon se casasse e aquilo caiu como uma luva para a situação que ela enfrentava, principalmente por causa da fama do barão. O terceiro mês estava chegando e logo o nascimento prematuro não poderia mais ser usado como desculpa.

A mãe queria enviá-la ao monastério, onde teria seu filho e ficaria trancafiada, mas ela não desejava aquela vida para si, como a mãe, que mal podia esperar o marido morrer para viver como uma monja. A mãe chegara a dizer que o mosteiro era um lugar muito melhor do que aquele palácio, comandado por um devasso. Entretanto, Margareth ficara impressionada com William Davon. Não havia esperado um homem tão jovem e bonito, capaz de despertar um desejo avassalador, o que era um bônus.

Ela percebeu uma movimentação perto dos jardins e esticou o corpo. Não pode acreditar naquilo que via.



Hanna estava com o jovem ajudante da cozinha, esperando junto às portas

principais, com uma cesta nas mãos. Ouviu o som de uma exclamação vinda do rapaz e sorriu, porque viu a jovem criada vestida de lady e ela estava simplesmente perfeita ao lado de William, que caminhava com um sorriso, enquanto a pequena Madie segurava em sua mão.

Ele nunca parecera tão feliz e aquilo aqueceu o coração da velha criada.

— Milorde, preparei um lanche como me pediu. — Ela sorriu. — Jonathan vai carregar até os estábulos — informou, entregando a cesta para o rapaz.

— Obrigado, Hanna! — William agradeceu e depois olhou para Emma. — Não se preocupe com eles, estarão em segurança, tem minha palavra.

— Não me preocupo, milorde — ela sorriu e beijou os filhos. O tratamento que recebiam era algo que ela não esperava no palácio do barão. Seus filhos estavam muito felizes e isso era o que importava.

Eles saíram, caminhando na direção dos estábulos, com as crianças falando e andando alegremente um pouco à frente, seguidos por Jonathan.

— Eles estão felizes — Rose constatou sorrindo, olhando para as crianças.

— E você? — William a observou atentamente. Uma mecha de seu cabelo se soltara com o vento e, agora, brincava junto à sua face corada. Era a mulher mais linda que ele já vira e suas mãos coçavam de vontade de tocá-la.

— Milorde, estou até sem palavras — ela respondeu com sinceridade.

— Espero que isso seja bom — ele sorriu, pois percebera que Rose não era de muitas palavras em momento algum. Talvez, ainda lutasse com a diferença entre as línguas, mas quando falava com aquele sotaque gaélico era tão maravilhosa que ele sentia vontade de beijá-la.

Ela sorriu e seus olhos brilharam com algo semelhante à diversão, o que fez o corpo dele esquentar de maneira desconfortável.

— Hanna me falou da vida difícil que Emma e as crianças estavam tendo na vila, depois da morte do marido dela. Se eu soubesse antes, poderia ter ajudado — ele falou, mantendo a conversa num assunto que não o excitasse.

— Mesmo assim, acolheram-me com todo o amor — Rose lembrou emocionada.

— Eu os agradecerei sempre por isso — William sentia que devia muito àquela pequena família que acolhera Rose, depois de ele tê-la atacado.

Eles avistaram os estábulos e as crianças saíram correndo.

O cavaleiro os aguardava à porta com dois grandes cavalos e um pônei encilhados. Rose reconheceu um dos animais. O cavalo do barão, que estivera no estábulo da vila. Um garanhão magnífico, assim como o homem que estava parado ao seu lado. Ela estendeu a mão e acariciou o pescoço do animal.

Jonathan começou a ajeitar a cesta na sela do pônei. As crianças entraram, animadas para conhecer o novo potro. Exclamavam, felizes, como o animal era

lindo e discutiam sobre um nome, que William pedira que escolhessem. Pouco depois, eles pararam diante do barão e Madie anunciou:

— Ônix!

— É um belo nome — William concordou, admirado pela escolha tão singular.

— Rose me disse que é o nome da pedra da qual foi feito o cabo de sua adaga — Tomy confidenciou, olhando para ela e pedindo aprovação.

— Ah, sim, a adaga. — William colocou a mão sobre o ferimento. — Gostei do nome! Vamos mantê-lo. Então, vamos ao nosso piquenique — disse com um leve sorriso ao ver o rosto de Rose ficar vermelho, enquanto seus olhos fitavam a mão dele sobre o ferimento. Ela mordeu o lábio, mas não disse nada, o que foi bom, pois ele não queria que ela se sentisse culpada de maneira alguma.

William fez questão de ajudar Rose a montar e se surpreendeu ao vê-la puxar as saias e se sentar na sela como um homem. Ao que parecia, amarraram bem suas roupas de baixo para que ela fizesse aquilo. E, ao contrário de sua pretendente nobre, Rose mostrou total conhecimento da montaria e suas feições se iluminaram quando apertou as rédeas nas mãos. William teria ficado um dia inteiro a fitando, mas as vozes das crianças o fizeram se virar.

Ao contrário de Rose, Thomas e Madeleine nunca tinham montado e a experiência parecia extremamente excitante para eles, enquanto o jovem cavaleiro os ajudava com o pônei. Madie ria nervosa e Tomy estava rígido como uma estátua, segurando nas rédeas, que foram entregues sob sua responsabilidade.

William se aproximou deles e sorriu.

— Thomas... — olhou para o menino, que mal virou o rosto, com medo de se desequilibrar, com a irmã agarrada à sua cintura. — Olhe para mim — pediu e tocou na perna do menino, que estava tensa. Em seguida, passou a mão pelo pescoço do pônei. — Confie na pequena Rainbow. Ela sabe o que está fazendo. Mostre que confia nela, relaxe as mãos e as pernas. Logo vocês estarão se entendendo muito bem! — Piscou para o menino, que respirou fundo e assentiu corajosamente. — Madie? — Ele tocou no rosto da menina, que estava encostada no irmão, com as bochechas vermelhas e sorrindo. — Espero que se divirta com o passeio.

— Eu vou! — ela falou com sua voz aguda e William sorriu.

O passeio foi feito devagar, enquanto William ia mostrando a propriedade. Passaram pelo campo de treinamento e pararam para observar de longe. Havia uma pequena aldeia com um campo cercado, onde os jovens e os soldados viviam, e onde estavam treinando no momento. Um grupo lutava, usando espadas e escudos em meio a vários bonecos de feno.

William observava as reações do garoto e viu seus olhos brilharem de admiração.

— Vou trazê-lo aqui, quando não estivermos com as damas — falou e o menino respirou fundo, assentindo seriamente. — Agora, vamos a um lugar que não visito há muito tempo...

Rose percebia quão bem cuidada era aquela propriedade e como os aldeões eram cumprimentados por William com cortesia. Ela olhava com admiração para o corpo forte, os ombros largos, os cabelos rebeldes, o rosto perfeito... e seu coração acelerava. Mas sabia que não devia criar ilusões. Emma estava certa.

Eles pararam onde havia um grande pomar de macieiras e várias pessoas, entre elas mulheres e crianças, participavam da colheita. Aproximaram-se e apearam. William foi conversar com um grupo de camponeses, seguido de perto por Thomas, que o observava com atenção total, como que desejando aprender o máximo que conseguisse.

Rose e Madie caminharam entre algumas macieiras e foi possível sentir o aroma doce. Um dos camponeses se aproximou e sorriu para elas.

— Milady, honra-nos com sua presença na colheita — ele sorriu e logo havia mais algumas pessoas em volta delas. — Teremos boas cidras e bolos esse ano.

— Elas parecem deliciosas! — Ela falou alegremente. Sabia que não adiantaria tentar explicar que não era uma lady, porque estava com o barão e suas roupas eram de uma lady, por isso, decidiu que seria melhor apenas aproveitar o momento.

Uma mulher apareceu com uma cesta cheia de maçãs. Estendeu uma para Rose e outra para Madie.

— Mandaremos maçãs especiais para o palácio mais tarde, milady — a mulher disse, observando-a com curiosidade.

— Obrigada! — Rose agradeceu e mordeu a maçã com vontade, assim como Madie. — Deliciosa!

Rose se sentiu bem ali, em meio às macieiras. Aquele lugar a fazia pensar em sua tribo e nas festas da colheita que sempre faziam.

— Vocês farão uma festa? — perguntou depois de engolir um pedaço do fruto gostoso.

— Festa? — A mulher olhou para as pessoas que estavam em volta, com uma interrogação. — O velho barão não permitia e... o barão não fica muito aqui.

— Vocês não festejam a colheita? — Rose perguntou, admirada e surpresa.

— A senhora gostaria que houvesse uma festa da colheita das maçãs? — o homem inquiriu também, admirado, e o grupo em torno dela começou a falar com animação sobre uma festa.

William, de onde estava, viu que havia um grande grupo de camponeses em

volta de Rose e pareciam felizes.

— Vamos ver o que as duas estão fazendo? — Colocou a mão no ombro de Tomy e os dois foram até o grupo.

— Poderíamos fazer bolos e compotas.

— E muita cidra!

— E música!

O barão ouviu as exclamações animadas antes de se aproximar. Viu que Rose sorria, com um brilho intenso nos olhos, enquanto dava uma mordida em uma maçã e ouvia, interessada, o que as pessoas à sua volta diziam.

Quando perceberam a aproximação do barão, os camponeses se calaram, inseguros. William tinha a simpatia e admiração deles, mas não sabiam como ele reagiria à proposta da lady.

— Ei! Continuem com a conversa animada — William falou e parou ao lado de Rose.

— Vai ter festa da colheita! — Madie anunciou com a boca cheia de maçã.

— Milorde... — o homem se aproximou e fez uma reverência. — Sua noiva nos perguntou sobre a festa da colheita e estava nos dizendo como pode ser bom para todos, celebrar... — ele justificou.

Rose sentiu o sangue esquentar seu rosto. O homem acreditava que ela fosse a noiva de William e que sugerira a festa, mas ela apenas perguntara e dissera que em sua terra era costume celebrarem as colheitas.

Seu coração martelou forte no peito e ela olhou para o barão, tentando mostrar que não pretendia tomar decisão alguma ou mesmo sugerir algo, e que não havia dito a ninguém sobre ser sua noiva.

William ouviu aquilo e alguma coisa pareceu sacudir dentro dele. Seria seu coração ou sua alma? Reparou que Rose ficou constrangida. Por quê? Por que acreditaram que era sua noiva? Mas ela estava completamente à vontade ali, entre os camponeses, e todos a olhavam com admiração e simpatia.

— Festa da colheita... — ele falou baixo. Não se lembrava de nenhuma vez em que tivesse havido uma festa em Davon.

Olhou para Rose e sorriu.

— Gostaria de uma festa das maçãs, milady? — indagou.

— Milorde, eu apenas dizia que em minha tribo havia sempre festa nas colheitas, mas não... — ela mordeu o lábio.

— Teremos festa, então! — ele falou alto, para que todos ouvissem. — Enviem-me representantes amanhã para discutirmos como será a festa.

Seu comunicado gerou um brado alegre dos camponeses e ele se pegou olhando para Rose, querendo saber se estaria feliz com sua decisão. O olhar doce que ela lhe dirigiu, atingiu-o com força no meio do peito.

Eles voltaram em direção aos cavalos, deixando os camponeses para trás, que acenavam animados, após agradecimentos efusivos ao barão e sua noiva.

— Eu nunca pensei em uma festa... — William confidenciou, enquanto ajudava Thomas e Madie a montarem. Rose não precisava de sua ajuda, o que ele lamentava, mas admirava.

— Eu não pretendia, apenas os questioneei... — ela falou, ainda sem jeito por ter provocado uma comoção entre os camponeses, obrigando William a organizar um evento não planejado.

William montou e parou ao lado dela.

— Foi algo muito bom e deixou as pessoas felizes. Viu que vários voltaram cantando para a colheita? — ele falou com firmeza.

Rose assentiu e sorriu. Estava ficando muito difícil não se deixar afetar por ele.

— Disseram que haverá tortas de maçã — Madie comentou.

— Rose poderia fazer uma torta — Tomy disse, sorrindo, com as bochechas vermelhas.

— Farei — ela garantiu.

Cavalgaram mais um pouco e William apontou para um caramanchão cercado de flores, com um banco de madeira e uma mesa, fechado de um dos lados por uma parede de pedras cobertas de heras.

Eles apearam e os cavalos foram presos às árvores próximas, onde começaram a pastar. As crianças correram em volta, atrás de algumas aves que estavam sobre a grama e que, segundo o barão, eram faisões.

— Era um dos lugares preferidos da minha mãe... — William informou, enquanto ajudava Rose a arrumar o lanche sobre a mesa.

Ele nunca ia ali, pois o lugar sempre estivera reservado às lembranças de sua infância, quando a mãe parecia não sofrer tanto nas mãos do marido. Embora não fosse àquele lugar, exigia que o deixassem sempre limpo e bem cuidado, assim como os canteiros que o cercavam.

— Minha mãe adorava se sentar aos pés de um... *dair* que havia perto de nossa casa — Rose falou, melancólica, com os olhos lacrimosos.

Eles se sentaram, observando as crianças.

— O que aconteceu à sua família, Rose? Por que você saiu da Irlanda? — William perguntou e viu as lágrimas turvarem os olhos dela. — Desculpe-me! Não queria entristecê-la.

Ela respirou fundo e balançou a cabeça.

— Tudo bem — respondeu e viu as crianças, que vieram correndo até eles, o que adiou a conversa.

Madie e Tomy estavam famintos e acabaram por distrair Rose e William,

enquanto contavam como era sua vida na vila. Tinha sido uma vida de dificuldades. Tomy fizera vários pequenos trabalhos, onde era pago com farinha ou ovos, e uma vez ganhou uma galinha, o que rendeu um maravilhoso ensopado.

William ouvia aquilo atentamente e lamentava a vida que as crianças tinham levado. Prometeu a si mesmo que zelaria por elas, para que nada faltasse e que pudessem exibir sorrisos de felicidade, como naquele momento. Ele observou, mais uma vez, o carinho com que Rose olhava para as crianças e compreendeu ainda mais a afeição, quando Madie contou como encontrou Rose e a levou para casa.

— Você é uma heroína, Madie — William falou e a menina abriu ainda mais o sorriso encantador. — Salvou uma fada. — Deu um leve sorriso para Rose, gostando de ver suas bochechas ficarem rosadas. — Quando estive na Irlanda a serviço do rei... — comentou, olhando para ela e imaginando se ela não seria mesmo uma fada, de quem homens adultos gauleses falavam com total crença e até temor, o que ele achava engraçado na época. — Descobri que é uma terra linda, cheia de histórias fantásticas e de uma “força” incrível.

Ele via aquela força nela. Via em Rose ternura e fúria, sol e tempestade. E aquilo estava realmente mexendo muito com ele, de uma forma que nunca acontecera antes.

— Fadas podem ser perigosas... — ela disse baixo, mas William sentiu que havia uma ironia ali e aquilo fez seu corpo todo esquentar.

Sim! Ela era uma fada que o apunhalara no abdome e o aprisionara com aqueles olhos, fazendo-o refém.

Uma rajada violenta de vento quase arrancou a palha do telhado e o céu escureceu, deixando o dia com aparência de noite. Os cavalos ficaram agitados e William os soltou, aproximando-os da cobertura de palha. Então, a chuva caiu intensa sobre o campo, deixando-os ilhados.

Os quatro se sentaram no banco, encostados à única parede e ficaram olhando para a chuva. Madie, totalmente à vontade, encostou-se ao corpo quente de William, passando seu pequeno braço pelo braço musculoso dele e aconchegou a cabeça nele, enquanto Tomy ficou na ponta do banco, cutucando com uma vara um pequeno roedor que aparecera para se abrigar da chuva.

A água começava a passar pela palha do telhado e eles já estavam molhados. William cedeu sua capa para que Rose e Madie se cobrissem.

Dois homens apareceram e William falou com eles, depois voltou para onde Rose e as crianças estavam.

— Venham! Vamos correr um pouco e chegar num lugar seco, tudo bem? — ele falou e todos concordaram imediatamente.

Seguindo os dois camponeses, William pegou a pequena Madie no colo e Rose agarrou a mão de Tomy. Caminharam o mais rápido que conseguiram na lama. Uma senhora roliça estava à porta de uma casa, acenou e eles entraram rapidamente.

— Senhor barão! É uma honra tê-lo em nossa casa! — a mulher exclamou, cheia de admiração. Depois, virou-se para Rose. — Milady... — cumprimentou educadamente e Rose sorriu sem graça, ao ser confundida mais uma vez com uma lady. Não era e nunca seria uma lady. — Vou providenciar túnicas para as crianças — disse, pegando-as pelas mãos e as levando para dentro de outro aposento.

— Você está bem? — William perguntou e passou a mão pelos ombros de Rose. Apertou-os suavemente e ela sorriu. Na verdade, queria tocar a pele molhada dela, sentir sua textura suave.

Rose se abaixou para retirar as botas pesadas de lama, tentando disfarçar o arrepio que correu pelo seu corpo ao sentir a mão dele.

William, mesmo completamente encharcado, era quente e ela se sentiu acolhida perto dele, embora soubesse quão perigosa era aquela aproximação. Mas seu coração já estava muito tocado por ele que, ao longo daquele dia, havia mostrado ser um homem maravilhoso, muito diferente de tudo o que deixava que falassem dele.

O dono da casa apareceu com linho para que eles se secassem e dois camisões de dormir. Os entregou ao barão e indicou um pequeno aposento com uma lareira. Era a sala de costuras de Judith.

— Milorde, é um aposento bem aquecido, onde podem tirar as roupas molhadas. Podemos pendurá-las ao lado da lareira e logo estarão secas. Sei que não tenho roupas dignas para o senhor e sua noiva, mas peço que as aceite enquanto suas roupas secam, e se quiserem meu quarto...

— Não — William falou rapidamente. — Está bem assim, não ficaremos muito. Só até a chuva passar — declarou e viu o olhar de aprovação de Rose. Havia dito algo certo e aquilo o deixou feliz.

— Minha esposa está cuidando das crianças, mas pode vir servir à lady — o homem falou sem jeito, sem saber como o barão gostaria que sua noiva fosse tratada.

— Não! Não é necessário, obrigada! Posso me ajeitar sozinha — Rose respondeu, constrangida, pois não era uma lady e não desejava que ninguém se sentisse obrigado a servi-la.

Olhou para William e ele não parecia incomodado com o fato dos donos da casa pensarem que ela fosse sua noiva, ao contrário, sorriu com um brilho intenso nos olhos.

— Obrigado, Teobald, mas podemos nos arranjar sem problemas. Só garantam que as crianças fiquem aquecidas.

— Sim, milorde — Teobald respondeu e se afastou, depois de uma reverência.

— Venha, Milady — William sorriu para Rose e indicou o aposento com a lareira.

Rose sentia o coração acelerado. O que ele quis dizer com “podemos nos arranjar”?

Ela parou à porta do aposento, que estava aquecido e era repleto de tecidos, linhas e instrumentos de costura. Apertou o camisolão nas mãos e estremeceu, sentindo as roupas molhadas grudando no corpo. Lembrou-se de que usava um vestido da mãe de William e que poderia tê-lo estragado com lama. Já pensava que teria de ser ela mesma depois a lavar aquele tecido e garantir que voltasse a ficar limpo, como quando o recebera.

— Algum problema? — a voz rouca do barão estava bem próxima de seu cabelo, mostrando que a acompanhava de perto.

Ela alisou as saias do vestido, tentando disfarçar o calor que subia por sua pele ao sentir como ele estava próximo. A mão dele deslizou suavemente pelo braço dela, o que a fez arrepiar inteira.

— Não sei se o vestido não se estragou com essa lama... — ela se surpreendeu com sua voz, que saiu rouca.

— Por isso é bom nos livrarmos das roupas molhadas.

William queria parecer apenas preocupado com as roupas, mas seu corpo pulsava, enquanto via o vestido grudado nas curvas do corpo dela.

Ele sentia que ela estava insegura e não queria assustá-la, por isso, fingiu se preocupar, realmente, em apenas se livrar das roupas molhadas. Virou-se de costas para ela e tirou a camisa.

Rose ofegou ao ver o corpo do guerreiro tão próximo ao dela. Podia ver as cicatrizes, os músculos que desenhavam as costas, os braços e aquela atadura que envolvia o tronco largo. Sua pele queimou e o coração palpitou, enquanto seus dedos formigavam de vontade de tocar na pele firme dele.

Como que sentindo ser observado ou, talvez, tendo ouvido o gemido baixo que ela tentara disfarçar, ele se virou. Rose sentiu seu rosto esquentar desconfortavelmente e baixou os olhos, o que lhe ofereceu a visão total do curativo sobre o ferimento que causara, fazendo-a se sentir culpada por acrescentar mais uma marca àquele belo corpo.

— Posso ajudá-la, milady? — ele perguntou com um sorriso e a voz, tentadoramente, suave.

Irritada, ela se virou e começou a tentar puxar as fitas molhadas do vestido, mas elas ficavam às costas e deslizavam conforme as segurava.

— Não sou uma lady — falou e sua mão tremia, mexendo nas fitas. — E não sou sua noiva... — completou com a voz mais branda, mas com perceptível desagrado. Jamais poderia ser chamada de noiva do barão. — O senhor não pode deixar que todos pensem que... Eu não posso ser sua noiva e não quero que pensem que sou uma... uma... — disse, sem disfarçar a tensão na voz. Não queria que pensassem que ela era apenas a amante do barão ou a criada que o servia na cama, como lady Margareth havia sugerido. — E não é adequado que o senhor fique, enquanto eu me visto — concluiu, ofegante.

— Tenho que concordar com tudo?

O riso na voz dele a fez se virar, apertando os lábios, pronta a discutir. Mas, então, ele soltou a tira da calça.

— *Mo gods!* — ela exclamou em sua língua e se virou novamente de costas, trêmula. — O senhor espera que fiquemos no mesmo aposento enquanto nos vestimos?! — Sua voz tremeu.

— Eu espero que não me chame de senhor, de lorde ou milorde. Chame-me de William, como Madie o faz tão bem — Ele disse, deixando a calça cair, e pelo enrijecer dos ombros dela soube que ouvira o som de sua calça caindo no chão. — Só não se vire e prometo fazer o mesmo — falou com divertimento, mas soube que não conseguiria disfarçar seu desejo por ela, ao ver o vestido colado em suas costas, o que o fez imaginá-la nua. Era bom que ela não se virasse mesmo, senão iria se assustar e fugir, justo quando estava conseguindo convencê-la de que não era o mesmo homem que a atacara.

Ele colocou o camisolão sobre a cabeça e respirou fundo algumas vezes, controlando seu corpo e coração. Viu quando ela suspirou, sem se virar.

— Posso sair e esperar... — Rose ia falando, quando sentiu a mão dele sobre seu ombro. Ele estava tão quente que o calor passou pelo tecido molhado de seu vestido e ela estremeceu.

— Não, milady... — ele falou junto ao ouvido dela e a sentiu estremecer. — Eu vou sair e esperar lá fora, para deixá-la mais à vontade. — Parou ao lado dela para mostrar que já estava usando aquela roupa ridícula.

Rose ofegou ao sentir o hálito dele junto à sua pele e assentiu, mas, então, lembrou-se de um detalhe.

— Milorde... — falou com a voz rouca e baixa antes que ele saísse. — O senhor poderia soltar a fita do meu vestido? — disse aquilo sentindo o corpo queimar, mas o vestido tinha fitas que se trançavam nas costas, puxando a cintura, e estavam fora do alcance de suas mãos. O vestido tinha sido feito para uma lady que jamais se trocaria sozinha, sem a ajuda de uma ama e ela dispensara a ajuda da dona da casa.

William se virou com os olhos escurecidos, enquanto seu peito largo subia e

descia com força sob a estranha camisola.

— Certamente que posso... — a voz dele também saiu baixa e rouca, enquanto ela se virava, expondo as costas do vestido e puxando o cabelo molhado para o lado.

William nunca vira uma cena mais sensual. Nada o havia deixado tão excitado em toda sua vida. Ele viu o pescoço delgado, de pele muito clara, que se mostrou só para ele, assim como a parte superior das costas dela. Seus dedos pareciam bobos, quando tocaram nas fitas para soltá-las.

Rose sentia o coração batendo nas orelhas e estava complicado respirar. Sentiu quando ele pegou nas fitas e se demorou ali. Então, deu um pequeno salto ao sentir os lábios macios dele em seu pescoço. Eles a tocaram tão suavemente, tão delicadamente que ela pensou se não haveria apenas imaginado. Mas o hálito quente dele ainda passeava pela pele de seu pescoço e pela parte de cima de suas costas.

— Rose... — ele murmurou junto à pele dela, o que a fez estremecer e suas pernas ficaram amolecidas. — Rose... — repetiu e aspirou o perfume dela, fazendo-a arrepiar da cabeça aos pés. — Você é tão perfumada... Seu nome não poderia ser mais adequado.

— Milorde... não devemos... — ela sussurrou e reprimiu um pequeno gemido, quando ele mordiscou o lóbulo de sua orelha. Aquele homem queria enlouquecê-la com aquelas sensações. — As... crianças... — balbuciou.

William sentia o perfume da pele dela e sua textura, que parecia a de uma pétala. O nome dela não poderia ser mais apropriado, realmente, e ela estava acabando com suas tentativas de se controlar. Ele a queria. Não queria tirar seus lábios da pele dela, mas, acima de tudo, não queria assustá-la, apesar de talvez já o tê-lo feito. Por isso, afastou os lábios do contato delicioso, soltou as fitas que estavam entre seus dedos e respirou fundo.

— Um minuto e já sairei... — ele falou, virando-se para a porta. Se saísse agora do quarto, todos iriam reparar em sua excitação e ele não queria constranger ninguém, muito menos Rose. Então, tentou desviar seus pensamentos dela e pensar, talvez, na pretendente que o rei impusera.

Rose continuou de costas, a respiração acelerada. Sentiu o vestido afrouxar de encontro ao corpo. Sentiu sua pele, que queimava onde os lábios de William tocaram, sentia a presença tensa dele às suas costas, mas ele fez o prometido. Não se virou, não voltou a tocá-la e depois de ouvi-lo respirar profundamente, várias vezes, ele saiu, deixando-a sozinha no aposento.

Rose soltou o vestido e deixou que suas pernas, que estavam bambas, cedessem. Ajoelhou-se, trêmula. Que os deuses a ajudassem, pois seu coração estava perdido para William Davon e ela não sabia o que fazer.

Capítulo 12

Madie e Tomy estavam sentados à mesa, quando William apareceu. Madie riu com vontade ao ver o barão usando o camisolão.

— O senhor está engraçado! — a menina comentou.

— Realmente, Madie... — ele foi obrigado a concordar. — Mas, Teobald foi muito gentil em me conseguir algo para vestir. — Olhou para seu anfitrião, que sorriu e lhe estendeu uma caneca com algo fumegante.

— Vocês podem ficar em nosso quarto, milorde, até que suas roupas sequem.

— Ficaremos naquela agradável sala de costura, se não se incomodarem. Está bem aquecido lá — William imaginou que no pequeno aposento ficaria mais próximo de Rose, sem dúvida.

— Milorde, aquele quarto não é digno de... — Judith ia dizendo, mas ele a interrompeu.

— Muito digno, Judith, se não for atrapalhar suas costuras.

— Milorde! De maneira alguma! — ela falou e olhou para o marido.

— As crianças parecem cansadas e lá poderão deitar nos tapetes e tecidos, se o senhor não se incomodar. Mas, a lady... Será que não se incomodará? — Teobald perguntou, imaginando que a noiva do barão não iria se sentir à vontade andando com roupas de baixo pela casa de pessoas estranhas ou descansando num aposento tão simples.

— Rose não se importará, tenho certeza — William respondeu com confiança, pois sentia que a conhecia a cada momento um pouco mais.

— Ela não deve se sentir bem para sair de lá com as roupas de baixo, milorde. Se quiser, eu levo o chá para sua noiva — Judith ofereceu e William estendeu a mão, pegando a caneca.

— Eu mesmo levarei. Obrigado, Judith! — ele sorriu.

Judith entregou um prato com biscoitos para Madie.

— Levem e se quiserem mais alguma coisa, estamos às ordens — Teobald falou e William o agradeceu.

Madie abriu a porta no momento em que Rose terminava de pendurar as roupas molhadas sobre a lareira.

William nunca vira uma mulher tão linda, usando aquele estranho camisolão. Ele a fitou por um longo momento e seus olhos se encontraram. Entregou-lhe a caneca e soube que estava condenado. Compreendeu o que havia acontecido

com seu irmão ao se apaixonar por Lisie e abrir mão de tudo por ela. Naquele momento, desejou não ser o barão. Queria ser um simples camponês, que não devia satisfações a ninguém, que podia escolher sua própria esposa sem ter que se justificar ao rei.

— Obrigada... — ela pegou a caneca e seus dedos se tocaram. De repente, todo seu corpo queria tocar no corpo dele, mas ela engoliu com força e se afastou, dolorosamente.

— Rose... — Tomy a chamou, mas ela não conseguia desviar os olhos de William, que também a fitavam famintos. — Conte ao barão sobre os guerreiros... — os olhos castanhos brilharam e ela percebeu que o menino queria que ela mostrasse ao barão que vinha de uma família importante e que se orgulhava dela.

Rose suspirou e passou a mão no cabelo do menino. Assentiu e eles se sentaram sobre as tapeçarias e tecidos, e se cobriram com as mantas que a mulher de Teobald deixara ali.

— Ela é uma princesa, William! — Madie falou, sorridente, encostando-se ao corpo do barão e se ajeitando para ouvir a história, sem qualquer cerimônia.

William acolheu a menina, pensando em sua pequena sobrinha e como ela havia facilmente se ligado a ele. Nunca pensou que se daria tão bem com crianças e que elas não tivessem medo de se aproximar dele, de demonstrar carinho e confiança. Mas, afinal, fofocas e boatos eram criados e proliferados por adultos e as crianças estavam, alegremente, fora daquele círculo.

— Não duvido — ele disse, vendo Rose ruborizar. — Conte, Rose.

— Não sou uma princesa. Não como as princesas aqui na Inglaterra... — ela começou a falar, controlando seu forte sotaque, que saltava de sua língua quando pensava em sua terra.

— Isso é bom — William comentou, olhando-a interessado, admirando toda sua beleza e suavidade.

— Meu pai era o líder de nossa tribo. Era um homem forte, poderoso, um guerreiro que jamais perdeu uma guerra. Seu nome era Seth O'Kelly e todos sempre o temeram. Ele mesmo treinou meus irmãos, que se tornaram grandes guerreiros. Connor, meu irmão mais velho, era capaz de matar um javali sem qualquer arma, de tão forte que era. Eles lutaram várias guerras contra tribos de nossos inimigos, mas nunca foram injustos ou cruéis... Mulheres e crianças nunca deveriam ser feridas — seus olhos se encheram de lágrimas, porque não havia sido assim com sua família. — Mas... inimigos são sempre imprevisíveis e nem todos possuem a mesma honra.

William cerrou as sobrancelhas ao ouvir aquilo, mas não a interrompeu.

— Eles mataram a família dela! — Tomy, que também ouvia muito sério,

falou com ferocidade e recebeu um toque carinhoso de Rose no rosto.

— Eles montaram uma armadilha para meu pai e meus irmãos, porque queriam que eles morressem sem honra, sem conseguirem lutar, porque sabiam que se lutassem, venceriam — ela suspirou, lembrando-se de quando seu pai fora chamado para uma celebração de líderes e levava três de seus filhos mais fortes e mais velhos. O que contaram foi que eles tinham sido envenenados e depois decapitados. — Eu e meus outros três irmãos ficamos na tribo com minha mãe, mas fomos atacados. — Uma lágrima desceu pelo seu rosto e ela rapidamente a enxugou, pensando que sua mãe não gostaria de vê-la fraquejar. — Minha mãe me deu um... um saco com ouro e uma adaga, mandou que eu fugisse para bem longe e não olhasse para trás.

Rose sentiu a mão de William, que segurou a sua e a apertou suavemente, mas ele nada disse e continuou olhando seriamente para ela, seus olhos azuis brilhando.

— Você olhou? — a pergunta veio de Tomy, que estava com a cabeça deitada no colo dela, parecendo bastante sonolento.

Madie já havia dormido no colo de William, sua mão segurando a outra mão dele.

— Olhei... mas devia ter obedecido minha mãe — ela respondeu, acariciando o cabelo do menino. — Se eu não tivesse olhado, não teria visto tudo queimar ou mesmo escutado os gritos...

— Talvez, um de seus irmãos tenha sobrevivido — o comentário veio de William e embora ela soubesse que se algum irmão seu tivesse sobrevivido iria procurá-la, sentiu uma centelha de esperança ao ouvi-lo dizer aquilo. Afinal, ele era um guerreiro também e a derrota era algo inaceitável.

— Não sei e nunca saberei — ela respondeu com sinceridade, porque não pretendia voltar à Irlanda.

— Posso pedir que alguém descubra — William falou e recebeu um olhar cheio de ternura, como aquele que ela dirigia às crianças. — Estou falando muito sério.

Rose sentiu seu coração expandir ao ouvir o que ele oferecia, porque ele não precisava fazer nada daquilo. Ela via tanta preocupação e determinação em seu rosto que soube que ele seria capaz de tentar.

Sua mão se estendeu e tocou delicadamente o rosto dele, sentindo a pele quente e firme da linha do queixo. Lembrou-se da sensação intensa na sua pele, quando os lábios dele a tocaram. Os olhos de William a fitaram, ardentes, em silêncio, mas ao mesmo tempo diziam tudo o que estava sentindo.

— Eu não quero voltar a olhar para trás... — ela falou e afastou a mão de maneira dolorosa, porque não podia fazer aquilo, embora seu corpo pedisse o

dele.

— Lamento por tudo o que passou, Rose, e concordo com Madie — ele sorriu e tocou no rosto dela —, você é uma princesa e deve ser tratada como uma, não como criada.

— Milorde... — ela sentiu a pele pulsar sob o toque dele.

— William, por favor, Rose! Chame-me de William — ele pediu e seu dedo tocou no canto dos lábios dela, quando sorriu.

— William — ela falou baixinho e viu a satisfação e o prazer no rosto dele.

Rose olhou para Tomy e constatou que o menino dormira. Ela acariciou o rosto dele e o acomodou sobre os tecidos, enquanto William deitava Madie ao lado do irmão, bem aquecidos diante da lareira.

— São crianças maravilhosas — Rose disse com carinho.

— Sim, são — William concordou, porque se afeiçoara rapidamente àqueles dois, com sua ingenuidade e honestidade legítimas. Sabia que ambos também passaram por momentos bastante difíceis.

Os dois se sentaram novamente sobre um colchão de palha, sentindo o conforto da lareira.

— Teobald e a esposa não vão se incomodar de ocuparmos esse aposento? — ela perguntou, preocupada com o casal que os acolhera tão prontamente.

— Eles queriam que ficássemos no quarto deles, mas não achei necessário. Mas, se quiser... — ele respondeu, encostando-se à parede.

— Oh, não! Não é necessário, aqui está muito bom! — falou, enquanto ele a olhava de uma maneira que a fazia se sentir quente. — Você se importa com quem vive e trabalha aqui em Davon... — realmente ficara admirada ao ver como ele tratava criados e camponeses. — Por isso é tudo tão lindo e bem cuidado. Quando cheguei, pensei que o administrador de Davon fosse realmente muito bom, e... é você, afinal. — Também se encostou à parede ao lado dele.

— Sim. Eu preciso saber quem trabalha para mim e como vivem, se estão bem ou não, do que precisam... Meu pai achava isso desnecessário, mas assumi a administração desde jovem e fiz as coisas do meu jeito. — Ele deu de ombros. — Porém, confesso que deixei passar a festa.

— Seu pai devia se orgulhar de você — ela comentou, olhando-o com um leve sorriso e o viu entortar ligeiramente os lábios antes de responder.

— Ele se orgulhava apenas dele.

Rose colocou a mão sobre o rosto de William e a deixou ali, enquanto o olhava nos olhos.

— Lamento que ele não tenha visto o homem que você é.

— Você vê, Rose? — ele se virou para ela e segurou em seu rosto. Queria que ela visse quem ele realmente era, não o barão com má fama, o homem que a

atacara no estábulo ou o que só sabia lutar, mas o homem que precisava amar, que precisava deixar uma mulher entrar em sua vida para completá-lo. — Vê quem eu sou? Você consegue ver que não sou aquele idiota que a atacou? Aquele bêbado irresponsável que...

Rose tocou sobre os lábios dele, calando-o.

— Eu vejo um homem forte e honrado, vejo um guerreiro, um homem que é capaz de se preocupar e de acolher o carinho de uma criança. Vejo um homem justo e... — ela ia dizendo, quando ele a beijou.

Ouvi-la falar aquilo dele, desnudar sua alma daquela maneira tão franca, enquanto os dedos macios tocavam sua pele e os olhos que o encantavam brilhavam, foi demais para William e ele precisou beijá-la.

Rose se viu calada pelos lábios firmes e quentes de William, sentiu a boca dele se encaixar à sua e soube que precisava daquilo, por isso, mesmo sabendo que não havia um futuro para eles, ela o deixou beijá-la e correspondeu, pois queria muito fazer aquilo.

As mãos de William desceram pelos braços dela, alcançando sua cintura e ele a puxou para si. Rose passou a mão pela nuca dele e segurou em seu cabelo, colando seus seios ao peito rígido. Foi possível sentir o bater acelerado do coração e ela não saberia dizer se era o seu ou o do barão.

Ele a puxou para seu colo e passou a beijar seu pescoço, a curva de sua clavícula, o ombro... Ofegantes, eles se encararam, os dois com o rosto vermelho e o desejo cintilando nos olhos.

— Rose... minha princesa O'Kelly. Minha fada irlandesa... — ele sorriu, acariciando a curva do rosto dela.

Rose apenas riu.

— O seu gosto é delicioso... O que eu faço se não quero me afastar de você? — ele perguntou, voltando a beijá-la.

Madie tossiu e os dois se afastaram um pouco, lembrando-se de que as crianças dormiam ao seu lado.

— Pense nas crianças aqui — ela sussurrou e se encostou ao peito dele, ouvindo o bater frenético do coração. Tocou suavemente sobre o local onde o ferira com a adaga. — Desculpe-me!

— Pelo quê? — ele colocou a mão sobre a dela.

— Por tê-lo ferido.

— Já disse que não foi nada — William levou a mão dela aos lábios.

Sim, ele dissera, mas ela ainda se sentia culpada.

— Por que não me conta sobre sua família? — perguntou e o sentiu suspirar.

William sabia que ela estava certa e não podia ser tão afoito, se desejava conquistá-la. Começou a acariciar o cabelo negro dela.

— Nada muito emocionante... Meu pai era o barão, eu sou o filho mais velho, meu irmão mais novo é Robert, que prefere cuidar de uvas e fazer vinho a lutar. Minha mãe foi muito infeliz com meu pai. Ele bebia, era agressivo — enrolou uma mecha do cabelo dela entre os dedos.

— Por que dizem isso de você? — ela perguntou, interessada.

— Porque deixei. Isso me manteve seguro por bastante tempo.

— Seguro do quê? — Rose ergueu o rosto e viu uma expressão tensa no semblante dele.

— De tudo, principalmente de acordos matrimoniais. Mas o rei vem insistindo em me ver casado... Acho que é porque ele está velho.

Rose suspirou e se afastou um pouco. William tinha que se casar e não seria com uma criada.

— E sua mãe? — Ela resolveu voltar à história para não pensar no que o casamento de William significaria.

— Ela tirou a própria vida — seus olhos claros brilharam entristecidos. — Estava em Sunset, onde hoje meu irmão vive feliz com sua mulher e filha. Mas minha mãe não conseguiu sobreviver à melancolia e entrou no lago...

— William... eu sinto muito! — Rose falou, penalizada, e ele acariciou seu rosto carinhosamente.

— Ela decidiu a hora de partir, Rose, apenas isso.

— E seu irmão?

— Eu o trouxe para Davon, o nomeei meu chefe da guarda, mas ele sempre será mais feliz em Sunset — com a mulher que deveria ser sua noiva, mas não contaria aquela história agora para Rose, porque era um segredo bastante perigoso.

— Hanna disse que você tem uma sobrinha linda — Rose resolveu tocar em um assunto que não traria mais tristeza.

Então, William começou a falar de Elene, contar tudo o que a menina sabia fazer com tão pouca idade, de como tinha um jeito inteligente e como era bela, meiga... Ele se sentiu leve, como se estivesse em Sunset, compartilhando a felicidade da família de seu irmão. Deve ter falado muito, pois Rose adormeceu, assim como as crianças, apoiada no corpo dele.

Ele a apertou junto de si e fitou a janela, onde uma goteira insistente começou a pingar. Havia decidido não casar com Margareth. Não queria que sua vida fosse um tormento, como foi o casamento de seus pais. Tinha evitado pensar em se casar, apesar da insistência de Eduardo, mas os últimos dias o provocaram de diferentes formas, desde o tempo que passou com seu irmão, Lisie e Elene até sua volta para casa, seu encontro desastroso com Rose e a ida dela para o palácio com Madie e Thomas.

Esfregou o rosto vigorosamente e Rose se ajeitou junto de seu peito, encolhendo-se. Ela tinha uma espécie de pureza que era desconcertante para um homem como ele, que estava mais acostumado a enfrentar mulheres como Margareth e a mãe. Rose tinha uma força que não dependia de seu corpo. Fugira sozinha de suas terras e chegara ali sem deixar que seu sorriso doce desaparecesse, apesar de tudo pelo que passou. Vinha de uma família nobre na Irlanda, mas não reclamou quando foi trabalhar como criada. Perdera sua casa e todos de sua família, mas dedicava à Emma e às crianças um amor digno de quem compartilha o sangue.

William a desejava de uma forma dolorosa, mas, mais do que desejo, sentia um calor no peito quando ela estava perto. Precisava vê-la bem, sorrindo, com seus encantadores olhos, que o enfeitiçaram naquele dia terrível no estábulo, brilhando de felicidade.

Ele suspirou profundamente e puxou sobre eles a manta de retalhos.

Capítulo 13

— Hanna, será que estão bem mesmo? — Emma olhava para a chuva pela porta da cozinha.

— Tenho certeza que sim, Emma! — A irmã sorriu. — Beny trouxe uma mensagem a mando do próprio barão para tranquilizá-la e podemos ver que a chuva ainda os impede de sair. Mas a família de Teobald é muito acolhedora. Eles ficarão muito bem por lá. E você, minha irmã, pode dormir aqui comigo — passou a mão pelo braço de Emma.

— Eu realmente não me sentiria bem se ficasse sozinha em casa... — Emma deu um sorriso entristecido. — Meus filhos são as luzes que me alimentam, Hanna. Eles me ajudaram a superar todas as dificuldades que surgiram nos últimos anos. Sem eles, não teria conseguido.

— Eles são crianças maravilhosas! Seu falecido marido deve se sentir orgulhoso de vê-los, de onde quer que esteja.

— Imagino que sim — Emma sorriu, passando a mão pelo rosto e limpando as lágrimas. — Hanna... — Suspirou e virou-se para a irmã. — Tenho muito carinho por Rose. Ela também é uma moça maravilhosa...

— Certamente que é.

— Mas, eu temo que ela possa ser ferida pelo barão.

— Ele jamais a machucaria, Emma! — Hanna retrucou, tomando as dores de William.

— Não é desse tipo de ferimento que falo, minha irmã. Ela é uma jovem que não tem nada, nem família e... ele é o barão. Eu não vou permitir que ela seja usada apenas para... — apertou os lábios com força e balançou a cabeça. — Não vou permitir que seja magoada e tratada como uma amante, entende?

Hanna se sentou à mesa da cozinha e pegou sua caneca com chá. Ficou séria.

— Dê uma chance ao barão, Emma. Eu o conheço desde que era um menino e posso garantir que é um bom homem. Nada daquilo que dizem sobre ele é verdade e eu nunca vi um brilho tão forte nos olhos dele como o que se revelou quando olhou para Rose.

— Mas ele tem compromissos com o rei e essa pretendente. — Apontou com a cabeça na direção do corredor.

— O barão mandou um mensageiro para Westminster ontem e creio que a mensagem tem algo a ver com a pretendente, que ele mandou partir. Mas essa

chuva a impediu de deixar Davon e, infelizmente, teremos que suportar essas duas mulheres-cobra por mais alguns dias. — Hanna sabia que uma chuva como aquela deixaria as estradas intransitáveis por ao menos dois dias e mesmo que William quisesse se livrar das duas ladies, não as forçaria a pegarem uma estrada que estaria, no mínimo, perigosamente alagada.

As duas ficaram em silêncio por um momento, então Hanna se levantou, pegando uma bandeja e colocando duas canecas com chá para levar para as ladies, que haviam se trancado no quarto desde que a chuva começara.

— Vou levar o chá para as duas. Ao menos, não poderão reclamar que as tratamos mal. — Fez uma careta. — Espere-me aqui e vamos descansar juntas.

Emma assentiu e viu a irmã sair para atender às ladies. Ficou pensando no que Hanna dissera e se o barão realmente era merecedor de toda aquela confiança que Hanna depositava nele.



Quando Rose despertou, uma luz fraca passava pelas frestas da janela. Estava deitada sozinha sobre o colchão de palha e não havia sinal de William ou das crianças. De repente, imaginou se tudo não havia passado de um sonho, que o barão Davon não estivera realmente ali com ela, abraçando-a, falando de sua família, ouvindo suas histórias. Esfregou o rosto e se sentou. Seu coração acelerou ao ouvir a risada dele, que veio do cômodo ao lado. Amava o jeito dele rir e sorrir. Passou a mão pelo rosto e se levantou. A porta abriu suavemente e Judith, a dona da casa, entrou sorridente.

— Milady! Como está? Sinto muito não termos uma cama à sua altura — disse, pegando o vestido de Rose, que estava estendido junto à lareira.

— Perdoe-me, senhora! Acredito que tenha dormido demais... — ela falou sem graça, ajeitando o cabelo despenteado.

— Poderia dormir o quanto quisesse, milady. O barão e as crianças estão fazendo o desjejum e Teobald irá levá-los em nossa carroça até o palácio, porque Beny levou os cavalos ontem à noite. Com os caminhos esburacados por causa da chuva, era muito perigoso montá-los e o barão pediu que os levassem, assim como mandou uma mensagem para Hanna — a mulher explicou e sacudiu vigorosamente o vestido, que soltou pó e barro seco e estava cheirando a pinho queimado. — O barão pediu que eu ajudasse a vesti-la. Lamento que não tenha podido lavar o vestido... — disse, penalizada, enquanto Rose tirava a camisola emprestada.

— De maneira nenhuma... — Ela sorriu e a mulher colocou o vestido sobre sua cabeça. — Vocês já fizeram demais.

A mulher ajeitou o vestido nos ombros de Rose e começou a apertar a cintura,

ajustando as fitas. Foi inevitável a Rose pensar nos dedos de William roçando nela, enquanto desamarrava as fitas, e ela sentiu os bicos de seus seios enrijecerem de maneira desconfortável. Apertou o tecido contra o corpo para disfarçar.

— O barão é um bom homem, milady. Todos aqui em Davon o admiramos. Há boatos, mas dentro dessas terras nunca vimos nada que o desabone — a mulher falava, preocupada. — E quando ouvimos que ele iria casar ficamos muito felizes, porque um homem como ele não merece ficar sozinho. — Ela deu um puxão um pouco mais forte na fita e Rose ofegou com a pressão. — Perdão, milady!

Rose ouvia aquilo com sentimentos contraditórios. Ela sabia que William não era aquele homem que todos além de Davon diziam ser e que era muito bom com crianças, que não merecia mesmo ficar sozinho, mas pensar numa mulher que o compreendesse e não chegasse cheia de ideias alimentadas pelos boatos, como lady Margareth, fazia-a sentir um aperto no peito. Respirou fundo.

— Sabe, milady, quando soubemos da morte da outra noiva do barão, lamentamos muito. Mas, agora, conhecendo milady, acredito que tudo tem um propósito maior e a alegria que vimos no rosto do barão é algo que traz paz a todos nós em Davon. — Ela terminou de fechar as fitas e pegou no cabelo de Rose. — Milady é linda, doce e, se me permite dizer, não tem a arrogância de outras nobres que conhecemos.

Rose não sabia o que dizer. Precisava alertá-los de que não era a noiva do barão, mas não queria entristecer a mulher que a tratava de maneira tão cordial. Preferiu o silêncio, mas guardou aquela informação sobre a morte de uma noiva.

A porta abriu mais uma vez e Madie apareceu sorridente.

— Você é dorminhoca! — Brincou.

— Não fui eu quem dormiu assim que se sentou junto à lareira... — Rose retrucou e tocou no nariz de Madie, fazendo uma careta.

A menina sorriu e deu de ombros.

— William não deixou que eu a acordasse, mas nós já tomamos o desjejum.

— Perdão por fazê-los esperar, minha querida — Rose falou e elas saíram do quarto.

William falava com Teobald e Thomas os observava, atento e sério, como um pequeno aprendiz. O barão se levantou quando Rose apareceu, assim como Teobald, que lhe fez uma breve reverência. William pegou na mão dela e a beijou, depois ergueu o rosto e deu um sorriso.

— Milady...

Rose ia dizer mais uma vez que não era uma lady, mas decidiu que não provocaria o barão diante de seus anfitriões.

— Milorde... — ela fez uma breve reverência e devolveu o sorriso, o que valeu todo seu esforço, pois viu a sobrançelha dele se erguer ligeiramente como se perguntasse: *Não vai discordar? E por que não me chamou de William?*

Após o desjejum, Teobald os levou de volta ao palácio numa pequena carroça puxada por um burrico. Havia bastante lama no caminho e o trajeto foi feito lentamente. Rose foi sentada atrás com as crianças e William sentou-se na frente com o condutor.

— Eu amei o passeio! — Madie falou sorridente.

— Achei bem divertido — Tomy completou. — O barão é muito esperto, conhece tudo e ainda é um guerreiro! — o menino disse, cheio de admiração e Rose sorriu, porque Tomy era bastante desconfiado e deixar clara sua admiração por William era um ótimo sinal. — Você gostou, Rose? — ele perguntou, encarando-a.

Rose olhou para as costas de William, na parte da frente da carroça. Ele não dava indícios de que ouvia a conversa.

— Muito — ela respondeu com sinceridade e um sorriso.



Quando chegaram aos limites do palácio, Jack se aproximou da carroça.

— Will! Soubemos que ficou preso por causa da chuva — falou com um leve sorriso, ao ver o barão erguer uma das sobrançelhas. Depois, olhou para a parte de trás da carroça, onde uma bela jovem estava ladeada por duas crianças. — Milady... — a cumprimentou com um aceno de cabeça e viu as bochechas da jovem enrubescerem. Ele viu os olhos dela e soube, imediatamente, quem era. Então, compreendeu o jeito de William, meio tenso, querendo sorrir, mas tentando esconder o contentamento, como se tivesse acabado de vencer uma batalha, porém não querendo se gabar.

— Jack, essa é Rose. — William a apresentou e ela sorriu. — Esse é meu capitão da guarda, Rose.

— Como vai? — ela o cumprimentou.

— Agora, com essa visão maravilhosa, estou ótimo! — Sorriu e percebeu o jeito contraído da jovem. — É um prazer conhecê-la, milady!

Jack olhou para William. Então, aquela era a mulher que o ferira? Não foi à toa que ele ficou atormentado. Riu por dentro ao imaginar como aquela pequena lady havia domado completamente o terrível barão Davon, depois de enfiar-lhe uma lâmina no corpo.

Emma apareceu à porta ao lado de Hanna e sorriu aliviada ao ver os filhos bem e felizes.

As crianças saltaram da carroça, animadas, querendo contar o quanto antes

suas aventuras à mãe. Rose se ergueu para descer e, antes que pudesse saltar, William estava diante dela com a mão estendida para ajudá-la, embora soubesse que ela não precisava de ajuda, depois de vê-la subindo e descendo de um cavalo. Mas ele a olhava daquele jeito irresistível e ela estendeu a mão.

Emma olhou para Rose, que tinha uma mistura de alegria e apreensão no rosto. Olhou para o barão e o viu com um brilho de felicidade nos olhos azuis.

— Hanna, arrume um quarto no palácio. Rose vai ficar aqui — William anunciou e sorriu para Rose, que arregalou os olhos, surpresa. — Quero que mande ajustarem os melhores vestidos para ela e preparem um banho quente com aquelas ervas.

— Sim, milorde — Hanna sorriu e piscou para a irmã, que estava boquiaberta, mas precisava compreender o que estava acontecendo.

— Milorde... — Emma se dirigiu a ele. — Não creio que...

— Emma — ele deu um sorriso sedutor com o canto da boca. — Prometi que iria cuidar de Rose, não prometi? E ela é da realeza, não deve de maneira alguma ser tratada de forma diferente. A partir de hoje, ela é minha convidada — piscou e viu a mulher abrir e fechar a boca sem conseguir dizer nada, depois olhou para Rose, que estava igualmente atônita.

Tomy e Madie se olharam, aprovando, e Jack, satisfeito, deu um largo sorriso.

William se virou para Rose, segurou em sua mão e a beijou.

— Princesa da tribo O’Kelly, aceita o convite de um simples barão para que fique como minha convidada em meu palácio?

Os olhos azuis de William brilhavam de tal maneira que Rose teve a impressão de que iluminavam todo o saguão. O coração dela batia em um ritmo alucinado e sua mão tremia, segura pela mão dele. Não havia esperado por aquilo.

— Milorde, eu não sou uma princesa como... — ia dizendo e ele tocou em seus lábios com a ponta do dedo, o que foi simplesmente devastador para o corpo de Rose, que se lembrou do beijo ardente que eles trocaram.

— Acho que já tivemos essa conversa — ele falou, erguendo uma das sobrancelhas escuras.

— Venha, milady! Vamos arranjar tudo! — Hanna pegou no braço dela. — Vamos, Emma... crianças... — disse e olhou rapidamente para o barão, sorrindo em total aprovação.

William ficou olhando as mulheres e as crianças saírem conversando, animadas, acompanhando Rose, que não havia dito nada e apenas olhou para ele sobre os ombros. Ele respirou fundo, satisfeito.

— Se eu não tivesse visto com meus próprios olhos não acreditaria de maneira alguma — a voz admirada de Jack o fez lembrar que seu capitão da guarda

continuava ali. — Princesa O’Kelly? Foi essa princesa que apunhalou sua barriga e acertou seu coração? — Jack perguntou, irônico.

William apenas deu um profundo suspiro. Jack estava totalmente certo.

— Ela ainda não confia totalmente em mim... Mas, por Deus! Eu vou me casar com essa mulher! — exclamou, sorrindo.

— Acredita que as ladies agourentas vão aceitar isso assim? Você dispensa uma nobre indicada pelo rei, manda ela embora de sua casa e vai anunciar o noivado com uma princesa irlandesa?! O que o rei vai achar disso? O barão de Rhys vai chegar espumando... — Jack falou e viu as sobrancelhas escuras de William arquearem, mas completou: — Você e Robert não são tão diferentes, afinal.

William poderia responder a todos aqueles questionamentos, mas estava tão certo do que queria que nada daquilo parecia importante, a não ser o fato de que ele e o irmão fossem realmente parecidos.

Robert havia simplesmente deixado de lado todas as implicações, o desejo do rei, sua função em Davon e até chegara a bater nele em defesa do amor que sentia por Lisie. Robert havia lutado e abria mão de tudo para ficar com a mulher que tinha sido destinada a William e que concordara em ser dada como morta para poder viver o amor. E tanto o irmão quanto Lisie estavam imensamente felizes.

William respirou fundo.

— Jack, quero aquelas ladies insuportáveis a caminho de casa o quanto antes. Escolte-as até fora de minha propriedade. Já enviei uma mensagem ao rei, só terei que atualizá-lo sobre minha nova escolha — que, talvez, não o agrade, já que a Irlanda oferecia sempre conflito e ameaças ao reinado de Eduardo.

— Nada que se resolva com mentira dessa vez, não é, Will? — Jack falou baixo e com preocupação, afinal, o barão já oferecera uma mentira ao rei ao confirmar a suposta morte de sua noiva, Lisbeth.

— Não — William respondeu, pensativo, a razão o agulhando desconfortavelmente, tentando fazer fracassar sua resolução. — Terei de ir a Westminster e tratar disso pessoalmente.

— E que o rei esteja de bom humor — Jack fez uma careta.

Capítulo 14

Mary, a guardiã das chaves, foi requisitada e as ordens do barão lhe foram transmitidas. A criada ficou pensativa por um momento, batendo a mão sobre o bolso com as chaves.

— Eu estava pensando em uma coisa... — falou e deu um leve sorriso para Hanna.

— Eu também — Hanna retribuiu o sorriso com cumplicidade.

— Creio que lady Elene iria exultar de alegria, não acha, Hanna? — perguntou, observando o rosto confuso da jovem irlandesa.

— Muito — os olhos de Hanna se encheram de lágrimas.

— Lorde Davon nos deixou livres para escolhermos? — Uma nova troca de olhares cúmplices.

— Certamente.

— Então, talvez seja melhor pedir para trazer aquele baú que havia sido preparado para lady Lisbeth, com os vestidos novos.

— Já pedi — Hanna falou, animada.

Emma acompanhava a conversa das duas mulheres com a certeza de que muito sabiam e que há muito trabalhavam juntas no palácio. Ambas não conseguiam disfarçar seu contentamento com a situação. Olhou para Rose e ela estava um pouco pálida, talvez sem entender exatamente o que aquilo tudo significava.

Emma havia mandado os filhos para a cozinha, porque precisava ter uma conversa séria com Rose, assim que a questão do quarto fosse resolvida.

— Milady... — Mary falou com Rose, dedicando-lhe o novo tratamento. — Você se importaria em ficar nos aposentos de lady Elene? Ela não morreu aqui, mas se isso a assustar...

— Mary! Por favor! Eu não sei se devo... — Rose sentia as mãos geladas. Ficar no quarto da mãe de William? Um aposento maravilhoso, digno de uma verdadeira lady?

Hanna se aproximou e pegou em suas mãos, olhando-a com carinho, de um jeito que a fez perceber como ela e Emma eram parecidas em muitas coisas.

— Está gelada! — Esfregou suas mãos e depois tocou em seu rosto. — Não se preocupe. Você é uma convidada de honra do barão e esse é o melhor aposento do palácio. Ele vai apreciar muito se aceitar.

Rose sentia o coração batendo com força contra o peito. Olhou para Emma. O que a amiga acharia daquilo? Ela a havia alertado para o perigo do barão querer mantê-la como uma amante, mas não tinha certeza do que William pretendia quando a convidou para ficar. Ele fora carinhoso e compreensivo depois de se afastarem daquele beijo arrebatador. Ela havia dormido apoiada no peito dele e ele fora absolutamente maravilhoso. Também foi maravilhoso com as crianças e um homem honrado com ela, mas aquele convite a pegara completamente desprevenida. Emma também parecia insegura e nervosa, mas sorriu para tranquilizá-la.

Quando entraram novamente no aposento que tinha sido da mãe de William, a garganta de Rose se comprimiu. Lembrou-se dele falando sobre seus pais, sua família e sobre a morte da mãe. Ele não tivera uma vida muito feliz. Diferente dela, que tivera uma família que se amava, que festejava, que ria junto. Ela se lembrava dos olhos cinzentos de seu pai que brilhavam quando fitava a mãe dela e de como ele a puxava para si e a beijava. Lembrava-se de sua mãe que ria e batia no peito largo do marido, mandando que fosse caçar algo para deixá-la um pouco em paz, mas, que ao mesmo tempo, não se soltava dele.

Emma observava a jovem que havia ficado parada no meio do quarto, os olhos marejados, certamente vendo algo que não estava ali. Hanna e Mary saíram, dizendo que iriam preparar o banho com as ervas. Ela pegou no braço da jovem e sentiu que tremia.

— Rose... venha, minha querida. Vamos tirar esse vestido que está cheio de lama seca — falou suavemente e só então Rose pareceu perceber onde estava e se deu conta daquele detalhe.

— Será que estragou o vestido? — perguntou, preocupada.

Emma riu. Rose não tinha percebido que o barão havia simplesmente mandado que novos vestidos lhe fossem dados e que não se importava com o que acontecera àquela peça.

— Nós daremos um jeito, não se preocupe — disse e começou a desamarrar as fitas trançadas às costas do vestido. — Agora, conte-me como foi realmente o passeio, porque Tomy e Madie me contaram uma aventura extraordinária!

Rose suspirou e começou a contar sua versão da história.



William passou algumas missões para que Jack cumprisse naquele dia, porque queria ficar no palácio com Rose. Pediu que lhe preparassem um banho, pois queria estar adequado para ela. Seu criado organizou tudo e ele tomou um longo e relaxante banho, enquanto pensava no beijo que dera em Rose, em como ela reagira a ele com fogo e como fizera o desejo dele crescer de maneira

vertiginosa. William a queria desesperadamente, mas precisava ir com calma, embora não estivesse com vontade alguma de esperar.

O dia foi agitado e ele teve muitas coisas a resolver, inclusive atender o representante dos camponeses que foi conversar sobre a organização da festa. Percebeu como as pessoas se animaram com a promessa de uma celebração e nem a chuva que caía novamente havia esfriado os ânimos.

A festa ficou programada para quando o último fruto tivesse sido armazenado, o que deveria ser dali cinco dias. Rupert, o representante, saiu satisfeito e agradeceu efusivamente ao barão e sua noiva, fazendo votos de felicidade e prosperidade ao casal.

William suspirou, recostando-se em sua cadeira e um sorriso lento se desenhou em seu rosto. A cada minuto, a ideia de Rose como sua mulher ia se tornando mais clara e urgente. O criado entrou com o jarro de vinho e uma taça.

— Milorde, lady Margareth pediu para falar com o senhor.

Jack havia dito que a partida das ladies fora adiada mais uma vez por conta da chuva e embora William preferisse se esquecer de que as duas estavam no palácio, ainda eram suas hóspedes, mesmo que indesejadas. Ele ia dizer para que a mandasse esperar até o jantar, mas Margareth surgiu à porta.

— Milorde...

William respirou fundo e mandou o criado sair, bebeu um pouco do vinho e encarou a lady. O gosto do vinho não estava muito bom e ele se perguntou que vinho estranho era aquele, porque, definitivamente, não era vinho de Sunset. Talvez não tivessem acondicionado direito, o que deixaria seu irmão furioso.

— Lady Margareth, creio que já discutimos o que era necessário e sua partida ocorrerá assim que a chuva diminuir — falou com impaciência. Lembrou-se das duas agredindo Rose e da marca de chicote que deixaram. — Talvez esteja aqui para pedir desculpas pelo ocorrido ontem... — deu um sorriso irônico.

Margareth fechou a porta e deu um passo na direção dele.

— Eu... vi o senhor saindo ontem com a criada selvagem e duas crianças camponesas. Admiro sua vontade de se comunicar com os subalternos, mas o senhor bem sabe que a maneira como tratou a mim e minha mãe não é adequada a um nobre e ainda há tempo para desfazer esse pequeno engano... — ela deu um sorriso felino.

— Não há qualquer engano — William disse e viu a figura de Margareth oscilar diante dele.

— Claro que há, William... — a lady se aproximou um pouco mais. — Um barão que tem tanto apreço do rei não pode se deixar impressionar por uma criada qualquer, a ponto de ofender a nobreza por causa dela.

— A senhora deve ir agora... — falou e seus ouvidos zumbiram, obrigando-o

a balançar a cabeça.

— De maneira alguma. Agora é que minha visita ficará perfeita — Margareth sorriu e viu William cair de joelhos, lutando contra os efeitos do láudano que ela colocara no jarro de vinho, enquanto sua mãe distraía o criado no corredor.

A vista de William escureceu, embora ele estivesse lutando para não cair, mas não conseguiu e, enquanto perdia a consciência, teve a certeza de que acabara de cair em uma armadilha.



Rose já estava cansada de ficar no salão. Usava um dos vestidos novos, que fora ajustado para ela. Segundo Hanna, um dos que tinham sido reservados à lady Lisbeth De Tanis, que acabara morrendo na estrada e não chegara a Davon. O tecido era pesado, mas confortável, de um tom escuro de verde, com fitas que o ajustavam ao corpo na parte da frente e mangas longas que balançavam conforme ela se mexia com impaciência. Parecia que ela não fora feita para aqueles vestidos, da mesma maneira que parecia não ter sido feita para aquele palácio ou para ser uma lady, que podia olhar os criados atarefados e não desejar auxiliá-los de alguma maneira.

— Você está com coceira, Rose? — Madie perguntou, enquanto a encarava com curiosidade.

Rose sorriu e tocou no cabelo da menina.

— Não. É que não gosto de ficar sem fazer nada e... — suspirou para não dizer que estava ansiosa para ver William, mas que ele, simplesmente, não aparecera.

— William vai falar que você está linda — a menina comentou com inocência e não reparou no rubor que cobriu o rosto da jovem. — Come mais um bolinho... — Madie se sentou na cadeira diante da lareira, ao lado de uma mesa onde havia uma travessa com bolinhos doces e uma jarra de vinho.

Rose foi até a mesa e se serviu de vinho. Seu coração estava apertado, como se alguma coisa ruim fosse acontecer. Sua mãe diria que toda mulher do Éire tem o dom de sentir as aflições de seus amados. E isso bem parecia verdade, pois sua mãe sentira quando o marido fora assassinado pelo inimigo e havia coordenado seus filhos para se prepararem para um ataque à tribo. Rose vira a mãe dando ordens de maneira enérgica, mas percebera a dor em seus olhos. Mas, por que ela sentia aquele tipo de aflição no peito? Talvez fossem os cordões do vestido, que estavam muito apertados.

Capítulo 15

William abriu os olhos pesados, sentindo um torpor por todo o corpo. Por um momento tentou se lembrar de onde estava. Era como se tivesse bebido muito, e não estava só. Cabelos castanho-escuros cobriam seu peito e Margareth ergueu o rosto em sua direção. William sentiu como se tivesse sido atingido por um raio e a lembrança dos momentos antes de apagar vieram rapidamente. Uma armadilha. Sentou-se e percebeu que estava nu, assim como Margareth, que o olhou como se estivesse sonolenta. Um sorriso de satisfação curvava os lábios dela. Ela puxou o vestido contra os seios e sua expressão mudou para aterrorizada.

— Milorde, espero que esteja satisfeito... — falou como se fosse chorar, enquanto ele ficava de pé e oscilava, precisando se apoiar à mesa.

Margareth se ergueu lentamente e havia um hematoma em seu rosto. O vestido que ela colocava diante do corpo estava rasgado.

— Lady Margareth, saia daqui, agora! — ele falou e pegou a calça que estava jogada ao lado da mesa. Estava muito zozzo e a vestiu com um pouco de dificuldade.

— Não vai me usar, bater em mim e depois me mandar sair como uma prostituta! — ela falou em voz baixa e letal. Então, começou a gritar.

O som agudo dos gritos de Margareth fez os ouvidos de William zumbirem dolorosamente.

— O que está fazendo? — ele gritou e se aproximou dela.

A porta abriu com um baque e lady Gisela surgiu, olhando horrorizada para dentro da sala.

— O que o senhor fez? — ela entrou, furiosa e abraçou a filha que começou a chorar, agarrada aos trapos de seu vestido.

— Eu não fiz nada! — ele vociferou e viu Hanna que apareceu à porta, parando chocada com a cena.

— O senhor bateu em minha filha! O senhor... o senhor... Oh, meu Deus! Que desonra! — Lady Gisela exclamou, perplexa e indignada.

— Hanna... — William olhou para sua criada, que estava com as mãos sobre o peito e os olhos lacrimosos. Então, seu coração afundou no peito, quando Rose apareceu à porta com Madie.

— Ele bebeu e eu... vim conversar. Então, ele me bateu e me forçou a... — Margareth falou, apoiando-se à mãe como se fosse desmaiar.

— A fama que conquistou se fez valer, não foi, senhor Barão? — Lady Gisela gritou e reparou que ele olhava atormentado para a porta. Ela sabia quem estava ali.

William deu um passo à frente, mas tudo parecia ainda girar e ele oscilou.

— Milorde... — Hanna passou pelas ladies e pegou no braço dele, dirigindo-lhe um olhar penalizado.

William viu Rose permanecer por um momento parada à porta, pálida, com uma expressão de choque e decepção e, ainda pior, viu o olhar atônito de Madie. E, então, as duas saíram.

— O rei irá saber disso! — Lady Gisela falou, enquanto enrolava a filha nos trapos do vestido e se viravam para sair.

William se deixou cair sentado. Nunca havia sentido o peso de uma derrota com aquela intensidade. Caíra numa armadilha e mal conseguia ficar de pé.

— Hanna... — ele olhou para sua governanta, a criada mais antiga do palácio. Os olhos dela estavam lacrimosos. — Eu não bebi... não bati em Margareth. Eu...

Emma apareceu à porta, ao lado de Tomy. Os dois pareciam não entender o que havia acontecido e Hanna fez um sinal para que saíssem.

— Milorde, eu acredito, mas... — ela suspirou e balançou a cabeça.

— Eu deixei que pensassem o pior de mim e ninguém vai acreditar... Era isso que ia me dizer, Hanna? — ele perguntou com raiva e pegou a túnica que ela estendia. — Rose não vai acreditar. — passou a mão pelo cabelo. Não importava que outras pessoas não acreditassem, mas se Rose não acreditasse nada valeria a pena.



Rose saiu do corredor, sentindo uma pontada profunda no peito e seu maxilar travado. Madie, calada, segurou em sua mão e elas pararam à porta do quarto que tinha sido oferecido à Rose naquele mesmo dia.

— Eu não gosto daquela mulher que bateu em você — a menina disse com seus grandes olhos marrons cheios de lágrimas.

Talvez, a menina não tivesse compreendido a total gravidade da situação, mas ouvira lady Margareth acusando William de ter batido nela e era aquilo que a machucava.

— William não bateu nela, não mesmo! — a menina exteriorizou com raiva e as lágrimas desceram pelo seu rosto.

Rose, segurando a própria vontade de sair correndo dali e chorar, ajoelhou-se diante de Madie e passou a mão em seu rosto. Madie perdera o pai e colocara toda sua confiança em William, e se negaria a acreditar que havia se enganado. Ela a abraçou e encostou a cabeça de Madie em seu colo, aninhando-a.

carinhosamente. Suspirou, engolindo qualquer dor e insegurança, e beijou a cabeça da menina.

— Não. Ele não bateu — falou, cerrando os dentes, porque, assim como Madie, precisava muito acreditar naquilo e a pontada no pequeno corte feito pelo chicote de lady Gisela a alertava de que havia, sim, algo de muito errado naquela situação.

— Você vai falar com ele? Vai dizer que a gente não acredita que ele bateu naquela lady má? — Madie soluçou e seus olhos imploravam para que Rose fosse até o barão.

Rose suspirou mais uma vez.

— Sim, minha pequena, eu vou falar com ele.

Madie sorriu em meio às lágrimas e passou a mão pelo rosto, como se estivesse apenas esperando Rose dizer que também não acreditava em nada daquilo.

Emma e Tomy apareceram à porta e estavam confusos, não sabiam o que realmente havia acontecido.

— O que aconteceu? — Emma perguntou, ajoelhando-se ao lado delas no meio do aposento e a filha foi para seu colo.

Tomy estava com as sobrancelhas fortemente arqueadas, cheio de desconfiança.

— Ah, Emma... acho que as ladies conseguiram o que vieram buscar — Rose falou com a voz embargada.

Emma a olhou e a compreensão lentamente se formou dentro dela. Ela balançou a cabeça, lamentando e apertou a filha junto ao colo.

— O que elas vieram buscar? — Tomy perguntou com os punhos cerrados ao lado do corpo, numa postura indignada.

Rose segurou na mão dele e sentiu a pressão que as unhas faziam na palma. Ela o acariciou suavemente, mas, antes que respondesse, a voz de William surgiu à porta.

— Rose... posso falar com você?

Todos olharam para ele. Rose se ergueu, assim como Emma e Madie que, para a surpresa delas, correu e segurou nas pernas do barão.

Os olhos dele cintilaram. Ele se ajoelhou diante da menina e tocou suavemente em seu rosto. O sentimento de Madie era tão puro, tão claro, que tocou profundamente seu coração e ele sentiu os olhos arderem como nunca antes.

William nunca chorava. Tinha sempre que ser o homem forte, seguro, que resolvia as coisas, que enfrentava tudo com a frieza de um lorde nascido para comandar e um soldado treinado para lutar. Nem quando sua mãe morreu ele

havia derramado lágrimas, mas estava difícil buscar aquela dureza com a menina lhe dirigindo um olhar tão doce de compreensão e esperança.

— Nós... vamos para a cozinha... — Emma falou e pegou na mão da filha. — Tomy... — chamou pelo filho, que encarava o lorde como que exigindo silenciosamente satisfações que não o desapontassem. Puxou-o pelo braço e eles saíram.

William encostou a porta, fechou os olhos e respirou fundo. Rose estava parada no meio do quarto que fora da mãe dele, um lugar onde ela havia chorado muitas vezes, no qual ele ouvira por detrás da porta sem saber o que fazer.

— Tudo o que eu lhe disse ontem era verdade, Rose... — ele falou parado onde estava e foi encarado por olhos violeta que brilhavam, intensos como os da pequena Madie. — E... — Puxou a respiração com força. — Meu Deus! Claro que você não vai acreditar em mim! — falou, nervoso e passou a mão pelo cabelo escuro e rebelde. — Eu apaguei... Senti um gosto ruim no vinho, mas... Quando acordei, Margareth estava... Eu não estava bêbado! — Como explicar aquilo para a mulher que ele havia atacado no estábulo da vila, justamente por estar bêbado?

— Madie ficou assustada... — a voz de Rose saiu fraca. Ela percebia a angústia dele, sentia a sinceridade de suas palavras e se lembrava do que havia contado sobre sua família no dia anterior.

— Maldição! Aquelas víboras... — o maxilar dele enrijeceu.

— Elas querem o casamento — Rose esfregou os braços para afastar o calafrio que correu sobre a pele.

— Mas não vão me obrigar!

— O rei vai obrigá-lo — ela falou e o viu se aproximar e parar muito próximo. Podia sentir a respiração quente dele em seu cabelo e ver o peito largo, subindo e descendo com força.

— Rose... — ele murmurou e tocou no rosto dela.

— O senhor não me deve nenhuma explicação — ela disse, sentindo o gosto salgado das lágrimas, mas as segurou. — Eu sou a culpada por essa situação. O senhor não as teria mandado embora se eu não tivesse respondido à provocação.

Rose sentiu o braço dele, que a enlaçou pela cintura e a puxou para junto de seu corpo, e seu coração disparou, deixando-a ofegante. William se inclinou, encostou a testa à dela e aspirou profundamente.

— Devo todas as explicações e preciso que acredite em mim... porque eu quero você, Rose. Quero que você seja minha mulher. Quero que seja a senhora de Davon. Só isso me importa: você me aceitar, acreditar em mim...

William segurou o queixo dela com a outra mão, sem soltá-la e seus olhos se encontraram.

— É você, Rose... Mas você tem que me achar digno.

Rose ouviu aquilo e seu corpo todo pulsou. Ela ficou na ponta dos pés e, segurando-o pela nuca, o beijou.

Não importava naquele momento o que o rei pensaria, as ameaças das ladies ou qualquer outra coisa senão o homem que estava diante dela. Um guerreiro que havia, simplesmente, tocado sua alma e coração com a força de uma tempestade.

A mãe de Rose sempre dizia que quando a pessoa certa aparece é como um raio que encontra uma árvore. Haveria tantos outros lugares para que ele caísse, mas ele escolhe aquela árvore, e seu encontro é tão forte que o fogo nasce feroz. Pode consumir a árvore, mas, por um momento infinito, raio e árvore são apenas um.

Rose sentiu como se um raio tivesse caído sobre ela e a incendiasse, mas não estava só. William a puxou para mais perto de si e o beijo incendiou os dois. Ela lamentou aquele vestido todo cheio de fitas e panos, porque desejava se livrar dele com a facilidade com que William se livrou da túnica, expondo o corpo talhado em batalhas e que a levava de volta à sua terra, à sua tribo, aos guerreiros das histórias e lendas. O ferimento estava ali, para lembrá-los do momento exato em que suas vidas se encontraram.

William a ergueu até a cama que fora da mãe dele e Rose o puxou para si, como se não quisesse que ele recobrasse um pouco da razão. O rosto dela estava afogueado, os olhos brilhavam intensamente e seus lábios estavam inchados do beijo afoito. Havia um calor selvagem em sua princesa irlandesa que simplesmente era irresistível.

Ele soltou as fitas irritantes do vestido dela e o puxou pelos ombros, desnudando a pele, que parecia leite. Os seios firmes saltaram e William teve certeza de que jamais vira tamanha beleza. Seus lábios, imediatamente, foram atraídos para os bicos rosados e túrgidos. Rose gemeu e o agarrou pelo cabelo com força. Ele a enlaçou pela cintura, onde a saia ainda estava presa e a puxou para si. Então, ela segurou no rosto dele e o fez olhá-la nos olhos. Ele não sabia o que dizer diante daquela deusa gaélica que o dominava.

— Eu... o considero... digno... – ela falou, arfante e o empurrou sobre a cama, as saias roçando no corpo dele.

Rose vinha de uma tribo onde o amor entre um homem e uma mulher não era algo feito escondido ou por obrigação. Ela crescera vendo o fogo que havia entre seus pais. Eles eram afoitos, intensos e as cortinas que separavam suas camas das dos filhos não abafavam seus sons e também não impediam que a curiosidade da prole fosse saciada. E foi pensando em sua tribo, em tudo o que aprendera e que nunca fizera, que ela o montou, o dominou, cavalgou, tomou

para si... Era o raio encontrando a árvore.



— Meu Deus, Rose! — William exclamou, completamente admirado, enquanto acariciava os braços nus e macios de sua princesa. — Estou me perguntando o que foi que deixei passar quando estive na Irlanda. — Ele riu.

Rose, completamente saciada, feliz e ligeiramente dolorida, riu também, enquanto acariciava o peito dele e descia a mão, passando os dedos delicadamente sobre o ferimento que ela provocara.

— Você é simplesmente maravilhosa! — Ele se virou sobre ela para beijá-la.

William nunca imaginara sentir o que estava sentindo. Jamais acreditara conseguir experimentar tudo aquilo. Quando vira a relação de seu irmão com Lisie, vislumbrara um tipo diferente de relacionamento, mas havia pensado que jamais teria aquilo para si. Agora, com Rose entre seus braços, depois de fazer amor pela primeira vez em sua vida ao contrário de apenas sexo, William se sentia merecedor e queria mais. Queria Rose ao seu lado em todos os momentos.

Ela já o havia encantado durante aquele passeio pela propriedade, pela maneira com que conquistara os camponeses, como os animara para uma festa e como era doce. Ela o fizera amá-la ainda mais ao vê-la cavalgar e simplesmente o aprisionara ao ensiná-lo a fazer amor. William descobriu que mesmo sendo um homem experiente na cama, nunca havia feito amor.

— Eu... — ela murmurou e seu rosto ficou adoravelmente vermelho, enquanto encarava o peito dele. — Não sabia que era assim... Quer dizer... Eu já tinha visto, mas...

Estava envergonhada e aquilo fez o corpo de William ficar pronto para ela novamente.

— E... foi bom? — ele perguntou com um sorriso, porque vira muito bem o rosto dela, o brilho em sua face, o sorriso que curvava seus lábios vermelhos, os gemidos de satisfação enquanto comandava o sexo.

Rose deu um sorriso torto e William a beijou.

— Muito bom! Muito bom mesmo, William! — ela falou, rindo.

William queria fazer amor com ela novamente, mas, então, uma batida na porta o obrigou a se afastar.

— Emma! — Rose se ergueu, tentando ajeitar o vestido no corpo. Se fosse sua amiga precisava se explicar e contar que não só acreditava em William, como o escolhera para amar.

William puxou a calça e jogou a túnica sobre a cabeça, vestindo-a rapidamente. Ele abriu a porta, mas era seu criado.

— Milorde, perdão, mas lorde Robert está aqui — anunciou sem olhar para

dentro do quarto, pois era o quarto de Rose e era evidente a intimidade que havia ocorrido.

— Robert? — William ajeitou a camisa com nervosismo. Teria acontecido alguma coisa à Elene? Ou a Lisie? — Diga a ele que me espere em minha sala — falou e o rapaz saiu rapidamente. — Rose, vou ver o que trouxe meu irmão até Davon. — Ele a beijou. — Encontre-nos no salão daqui a pouco. — Ela assentiu. Ele ajeitou o cabelo e saiu.

Rose ficou olhando para a porta, apertando o vestido diante do corpo. O que teria acontecido para que o irmão de William aparecesse ali, ao que parecia, inesperadamente? Olhou em volta, para o quarto. Estava sozinha pela primeira vez, desde que chegara a Davon e depois de ter se entregado totalmente a um homem... Não era um homem qualquer, era o barão Davon, William. E havia sido simplesmente maravilhoso! Ela se sentira inteira e as sensações foram tão intensas que ela devia ter gritado em algum momento, porque precisava, porque não conseguira controlar.

Olhou para a tapeçaria, onde dois meninos de cabelos escuros estavam no meio de um jardim. O que o irmão de William acharia de tudo o que estava acontecendo? Das ladies? Ele acreditaria na armação de lady Margareth?

Rose escolheu um dos vestidos mais simples do baú que havia sido da noiva de William, o qual não precisava de ajuda para vestir. O vestido tinha um tom rosa escuro e nada de fitas para ajustar. Ela terminava de ajeitar as mangas, quando bateram à porta e ela se abriu. Madie, Emma e Tomy surgiram com olhares preocupados e ansiosos.

Capítulo 16

Robert olhava para o irmão, que tentava ajeitar a túnica e o cabelo.

— Talvez, Lisie tenha se enganado... — disse com um leve sorriso.

— Rob, achei que houvesse acontecido alguma coisa com Elene ou Lisie. Senão, por que você viria a Davon sem mandar uma mensagem? — William encarou o irmão.

— Ah, se eu não viesse imediatamente, Lisie não deixaria eu me deitar com ela por... sei lá quanto tempo. E não estou disposto a ficar fora da cama dela por mais tempo que o necessário para vir aqui e ver se está tudo bem. — Robert deu de ombros e cruzou os braços.

William se encostou à mesa ao lado do irmão e respirou fundo.

— Não está, é isso? — Robert perguntou. — Não sei como as mulheres fazem isso. Essa coisa de sentir coisas... — ele voltou a andar pelo aposento e parou de frente para seu irmão mais velho. — O que está acontecendo? Você parece bem — disse, arqueando uma sobrancelha, analisando-o.

— Rob, estou com duas ladies em minha casa, a nova pretendente que Eduardo empurrou para mim e a mãe dela, uma monja agourenta. E também tenho em meu palácio uma princesa irlandesa, com quem pretendo me casar e que está no quarto de nossa mãe — William falou e observou a reação do irmão.

— Quarto que, suponho, foi de onde você acabou de sair. — Robert sorriu. — Agora me conte que tipo de problema terá com o rei dessa vez.



Emma havia mandado as crianças de volta para a cozinha e, sentada na cama de Rose, ouviu o que a jovem lhe contava, enquanto via seus olhos brilhantes e a felicidade estampada em seu rosto. Suspirou e pegou na mão de sua amiga.

— Madie e Tomy ficaram preocupados que você pudesse acreditar na lady que te bateu e não no barão. — Suspirou. — Ele conquistou as crianças... e você. — Sorriu e passou a mão no rosto rosado de Rose. — Se ele a tratou bem como me disse, o que seus olhos me dizem que não é mentira, então temos que concluir que essas mulheres são muito perigosas.

— Elas vão embora...

— Mas nada as impede de ainda causar danos — Emma ficou séria e pensativa.

— O que elas poderiam fazer, Emma? — Rose perguntou, preocupada.

— Acusar o barão de agredir lady Margareth. De tomá-la à força.

— Ele jamais faria isso! William disse que só tomou um pouco de vinho e sentiu um gosto ruim demais, que se sentiu mal e...

— Hanna pegou o jarro. Ela está muito desconfiada e estava preocupada com a possibilidade de você não acreditar nele. Minha irmã está pronta a defender o barão diante de quem quer que seja — Emma balançou a cabeça. — E Madie também.

— O irmão dele chegou e ele ficou preocupado.

— É um belo homem, assim como o barão. Eu o vi quando chegou — ela olhou para a tapeçaria, onde os dois meninos estavam retratados e realmente eram muito parecidos.

— William quer que eu vá ao salão para conhecê-lo, mas, e se ele achar que eu...? — Rose suspirou e se levantou.

— O que importa, minha querida, é o que o barão acha, o que ele sente, e que a trate como disse que seria tratada. — Emma também suspirou e entortou ligeiramente os lábios. — E que o rei aceite.

E foi isso que deixou Rose com um bolo no estômago, porque ela não era ninguém importante para o rei e ele não iria aceitá-la como pretendente para um barão.



Robert olhava para seu irmão mais velho como se não o conhecesse realmente. A história de William era inacreditável! Embora, não tanto quanto sua própria história com Lisie.

Alguém bateu à porta e a abriu. Era Hanna e estava muito séria.

— Milorde... — ela falou, entrando no aposento, onde olhou para os dois irmãos juntos. Amava os meninos e a felicidade deles era muito importante para ela. Ficara muito feliz quando Robert chegara, depois de tanto tempo. Ele a abraçara e beijara carinhosamente, contara sobre sua mulher e sua filha, e ela soube que ele estava muito feliz. Agora, cabia a ela ajudar William a ser feliz, embora a situação fosse bastante delicada. — Jack já preparou a partida das ladies, como o senhor pediu.

— E elas?

— Há algo, milorde, que o senhor precisa saber... — respondeu muito séria e foi até a porta, fez um sinal e uma jovem, usando o vestido cinza de uma noviça, apareceu à porta, com as mãos apertadas diante do corpo e os olhos que fitavam o chão. — Essa é Edith, uma das criadas de lady Gisela.

William olhou para a jovem, que parecia prestes a chorar, e depois trocou um olhar intrigado com o irmão.

— Ela tem algo muito importante para contar e por conta disso pediu para ficar em Davon. — Hanna se aproximou da jovem e puxou a manga do vestido dela, exibindo o braço fino marcado por queimaduras cicatrizadas. — É assim que lady Gisela pune suas criadas, quando falham em algo e Edith teme que se ficar com a lady, a punição será mais... mortal, se o senhor me entende — Hanna falou com raiva.

William viu, perplexo, as queimaduras no braço da jovem e pensou no lanho que o chicote da lady havia deixado no braço de Rose. Sua raiva só aumentou.

— Isso podemos resolver. Ofereça o valor de uma criada de quarto como pagamento à lady — ele disse, sério e Hanna assentiu. — Agora, Edith, conte-me o que pode custar sua vida.



Rose estava com Emma e as crianças no salão. A lareira tinha sido acesa, porque um vento frio havia cruzado o salão pouco antes. Emma e os criados tinham arrumado a grande mesa para a refeição com lorde Robert. Hanna dera ordens a todos e depois fora até a sala do barão.

Jack havia passado pelo salão, acompanhado por um dos soldados de Davon e também seguiram para a sala. Rose sentia as palmas das mãos molhadas. Alguma coisa acontecia no palácio. Baús de lady Margareth e lady Gisela foram carregados para fora, para a carruagem delas que aguardava. Emma dissera que Mary fora levar a refeição das ladies no quarto e que elas iriam partir muito em breve.

Madie e Tomy estavam sentados sobre um tapete diante da lareira e brincavam com algumas pedrinhas coloridas que a tia Hanna havia lhes dado, mas havia uma espécie de tensão no ar. O soldado voltara da sala apressado e saíra.

— O que será que está acontecendo, Emma? — Rose perguntou, nervosa.

— Deve ser a partida das aves agourentas que eles estão providenciando.

Rose assentiu, mas não sabia se era apenas aquilo.

Pouco depois, William apareceu no salão, seguido por Hanna, Jack e, certamente, o irmão, que era muito parecido com ele, mas um pouco mais baixo. Entretanto, era igualmente impressionante e bonito.

William se aproximou dela, pegou em sua mão e a beijou. Sorriu e se virou para o irmão.

— Robert, essa é Rose, minha noiva — falou e sentiu a mão dela tremer na sua.

Robert se aproximou de Rose, fez uma pequena reverência e pegou em sua mão, levando-a gentilmente aos lábios. Ele também sorriu e era impressionante como se parecia com William, mas seus olhos eram de um azul escuro, enquanto

os do irmão eram bem mais claros.

— Milady... — ele falou e ela fez uma breve reverência.

— Milorde — respondeu.

Madie veio correndo e parou ao lado dela e de William.

— Rob, essa é minha pequena amiga, Madeleine — William a apresentou e viu a menina abrir um sorriso.

Robert pegou na mão de Madie.

— Milady... — falou com um sorriso e viu os grandes olhos castanhos da menina arregalarem. Ela deu um risinho.

— Esse é meu amigo Thomas, um rapaz sério, muito inteligente e que será um grande soldado — William disse, olhando para Tomy que se aproximou mais relutante. Mas, depois daqueles elogios o menino estufou o peito e aceitou o aperto de mão de Robert. — E essa é Emma. Ela é irmã de Hanna e mãe das crianças e, principalmente, a responsável por Rose estar aqui. — William a apresentou e a viu ficar com o rosto vermelho, quando o irmão pegou em sua mão e beijou respeitosamente.

— Senhora...

— Bem, já que as apresentações foram feitas e teremos tempo para conversar durante a refeição, vou deixar meu irmão ir lavar a lama da estrada, enquanto fiscalizo a partida de certas ladies... — William falou, voltando a ficar com expressão grave.

— William... — Rose segurou na mão dele antes que se afastasse novamente e ele se virou. — Está tudo bem? — perguntou e ele ergueu a mão, traçando o contorno do queixo dela com delicadeza.

— Vai ficar — ele disse e beijou a mão dela antes de sair do salão com o irmão e Jack.

Pouco tempo depois, as duas ladies passaram pelo salão. Vestidas com austeridade e as cabeças cobertas pelos véus, caminharam rigidamente. Rose ficou parada perto da lareira, ao lado de Emma e das crianças. Margareth diminuiu o passo e parou na direção de Rose.

— Você é apenas uma criada e será tratada como uma amante, sempre — disse com o rosto escondido pelo véu. — O barão não terá escolha. Eu serei a senhora desse palácio! E quando isso acontecer, você será devidamente punida e enviada de volta para sua terra de selvagens, de onde nunca deveria ter saído.

Rose sabia que muito daquilo podia ser verdade, pois o rei não iria gostar do arranjo que William estava tentando fazer, mas deu um passo à frente e ergueu o queixo, beligerante.

— Você jamais colocará os pés aqui novamente e se o fizer os soldados de Davon vão enviar seus pedaços de volta a seu pai, Margareth. E se ousar atentar

contra William novamente, ficarei feliz em mostrar a você meu lado mais selvagem — Rose falou, sentindo toda a força de sua mãe naquelas palavras. A confiança que sua mãe tinha na força de sua tribo, quando o assunto era proteger a família.

Margareth bufou sob o véu e Rose imaginou seus olhos faiscando, mas, enquanto ela a encarava sem esconder suas feições, a lady protegia sua arrogância detrás da renda.

Rose deu um leve sorriso e foi puxada para trás por Emma que, certamente, temia que a amiga fosse agredida novamente.

— Venha, Margareth, o assunto agora é com o rei — lady Gisela falou, ríspida e rígida, parada à porta. — Ele fará justiça e punirá a todos que nos insultaram.

Margareth se virou e saiu atrás da mãe, seguida por uma de suas criadas. Rose sentiu as pernas fraquejarem e se sentou junto à lareira.

— Rose, não sei o que dizer, mas estou orgulhosa — Emma sorriu e se sentou ao lado dela.

— Eu serei um soldado de Davon — Tomy falou, olhando na direção da porta. Havia ouvido o que Rose dissera e já se colocava como um protetor daquela família.

— William não vai mais ser barão? — Madie, sentada ao lado delas, perguntou preocupada.

Emma pegou na mão da filha e sorriu.

— As coisas não são tão simples assim, Madie — falou para tranquilizar a filha, mas ninguém sabia o que o rei faria dali para frente.

— Eu gostei do irmão dele — Madie mudou de assunto e sorriu.

— Só porque a chamou de milady — Tomy disse e recebeu uma careta de volta.

— É um homem muito galante — Emma comentou e viu que Rose olhava para a porta, séria. — Vamos rezar para que tudo fique bem, querida.



William havia conferido se a escolta das ladies estava completa, pois ninguém poderia ficar para trás. Algum soldado do barão de Rhys poderia ter recebido ordens de ficar para espionar ou mesmo fazer *justiça* a mando de lady Gisela. Ele temia alguma ameaça a Rose, porque ficara muito claro que as duas ladies a viam como um perigo à sua intenção de aprisioná-lo com aquele casamento.

A jovem criada revelara um plano que parecia inacreditável e que o deixou com raiva por ter permitido que alimentassem aqueles boatos sobre ele. Lady Gisela e lady Margareth tinham suposto que ele era um homem burro, além de beerrão e violento. Não podiam estar mais enganadas. Agora, ele tinha de ir até

o rei e expor a trama da família de Rhys, além de informar que já escolhera uma mulher e que ela era irlandesa.

Ele também pediria ao rei que o deixasse libertar com um pagamento a criada Edith, que lhe contara sobre as pretensões de suas senhoras. Temia pela vida da jovem, mas se a deixasse ficar asilada em Davon os riscos seriam ainda maiores.

Hanna oferecera uma gorda bolsa de ouro à criada e ficara responsável por convencer a jovem a fugir para um lugar seguro, assim que voltasse para a propriedade de Rhys.

Agora, lady Gisela olhava para o barão Davon, que as observava se aproximarem da carruagem. Ele estava ladeado por soldados e disse friamente:

— Sua tentativa de criar um monstro para levar ao conhecimento do rei, milady, pode ter sido um sucesso... — deu um leve sorriso de escárnio. — Diga ao barão de Rhys que se acaso se sentir ofendido, procure o rei ou venha enfrentar minha espada.

Margareth fez menção de dizer algo, mas a mãe a segurou pelo braço e a impediu.

— Direi, milorde — lady Gisela falou simplesmente e subiu na carruagem com a filha.

William respirou fundo quando viu a comitiva das ladies partir, seguida por vários de seus soldados que se certificariam de que elas iriam realmente para casa, com toda sua escolta.

— E agora? — Jack perguntou ao lado dele.

— Agora preciso comer, organizar minha partida para Westminster e depois, convencer uma mulher a viajar — ele bateu no ombro de seu capitão da guarda e voltaram para dentro do palácio.



Robert chegou ao salão antes que William retornasse e resolveu conhecer melhor a noiva do irmão. Ele se sentou com ela diante da lareira. Rose parecia nervosa.

— Will me disse que você é irlandesa.

— Sim, milorde — ela respondeu. Olhando para ele percebia como se parecia com o irmão.

— Não, não. Chame-me de Robert, por favor! — Ele sorriu e viu o rosto dela ficar vermelho ao assentir. Era uma bela mulher, com impressionantes olhos de uma cor que ele nunca vira antes. Talvez, tivesse a mesma idade de Lisie e ao ver o jeito dela, percebeu que as duas poderiam se dar muito bem. — Ele me contou que vocês tiveram um primeiro encontro meio atrapalhado.

— Eu estava assustada e não pretendia feri-lo.

— Claro que não e ele pode ser meio assustador, às vezes, principalmente carregando uma fama...

— Ele não é assustador.

Robert a olhou com divertimento, então riu alto, enquanto ela o encarava sem compreender o que havia sido tão engraçado.

— Não, verdade, principalmente quando se desmancha como pão no leite diante de uma mulher tão bela e com uma fala tão exótica, que o convence a fazer uma festa em Davon.

Rose apertou a mão sobre o colo. William contara tudo ao irmão e ela se sentiu envergonhada.

— Rose! Você merece todo meu respeito. Sabia que eu tento convencê-lo a fazer uma festa desde que... — ele fez um ar pensativo e completou: — Desde sempre, mas William sempre me ignorou?

— O que está falando de mim pelas costas, Robert? — William perguntou, entrando no salão e olhou para a cena, erguendo uma sobrancelha. O irmão parecia muito à vontade com Rose, enquanto ela parecia tensa.

— Nada que já não tenha dito para você diretamente. Estava apenas elogiando a capacidade persuasiva de sua noiva — Robert respondeu, enquanto via William se aproximar e ficar ao lado da cadeira de Rose de forma protetora. Sorriu, pensando em como Lisie iria ficar feliz ao saber que William descobrira o amor como ela tanto havia desejado.

— O ar está mais leve e perfumado em minha casa, finalmente! — William sorriu e tocou de forma delicada no cabelo de Rose, e a viu ficar com o rosto vermelho.

— Will, com uma mulher tão bela, doce e com nome de flor, é claro que Davon vai ganhar novos ares! — Robert disse, animado e eles foram para o salão.

À mesa, a conversa girou em torno das crianças, com quem Robert se animou a falar da filha. Rose observava William e percebeu que, mesmo que ele sorrisse, algo o preocupava. Emma fora convidada a se sentar com eles e, mesmo sem graça, aceitou.

William reparou que era observado e pegou na mão de Rose sobre a mesa, acariciando-a suavemente com o polegar. O gesto natural e simples levou arrepio e calor para todo o corpo dela, fazendo seu coração acelerar e, quando olhou nos olhos dele, viu que não estava sozinha experimentando aquelas sensações. Então, ele pigarreou e falou:

— Eu gostaria de aproveitar que a família está aqui e fazer meu pedido oficialmente — apertou um pouco mais a mão de Rose. — Emma, estou pedindo a autorização para me casar com Rose — disse e viu, primeiro, os olhos

castanhos de Emma arregalarem, depois viu Madie bater palmas, entusiasmada. Tomy se afundou ligeiramente na cadeira, Robert sorriu satisfeito e, por último, encarou Rose e viu que ela estava surpresa, confusa, admirada e seus olhos sorriram.

Emma olhou para Rose de um jeito maternal.

— Rose é a senhora do próprio destino, milorde — disse suavemente. — As escolhas são dela.

William olhou para Rose. Ela não tinha mais ninguém da família ou, ao menos, acreditava que não tinha. Adotara como família Emma e as crianças, mas a verdade era que ela era livre e não precisava escolhê-lo ou aceitá-lo.

— Princesa Rose O’Kelly, você aceitaria um simples barão como seu marido?

Rose sentia o coração batendo tão rapidamente que parecia que todo seu corpo pulsava naquele ritmo. William havia deixado que todos pensassem que era sua noiva no dia anterior, apresentara-a ao próprio irmão como sua noiva e agora pedia que se casasse com ele, depois de mandar uma pretendente nobre embora por causa dela.

Seus dedos se entrelaçaram aos dele. Ela havia se entregado a ele. Na verdade, os dois se entregaram naquela manhã. Seus corpos tinham se entendido muito bem e olhando para ele sentia que seus espíritos também.

— Você não é um simples barão... — ela falou e sorriu.

— Você pode dizer sim a William Davon? — ele indagou e ela tocou em seu rosto carinhosamente.

— Sim, posso sim, William — ela respondeu e viu o sorriso lindo dele se abrir.

— Isso merece um brinde! — Robert declarou, animado, erguendo sua taça.



— E o rei? — Rose perguntou, depois que Emma saiu com as crianças. — Eu não sou uma lady... — isso a deixava realmente preocupada.

— Eu falarei com ele — William respondeu. Estava apreensivo porque não se tratava apenas de contar a Eduardo que não iria se casar com a filha de um barão que ele mesmo escolhera, mas que optara por se casar com uma irlandesa sem propriedades e títulos que interessassem à coroa. Também iria acusar a família de Rhys pela tentativa de fazê-lo de idiota.

Ele não contara à Rose sobre as revelações que Edith lhe fizera. A jovem criada de lady Gisela dissera que lady Margareth estava grávida de um soldado do marido, que foi por isso que o marido dela tinha sido morto e que o pai da criança acabara fugindo. Ela revelara que as ladies pretendiam fazer com que William se deitasse com Margareth e então assumisse o filho. Além disso,

queriam que ele deixasse transparecer seu lado violento, o que justificaria Margareth se casar com ele, mas ir viver com os pais até a criança nascer. Era um golpe para colocar Davon nas mãos de um herdeiro bastardo e no controle do barão de Rhys.

William descobrira que seu vinho havia sido batizado com uma espécie de planta que lady Gisela usara muitas vezes para dormir e ele sabia muito bem o que era, afinal, estivera na guerra, onde ópio era usado regularmente para aliviar dores de ferimentos e entorpecer os sentidos. Isso explicava ele ter caído na inconsciência. Como bebera pouco vinho, seu efeito não durara muito tempo, mas fora o suficiente para que Margareth infligisse um ferimento a si mesma e preparasse o cenário para comprometê-lo.

— Quero que você vá com Robert para Sunset e me espere lá até que eu resolva essa questão, Rose. Ficarei mais tranquilo, apesar de termos muitos soldados aqui em Davon. Não quero que fique se sentindo presa e vigiada, por isso, Sunset é o lugar ideal e terá a oportunidade de conhecer Lisie e Elene. — Ele pegou na mão dela e levou aos lábios.

Não queria deixá-la, não queria se afastar, agora que a conquistara. Queria se casar com ela o quanto antes, dar-lhe a festa da colheita, ficar em Davon e viver um pouco daquele amor em paz. Mas, primeiro, tinha que acertar tudo com o rei. Ele já havia omitido muitas coisas, quando resolveu a situação de Robert. Coisas que o rei não fazia a menor ideia que tinham sido feitas. Não podia levantar suspeitas novamente. Queria que tudo funcionasse corretamente para ele e Rose.

— Rose, Lisie ficará muito feliz em conhecer você, pode acreditar. Será muito bom tê-la conosco por esse tempo. Sunset é um lugar lindo e calmo — Robert falou suavemente.

William viu que ela pareceu preocupada e completou:

— Emma e as crianças podem ir com você, o que acha? — Ele sorriu, sabendo que era isso que a deixava com aquela expressão tensa e entristecida.

Rose também sorriu, porque se Emma e as crianças fossem com ela seria muito melhor, mas aquilo não tirava sua preocupação com William, que iria enfrentar o rei e a corte por ela.

— William... — respirou fundo, encarando-o e tomando coragem para dizer o que precisava. Lutou para que seu nervosismo não acentuasse demais seu sotaque e ele a entendesse. — Você tem certeza de que é isso que quer? De que não está fazendo tudo isso só porque... — Apertou os lábios com força antes de continuar: — se sente culpado por aquele dia no estábulo e...

William se levantou parecendo magoado. Passou a mão pelo cabelo e também respirou fundo, antes de encará-la com seus olhos claros e sobrancelhas arqueadas.

— É isso que acha, Rose? Que só sinto culpa? Que tudo o que disse a você é só porque me sinto culpado?

Aquilo doeu, pois aquele encontro ficara no passado e tudo o que acontecera depois era muito mais importante e forte.

— Will... — Robert interveio, percebendo como o irmão ficara chateado com as perguntas dela. Ele o entendia, porque era difícil definir o amor e até compreendê-lo sem sair um pouco chamuscado. Passara por aquilo antes. — Creio que ela só está preocupada com seu encontro com o rei. Não é, Rose? — Olhou para a jovem, de olhos incrivelmente belos e sorriu, tentando apaziguar a tensão que havia se formado.

Rose sentia o estômago contorcer e os olhos queimarem com lágrimas. Viu que havia magoado William, mas... E se o que ele achava que estava sentindo não fosse exatamente o que ele achava que era? Ela percebeu a tentativa de Robert em colocar panos quentes na situação. Assentiu em silêncio, mas William não se convenceu.

— E você, Rose? Só aceitou meu pedido de casamento porque se sente culpada por um maldito ferimento que provocou naquele dia no estábulo? — Ele apoiou as mãos sobre a mesa e a encarou. Queria parecer seguro e forte, mas se ela dissesse que sim, que só aceitara seu pedido por causa da culpa, ele desmoronaria.

— Não! Claro que não! — exclamou e as lágrimas desceram pelo rosto vermelho dela.

— Will... Rose... — Robert suspirou e balançou a cabeça. — Está claro para mim que não tem nada de culpa nessa conversa.

Rose estava olhando para William, seu queixo tremia e ela não conseguia segurar as lágrimas. Queria dizer a ele que não era nada daquilo, que a única coisa que importava era o que sentia por ele... amor. Mas William a encarava como se quisesse chacoalhá-la. Então, ela se virou e saiu correndo para o corredor, em direção ao seu novo quarto.

William ainda ficou parado por um momento, o coração falhando algumas batidas. Ele não tinha nenhuma dúvida de que era aquilo que queria, Rose em sua vida como sua mulher. Mas, ao invés de gritar aquilo, só conseguira fazer perguntas idiotas. Sentou-se à mesa, colocou a cabeça entre as mãos e sentiu a mão de Robert em seu ombro.

— Amar não é fácil, Will... Dói no começo, mas não podemos viver sem — ele disse brandamente. — E, pelo jeito, somos parecidos. — Riu baixo. — Nós nos apaixonamos por mulheres selvagens, que são muito teimosas, mas, não poderia ser diferente, não é mesmo?

William balançou a cabeça. Tinha que concordar com Robert.

— Será bom ela passar um tempo com Lisie... — Robert prosseguiu e arqueou as sobrancelhas. — Só espero que Lisie não fique ainda mais teimosa depois dessa amizade que, tenho certeza, será imediata.

O irmão riu baixo e relaxou os ombros.

— E que sua mulher não ensine a minha a ser ainda mais turrona — William comentou.

Robert o encarou seriamente.

— Will, você me deu a chance de ser feliz com a mulher que amo e tenho a oportunidade de fazer o mesmo por você. Vai ficar tudo bem, desde que consiga convencer o rei.

— Se eu não o convencer, entrego Davon e vou viver em Sunset — William brincou, com um meio sorriso.

— Há uma boa casa na vila — Robert piscou, sabendo que o irmão iria usar de todas as armas para convencer o rei de sua decisão.

— E... Rob — William o encarou mais uma vez. — Não conte a Rose que mandei investigarem sobre a família dela. Não quero que alimente esperanças. Se não houver mesmo mais ninguém vivo, ela ficará novamente triste com a mesma intensidade.

— Não contarei, Will.

— Obrigado!



Rose entrou no quarto, que tinha sido da mãe de William, com as lágrimas salgadas nos lábios. Passou a mão pelo rosto com força e raiva.

Porque William não entendia a preocupação dela? E que perguntas foram aquelas? *As mesmas que você fez a ele, Rose.* Uma voz irritante pareceu sussurrar em seus ouvidos.

Respirou fundo e olhou para a tapeçaria com a imagem dos dois meninos, que a mãe deles havia tecido. Eles eram lindos. William era uma fortaleza e Robert tinha uma doçura que não se via em homens adultos, principalmente em guerreiros. Ele tinha uma maneira tranquila de falar e seu sorriso ainda se parecia com o do menino estampado, enquanto o pequeno William retratado já possuía aquele fogo no olhar.

William tinha uma aura de poder inegável e só de pensar nele, em suas mãos sobre a pele dela, nos lábios dele tocando seu corpo, quentes, macios...

Todo seu corpo formigou e arrepios correram sob a pele. Esfregou os braços com raiva e deu as costas à tapeçaria. Mas não foi algo muito inteligente, pois ficou de frente para a cama, onde haviam se amado.

— Lady Elene... o que eu faço com esse seu filho? — resmungou baixo e teve

a nítida sensação de que a mãe de William rira do outro plano onde se encontrava.

Alguém bateu à porta e não esperou ela abrir. William entrou no quarto e a viu diante da cama. Foi até ela, ofegante, pegou-a nos braços e a levou para a cama.

Rose também ofegou quando o viu e seu desejo por ele fez seu corpo arder como a brasa da lareira. Sentiu uma vontade louca de agarrar aquele corpo poderoso, prendê-lo entre as pernas e domá-lo.

Era um incêndio, sem dúvida! Eles se olhavam, beijavam-se e as roupas eram arrancadas com desespero. Rose teve a impressão de ter rasgado a túnica dele, mas não parou para pensar naquilo e William abriu com um único gesto as fitas que prendiam o vestido dela, certamente rasgando o tecido. Os seios redondos saltaram para ele, que os tomou na boca, enquanto sentia as unhas de Rose se enterrem em suas costas.

Ele a deitou de costas na cama e passou a beijá-la. Rose se virou e entrelaçou as pernas na cintura dele, mantendo-o firmemente preso e próximo. Gemeu quando ele penetrou a carne macia. Queria pedir a ele que não fosse para a corte, que não a deixasse, onde quer que fosse, que ficasse com ela naquele quarto, naquela cama... Agarrou-se aos braços musculosos e viu o prazer insano cruzando o rosto dele.

— Eu te amo, Rose... — ele falou, enquanto ofegava.

— *Is breá liom tú...* — ela gemeu em sua língua natal. *Eu te amo...*

William puxou Rose um pouco para perto dele e deu um longo e profundo suspiro. Mais uma vez, ela fora simplesmente maravilhosa na cama. Eles foram afoitos, sedentos. Não falaram sobre o que os levava a ficar irritados, pois ambos sabiam, assim como sabiam que o que fora dito estava muito longe da verdade.

Ele a amava, mais do que um dia achou ser capaz, e tinha que partir para a corte. E Rose deveria ficar segura em Sunset. Mesmo assim, seria muito difícil ficar longe dela.

Sentiu o perfume de seu cabelo, a maciez de sua pele... Agora, compreendia muito bem, quando seu irmão dizia que não queria e não podia ficar muito tempo longe da cama de Lisie. Ele compreendia pouco o idioma gaélico, mas ela havia dito daquele jeito encantador que o amava.

Olhou para o quarto de sua mãe, que agora era todo Rose, mas ainda havia detalhes que traziam a mãe para perto, principalmente as tapeçarias, como aquela onde estavam ele e Robert. Havia pedido à mãe que o ajudasse a resolver o problema com Robert e Lisie, e ela fizera mais do que isso. Não só seu irmão estava com a mulher que amava, como Rose havia, simplesmente, caído em seus braços. Sorriu.

— Obrigado, mãe!

Capítulo 17

— Ei! Não fique me olhando assim — William apertou Rose contra seu corpo e a beijou diante de todos que estavam no pátio do palácio.

Estavam todos prontos a partir. William com sua guarda, para seguir em direção à Westminster, Rose com Robert e seis soldados, além da carroça que levaria Emma e as crianças à Sunset. A festa da colheita fora adiada, mas o barão prometera que, assim que retornassem, haveria uma festa ainda maior para celebrar seu casamento e todos ficaram animados com a notícia.

Os sons de alguns assobios discretos, risinhos e uma certa comoção, espalhou-se lentamente e William sorriu junto aos lábios de Rose, observando o rosto dela corar violentamente.

— Agora todos sabem que você é mesmo minha noiva — disse, orgulhoso.

— A noiva que você está mandando para longe... — ela entortou os lábios com ironia.

— Para a casa do meu irmão, para conhecer a família que é importante para mim — ele a corrigiu e beijou a ponta de seu nariz.

— William... — ela o encarou, segurando em sua túnica e falou baixo. — Prometa que não fará nada que possa lhe causar algum tipo de desgraça — pediu e ele passou o dedo suavemente pelo seu rosto, olhando-a amorosamente.

— Prometo — ele assentiu solenemente, mas não disse que a única desgraça que poderia acontecer na vida dele seria perdê-la, pois ela certamente o contestaria. Preferiu apenas dizer que prometia, porque assim jamais quebraria a promessa.

Rose olhou para ele por um momento, tentando perceber se não havia nada por trás de sua promessa feita tão prontamente, sem discussão ou explicações. Ele apenas a encarou, firme.

— Encontrarei você em Sunset, meu amor, o quanto antes — falou e ela assentiu com lágrimas nos olhos.

— *Is breá liom tú, mo laoch* — ela disse, espalmando as mãos sobre o peito largo e forte de William. Viu que ele ergueu uma das sobrancelhas. — Era o que minha mãe sempre dizia ao meu pai, quando ele saía para as batalhas. *Eu te amo, meu guerreiro!* — traduziu e viu o brilho intenso nos olhos dele. Sim! Ele era o seu guerreiro, aquele que ela foi encontrar numa terra distante de sua tribo, depois de perder todos que amava até então.

— Eu te amo, minha princesa O’Kelly! Confie em mim — ele falou e apertou as mãos dela dentro das suas.



A estrada ainda estava bastante molhada, mas não chovera mais e a viagem até Sunset levaria dois dias, naquelas condições. Robert olhou para Rose, que cavalgava ao seu lado. Ele havia se admirado ao vê-la montar, ajudada por William. O irmão não discutira, quando ela disse que não queria ir na carroça e mandou selar um cavalo para ela. Rose montou como um homem, com habilidade, e se ajeitou na sela, muito à vontade, enquanto Emma e as crianças eram colocadas na carruagem. O irmão ainda dissera para que ele não desprezasse a destreza dela sobre um cavalo. Robert sorriu. Sabia muito bem como era difícil dominar uma mulher que amava cavalgar, como Lisie.

— Minha mulher também gosta de cavalgar — Robert falou para tentar fazê-la relaxar, pois vira a preocupação em seu rosto.

— Em minha tribo diziam que já nascemos cavalgando — ela comentou e relaxou um pouco os ombros.

— Você aprendeu bem nossa língua — ele disse e a viu dar um leve sorriso.

— Não sinto isso... Tenho bastante dificuldade ainda.

— Lisie vai adorar conhecê-la! Ela sempre desejou que William encontrasse o amor e acho que agora ela ficará em paz... — confidenciou, observando o caminho à frente.

Robert percebeu que Rose o olhava com indagações e soube que William não revelara o segredo que guardavam, sobre Lisie ter sido a noiva escolhida por Eduardo para o barão. Ela acabara o escolhendo e para que aquele amor fosse possível, tinham deixado todos pensarem que estava morta.

Robert percebeu que, talvez, houvesse falado demais e apenas deu de ombros.

— Deixarei que Lisie conte sobre isso, senão ela vai me afogar no tonel de vinho — ele sorriu.

— Margareth colocou alguma erva no vinho de William — Rose falou, cerrando as sobrancelhas.

— Sim. Foi ópio. Eu conheço muito bem o perfume e sabor do vinho que produzo. Sei dizer de que safra são as uvas, se estava frio ou choveu, se cresceram muito ou pouco... É isso que faço. Por isso, sei dizer o que estragou o vinho.

— Você acha que o barão de Rhys não exigirá nada, Robert? Uma reparação por William ter expulsado as ladies de Davon como fez? Talvez o barão acredite que William tenha desonrado Margareth. Ele não me contou como pretende convencer o rei — disse, nervosa, apertando os arreios com força nas palmas das

mãos.

Robert respirou fundo. William não havia facilitado nada. O irmão poderia ter contado a Rose sobre a tentativa das ladies em acusá-lo de ter violado Margareth e a engravidado, mas, pelo visto, também não contara aquele detalhe. Ele o entendia, porque sabia que desejava poupá-la de mais preocupações, mas também sabia que a cobrança viria e, com toda certeza, Rose viraria uma fera quando descobrisse que ele ocultara a história.

— William tem um bom relacionamento com o rei. Não se preocupe, ficará tudo bem — ele disse simplesmente.

— Ele me falou tanto sobre sua filha, Elene, que parece que já a conheço — ela comentou, depois de respirar fundo.

— Elene simplesmente grudou em Will. — Ele riu, mostrando que o riso lindo era uma característica dos irmãos. — Ele andava e ela segurava na perna dele. Ele ia comer, ela subia no colo dele... Fiquei meio enciumado, confesso — brincou.

— Madie também se afeiçoou muito a ele, assim que o conheceu — Rose falou com carinho. — Ela acreditou nele o tempo todo e só se preocupou quando achou que eu não acreditava.

— Você acreditar nele, Rose, é o que a faz diferente de todas as outras. Você viu quem ele realmente é.

— Mas ele não escondeu isso em nenhum momento.

— Porque soube que era você a mulher certa. — Robert piscou para ela e viu o rosto de Rose ficar vermelho.



O primeiro dia de viagem foi tranquilo. Robert era uma companhia maravilhosa. Era um homem calmo, confiante e feliz. Rose se perguntava como ele e William conseguiram se tornar homens tão dispostos à amar, mesmo depois da história triste de seus pais.

Pernoitaram numa pequena vila e a atenção dos soldados de Davon para com a segurança era excepcional. William mandara seus melhores homens para acompanhar o grupo, segundo dissera Robert, porque a notícia de que o barão Davon, finalmente, iria se casar se espalharia rapidamente na região.

Rose foi apresentada na pousada como noiva do barão e os donos da casa não sabiam o que fazer para deixá-la o mais confortável e bem-atendida possível. As crianças estavam cansadas, mas, durante o jantar, comentaram sobre as coisas diferentes que observaram no caminho. Emma se sentara com Rose na cama, assim que as crianças dormiram, e percebeu a jovem se encolher com o olhar perdido em direção à lareira, com preocupação.

— Eu me precipitei muito em julgar o barão... — falou calmamente. — Não devia ter deixado você tão preocupada, mas não esperava, realmente, que ele estivesse tão perdidamente apaixonado, depois de tudo que aconteceu em seu primeiro encontro. Preciso dizer que não é costume dos nobres expor seus sentimentos em público, como vi William fazer quando saímos do palácio. — Os olhos dela demonstravam admiração. — E ele o fez diante de soldados, criados, camponeses... — Emma viu que Rose sorriu e passou a mão pelo rosto, tentando disfarçar a lágrima. — Acredito que ele não tenha contado o que descobriu sobre as nobres ladies...

Rose esticou o corpo e encarou a amiga.

— O que William descobriu, Emma? — perguntou com nervosismo.

— Hanna me contou que uma das criadas de lady Gisela esteve com o barão e contou todo o plano. — Emma respirou fundo. — Lady Margareth está esperando um filho... e queria que parecesse que o pai era William.

Rose arregalou os olhos e ficou de pé. Começou a andar pelo quarto, nervosa, apertando as mãos como se fosse bater em alguma coisa ou em alguém.

— E ele se deitou com ela... — Rose falou, mordendo o lábio e ajeitou o cabelo como se fosse prendê-lo, para depois soltá-lo em seguida. — Mas ele perdeu os sentidos, então...

— Ela criou todo o teatro, Rose. William tem fama de beber e agredir mulheres. Por que ele deixou que uma fama assim se espalhasse? — Emma perguntou, nervosa. — Agora, vão usar isso contra ele.

— Ele queria se proteger... — Rose respondeu o que William lhe dissera.

— Se proteger do quê? Ele é um soldado! Um barão! Um homem forte!

— De mulheres como Margareth — Rose disse e se sentou na cama novamente.

O rei entenderia as explicações que William iria dar? Aceitaria a escolha que ele havia feito? Uma mulher irlandesa que não tinha nada nem ninguém? Por que ele não lhe contara sobre o plano de Margareth?

Irritada, saiu do quarto e encontrou dois soldados de William no corredor.

— Milady, está tudo bem? — um deles perguntou, intrigado ao vê-la sair com uma expressão aflita.

— Onde está Robert? — ela inquiriu e o outro soldado apontou para a porta ao lado.

Rose foi até lá e bateu com o punho fechado. Não demorou e Robert abriu a porta com um olhar preocupado. O cabelo estava bagunçado e ele trazia a espada na mão. A túnica aberta revelava seu peito largo e forte. Seu corpo se parecia muito com o de William.

— Rose? — Robert passou a mão pelo cabelo. — O que houve? Está tudo

bem? — perguntou, arqueando as sobrancelhas. Olhou para o corredor e viu os dois soldados que deixara de guarda. Eles ergueram os ombros, igualmente confusos.

— Por que ele não me contou, Robert? — As lágrimas brilharam nos olhos violeta, mas ela o encarava com o queixo rígido.

Robert fez um sinal para os soldados, que voltaram às suas posições, e pegou na mão de Rose. Ela tremia. Ele a puxou para dentro do quarto e fechou a porta. Não era muito certo fazer aquilo, mas não podia correr o risco de que alguém o ouvisse. O que ela queria saber exatamente?

Ele rezou para que fosse sobre a ida à corte e não a descoberta de que mentira para o rei sobre Lisie.

— Contou o quê, Rose? — perguntou, parado diante dela.

Rose o fazia se lembrar do jeito de Lisie.

— Do que Margareth pretende fazer! — ela respondeu, ofegante. — E se o rei não acreditar nele, Robert? E se acreditar que o filho é dele? E se...? — Ia dizendo, mas Robert pegou em suas mãos com suavidade. Depois, passou a mão no rosto dela e sorriu.

— Rose, vai ficar tudo bem. Ele não contou porque não queria que você ficasse assim — disse e a abraçou.

— Ele não confia em mim, Robert — a voz dela saiu abafada junto à túnica dele. Aquilo doía.

— Ei! — Ele a afastou e a encarou, sério. — Não é isso! Não mesmo, Rose. Ele a ama demais e só quer afastar coisas que possam magoá-la até que estejam resolvidas, entende?

Ela ergueu o rosto para ele. Embora tivesse lágrimas nas faces, seu olhar era de aço e Robert teve certeza de que ela era a mulher certa para o irmão.

— Então, ele terá de aprender a dividir isso comigo também. Meu pai amava minha mãe, mas ele sempre esperava que ela fosse forte o suficiente para enfrentar qualquer coisa com ele, mesmo que ela não fosse à guerra — falou aquilo com seu sotaque acentuado.

— Dê uma chance a ele, Rose. William nunca amou antes e não sabe direito como tudo isso funciona — ele deu um leve sorriso, porque também tivera que aprender essa lição e não fora nada fácil.

— Eu tenho medo... por ele — Rose concluiu com um suspiro trêmulo.

— Então, você também terá de aprender a confiar nele, Rose — Robert falou e viu que aquilo pareceu acertá-la de alguma forma.

Rose ficou olhando para Robert sem saber o que dizer. Ela também não havia amado antes e tudo aquilo era bastante complicado e doloroso.



A viagem do dia seguinte foi difícil para Rose, porque ela não conseguira dormir. Seus pensamentos iam até um lugar que ela não sabia onde ficava, pois nunca estivera na corte, apenas imaginava como seria o palácio do rei. Se Davon, que era apenas um baronato, era simplesmente maior e mais rica do que tudo o que ela conhecia, então, como seria a moradia do rei?

— Não quer ir para a carruagem e descansar um pouco? — A voz de Robert a fez dar um pequeno salto sobre a sela e ela percebeu que havia cochilado sobre o cavalo.

— Falta muito? — perguntou, esfregando os olhos.

— O suficiente para que você descanse — ele piscou.

Rose decidiu que dormir um pouco dentro da carruagem não a afastaria de qualquer notícia que pudesse chegar até Robert, mas tinha de garantir que ele a deixaria a par de tudo.

— Se tiver alguma notícia... — ia falando, mas ele assentiu, sério.

— Você saberá — Robert disse e ela respirou fundo. Então, entrou na carruagem com Emma e as crianças.

Madie comia alguma guloseima enviada por Hanna e Tomy, sério, olhava o tempo todo pela janela. Emma sorriu com doçura ao vê-la, finalmente, ceder ao cansaço e deixar de lado a teimosia. Rose se acomodou e dormiu quase instantaneamente.

— Rose? Rose? Chegamos! — a voz de Emma foi seguida de um leve acariciar em seu rosto.

Rose abriu os olhos e se sentou. Emma, Madie e Tomy a olhavam com expectativa.

— Robert avisou que chegamos! — Madie falou, animada, com o olhar ainda sonolento.

— Mamãe, você precisa ver esse jardim! — Tomy exclamou junto à janela.

A carruagem, então, parou e os soldados se movimentaram em torno deles.

Rose ajeitou o cabelo e soltou um suspiro. Ela não esperava que Lisie fosse tão jovem. Talvez, pela maneira como William e Robert falavam dela. Mas a mulher de Robert era uma jovem esfuziante, de lindos cabelos vermelhos e olhos brilhantes, que apareceu para recebê-los segurando uma linda menininha nos braços.

Viu Robert se aproximar da mulher e enlaçar sua cintura, puxando-a para perto de si. Ele e a beijou, enquanto sua filha o puxava pelo cabelo. Robert sorriu, beijou o bebê e a pegou nos braços.

Rose sentia um bolo em seu estômago, porque a falta de William era algo que

ela não havia esperado. Foi como se estivesse faltando uma parte importante dela. Engoliu com força e alisou o vestido, amassado da viagem. Então, Lisie foi até o pequeno grupo que acabara de chegar. Tinha um sorriso encantador e doce.

— Lisie, essa é Rose, a noiva de Will — Robert anunciou ao lado dela, enquanto a filha sorria para Madie, que esticara a mão e mexera em seu pezinho. — E sua família, Emma, Madeleine e Thomas. — Olhou para seus convidados. — Essa é minha mulher, Anelise.

Lisie abriu um sorriso luminoso e pegou nas mãos de Rose. Seus olhos verdes, intensos, fizeram Rose pensar na grama tão viva de sua terra.

— Rose! — Inesperadamente, ela a puxou para um abraço forte, que deixou Rose alguns segundos fora de ação. — Que bom! Minhas preces foram atendidas — disse e se virou para Emma e as crianças. — Que família linda! Sejam bem-vindos! — A alegria era sincera e contagiou o pequeno grupo, que chegara sem graça e desconfiado. O bebê também se agitou e deu gritinhos de alegria, olhando para Madie e Tomy, que riram. — Elene já ficou animada! — Sorriu, olhando para a filha.

Rose reparou que a menina tinha os olhos iguais aos de William, como ele havia descrito com tanto orgulho.

— Obrigada... lady Anelise! — Rose começou a falar com voz insegura e trêmula.

— Oh, não! Nada de ladies aqui, minha querida! Nós seremos irmãs, não é mesmo? — Lisie disse e pegou Rose pelo braço, virando-se para a mansão, que parecia um lugar extremamente aconchegante e muito menor do que o palácio de Davon.

Criados apareceram para ajudar com a bagagem, enquanto eles entravam na casa de Robert e Lisie. Elene andava meio cambaleante ainda, mas havia segurado nas mãos de Madie e de Tomy, que prontamente a ajudaram.

— Não temos muitos quartos na mansão, mas mandei arrumar dois para vocês — Lisie informou, enquanto entravam em um salão enfeitado com muitas flores. Uma jovem criada se aproximou. — Essa é Deirdre. Ela os ajudará com tudo o que precisarem para se lavar e trocarem as roupas de viagem. Quando Rob enviou o mensageiro avisando que estavam a caminho, mandei preparar uma refeição maravilhosa!

— Milady, eu sou só uma criada, posso ajudar no que for necessário — Emma falou, sentindo-se intrusa como convidada da nobreza.

Lisie olhou para ela com as sobrancelhas avermelhadas arqueadas e Rose reparou que ela tinha várias pintinhas sobre o nariz, o que a fazia parecer ainda mais jovem.

— Emma, vocês são nossos convidados. E, como eu disse, não há ladies por

aqui — pegou na mão de Emma, depois se abaixou diante de Madie, que era puxada por Elene pelo vestido amarrotado. A menina não disfarçava a alegria de ter crianças ali com ela. — Você é tão linda! — Lisie disse e passou a mão no cabelo ondulado de Madie. — Seus olhos são lindos! — Madie abriu seu melhor sorriso, que era capaz de encantar qualquer pessoa e Rose percebeu que era o mesmo tipo de sorriso de Lisie. — E esse rapaz tão lindo? — Pegou na mão de Tomy e depois olhou para Robert. — Tenho certeza de que será um grande guerreiro um dia — piscou e o menino a encarou com os olhos brilhando.

A mulher de Robert conquistara a todos os convidados.

— Rose, eu mesma irei com você até seus aposentos — ela disse e se virou para Robert, que observava a tudo com uma expressão carinhosa. Seu olhar para a mulher não deixava qualquer dúvida do quanto a amava. — Robert, Elene estava com muita saudade de você. Fique com ela um pouquinho, depois, vá tirar esse pó do corpo — falou carinhosa e deu um beijo nos lábios dele antes de se afastar, levando Rose consigo. Deirdre acompanhou Emma e as crianças.

O quarto era simples, mas tinha o aconchego de toda a casa. Uma criada apareceu com tudo o que era necessário para que Rose se lavasse e seu baú já estava ao lado da cama.

Rose se viu parada ali, com a mulher de Robert ao seu lado e uma criada que abria o baú.

Lisie se sentou na cama e deu um profundo suspiro, olhando para Rose.

— Acho que a assustei. Desculpe! — ela disse com um leve sorriso. — É que eu estava tão preocupada... Estava sentindo que Robert precisava ir à Davon, tanto que mal consegui dormir esse tempo. Mas quando vi você, tive certeza de que tudo ficará bem. William terá a felicidade que merece — ela falou aquilo com tanto carinho, que Rose sentiu lágrimas chegarem aos olhos e apertou os lábios com força para impedi-las de caírem. — Também, nunca recebemos ninguém aqui em Sunset — completou baixinho. Depois, respirou fundo e ficou de pé novamente, aproximando-se de Rose. — Está tudo bem? — perguntou, percebendo a palidez dela.

— Eu... não sei o que dizer... — Rose deu um sorriso trêmulo. — Mas continuo preocupada com William, por isso, perdoe-me por... — ela ia dizendo e Lisie a encarou, entortando os lábios.

— Se preocupar com o homem que ama? — A mulher de Robert completou. — De maneira alguma. Eu sei muito bem o que é isso. — Piscou em cumplicidade. — Mas aprendi a confiar que um Davon. Quando teimam com algo, nada os faz desistir. E se o assunto é a família, nem o rei conseguirá interferir.

Rose a olhou esperançosa e Lisie sinalizou para a criada, que terminava de

preparar o banho.

— Agora, nada como um banho e uma boa refeição...

A refeição, feita no salão, foi bastante animada. As crianças tinham se entendido perfeitamente e os olhos azul-claros de Elene, que tanto a faziam lembrar de William, brilhavam de empolgação, assim como os de Lisie que, enquanto comia tocava e era tocada amorosamente por Robert.

Uma velha criada, apresentada como Nina, juntou-se ao grupo para a refeição. Parecia bastante adoentada e foi tratada com enorme carinho por Lisie e Robert. Outra pessoa chegou para se unir a eles. Jerome, um homem grisalho, com um jeito franco, que foi apresentado como o médico da família.

Todos eram agradáveis, simpáticos e acolheram Rose, Emma e as crianças como membros da família. Olhando para eles, Rose desejou que William chegasse e compartilhasse aquele momento. Queria que ele pegasse em sua mão sobre a mesa, como Robert fazia com Lisie. Sentia falta de seu olhar, que fazia o corpo dela estremecer de desejo. Queria se sentir confiante como Lisie, que comandava a mansão com tanta naturalidade, tão diferente das ladies que ela conhecera. Queria ver seus filhos sentados à mesa, brincando, sorrindo, felizes...

— Irlanda? Bem que eu percebi que havia um som maravilhoso em sua fala!

— A voz de Lisie a fez voltar para o momento presente, no qual William não estava. Ela desejava saber o que estava acontecendo com ele. — Minha mãe era escocesa, mas não a conheci... Acho que ela devia ter um sotaque lindo também!

— Lisie falou com emoção na voz.

— Lady Rose, sou um curioso a respeito de sua terra — Jerome comentou com um sorriso, observando-a por cima da taça com o delicioso vinho produzido ali.

— Ficarei feliz em falar dela ao senhor — ela encontrou a voz e mordiscou um pedaço da carne, que estava muito boa.

— Nada de senhor aqui, minha querida. — Ele sorriu com as bochechas vermelhas.

— Nada de lady aqui também — ela retorquiu, sentindo-se um pouco mais à vontade e aquecida pelo vinho que acabara de beber.

Lisie e Robert trocaram um olhar de cumplicidade. Elene estava treinando andar em volta da mesa e era seguida de perto por Madie, que parecia pronta a cuidar dela. Rose sorriu, porque aquela era Madie, a menina que a encontrara, que se preocupara e a salvara.

O bebê de rosto rosado, cabelo vermelho e lábios pequenos, segurou-se na barra do vestido de Rose, apoiando-se para continuar o trajeto, e Rose tocou em seu cabelo.

— William falou muito de Elene. Eu sinto como se já a conhecesse — disse,

emocionada, e o bebê continuou sua exploração monitorada. Ela sorriu com melancolia. — Ele disse, muito orgulhoso, que Elene tinha os olhos dele e que é muito inteligente.

— Ela ama o tio. Enquanto ele esteve aqui, parecia que a tinham costurado nele. — Lisie riu. — Depois que ele partiu, ela ficou alguns dias tentando chamá-lo. Robert até ficou com ciúmes — ela comentou e sorriu, pegando na mão do marido, que apenas arqueou a sobrancelha e deu de ombros. — Mas, conte-me, como conheceu William? — Indagou, curiosa.

Rose olhou para Emma, que parecia tranquila e apaixonada pelo bebê tanto quanto Madie.

— Eu...

— Eles mataram a família dela e ela fugiu — Tomy respondeu no lugar dela. Aquele assunto sempre o deixava com uma expressão séria.

— Oh, Rose! Desculpe-me! Eu não sabia que... Não queria... Desculpe! — Lisie falou, sentida.

— Não, Lisie! Eu aprendi com minha mãe e meu pai que histórias têm que ser contadas, assim elas sobrevivem e ajudam aqueles que virão depois de nós. Por mais tristes e difíceis que fossem, todos se reuniam no pátio, junto à fogueira e as histórias eram contadas. Assim, todos aprendiam.

Rose falou e seus olhos vagaram para um passado, onde toda a família e o povo se reunia para ouvir histórias de conquistas, de tragédias, de amores, de guerreiros... Podia ver claramente seu pai, sentado, com seu corpo grande e forte, um leve sorriso de satisfação e os olhos violeta que investigavam as reações de seus filhos às histórias. Ele esperava de cada um deles alguma reação que mostrasse que se importavam e aprendiam. Depois, sentava-se com cada um e perguntava o que fariam no lugar dos personagens daquelas histórias. Ele ouvia com atenção e orgulho e, depois, dizia: *conquiste suas próprias histórias para contar a seus filhos e netos*.

Rose queria ter boas histórias e não queria se esquecer do que já havia vivido. Então, contou sobre a jornada que empreendeu de sua tribo destruída até Davon, do encontro com William no estábulo, de ter enfiado a adaga nele e fugido, de como foi encontrada por Madie e resgatada por sua família, que agora era sua família também. Contou sobre quando foram trabalhar no palácio e descobriu que o homem que ela ferira era o barão.

Quando acabou de contar, apenas omitindo o fato de Margareth ter dopado William e inventado que ele a violara e batera nela, viu que Lisie secava as lágrimas do rosto, que ficara vermelho. Robert tocou delicadamente no rosto dela, pegou em sua mão e a beijou.

— Rose, lamento pelo que passou... — Lisie falou, fanhosa. — Mas fico feliz

que sua jornada a tenha levado diretamente a William, — Sorriu, ainda com lágrimas nos olhos.

Rose ouviu aquilo e seu peito ficou apertado. Sim! Sua jornada a levara diretamente para os braços de William, mas o destino deles estaria escrito para ficarem mesmo juntos?

— Meu amor, acho que as crianças estão cansadas — Robert falou, carinhoso e pegou a filha no colo, depois que ela se apoiou em suas pernas, pedindo para subir. — Foi um dia longo...

Lisie respirou fundo, como que tentando esconder alguma dor ou lembrança dolorida e sorriu.

— Sim! É melhor descansarem. Amanhã vamos fazer um passeio até a estufa, o que acham? — sugeriu, animada novamente.

Rose acreditava que não conseguiria dormir sem ter notícias de William, mas estava realmente cansada. O quarto era agradavelmente aquecido e perfumado, e ela dormiu assim que se deitou.

Capítulo 18

O dia estava ensolarado, quando saíram para conhecer a estufa, um lugar que impressionou a todos, demasiadamente.

Tomy andava ao lado de Robert e fazia perguntas, enquanto o lorde lhe explicava sobre como escolhia as mudas e as tratava. Madie olhava para a estrutura de vidro como quem entra em um castelo de fadas e chegou a girar algumas vezes, como se dançasse. Emma estava bastante admirada e caminhava, acompanhada por um solícito Jerome. Rose ficara fascinada pelo lugar e Lisie caminhava ao seu lado, observando-a, séria. Ela estava mais calada naquela manhã. Elene fora deixada na mansão, aos cuidados de vários criados.

Eles saíram da estufa em direção às parreiras e as crianças correram à frente, seguidas por Robert, que parecia bastante à vontade naquele lugar.

— Robert ama as uvas... — Lisie comentou ao lado de Rose, enquanto andavam um pouco mais atrás. — Ele entende tudo o que há para entender sobre elas. Ama colocar as mãos na terra, mexer com as mudas, selecionar... Acho que eu me dei conta de que o amava, na primeira vez que me trouxe à estufa — um sorriso curvou os lábios dela.

— Como se conheceram? Você é uma lady, não é? Estava prometida a ele? — Rose perguntou com curiosidade, mas percebeu a tensão que passou pelos traços delicados de Lisie, quando ela mordeu o lábio inferior.

— Desculpe! Não quis ser indelicada — falou sem graça.

— Não! Não... — Lisie disse e olhou para as costas do marido mais à frente. — Essa é uma história muito complicada e perigosa.

Rose a olhou assustada. O que de perigoso poderia haver na história daquelas duas pessoas que, era evidente, se amavam e tinham nascido uma para a outra?

— Prometo contar um dia... — Lisie falou e pegou no braço dela. — Mas você está aqui para ficar em paz, então, esse é o lugar! — Sorriu, mas Rose percebeu que havia algo realmente sério com aquele assunto, tanto que havia deixado Lisie ligeiramente pálida.



Os dias passaram rapidamente. Robert e Lisie haviam arrumado distração suficiente e a vida na mansão havia se agitado. Elene brincava com as crianças, eles passeavam e corriam pelos jardins maravilhosos, que Lisie disse terem sido criados pela mãe de William e Robert. Ela tinha muito jeito com as plantas e o

mesmo talento com o tear e as linhas.

— Há uma tapeçaria em Davon com a imagem de William e Robert feita por lady Elene. É muito bela, assim como as de paisagem — Rose falou, quando o assunto surgiu.

— Então, está na hora de irmos até a casa do lago — Lisie disse, determinada.

Nenhuma mensagem de William havia chegado e Rose sentia o coração pesado. Precisava saber o que estava acontecendo com ele. Não queria que ele lutasse sozinho e temia que a armadilha montada pelas ladies tivesse funcionado, afinal. Ela falou de suas preocupações a Robert, que parecia também apreensivo com a falta de notícias.

— Vou mandar um mensageiro a Westminster amanhã — prometeu.



Rose e Lisie foram sozinhas até a casa do lago. Lisie insistira com Robert e ele havia aceitado, relutante. Ele assumiu o cuidado com as crianças e Emma, e levou-os a um passeio até a vila, que ficava do outro lado da propriedade. O grupo foi acompanhado por Deirdre e Jerome, que havia mostrado um interesse grande pelas conversas com Emma.

As duas caminharam por uma alameda de flores em direção ao lago. O lugar era lindo e muito calmo.

— Lady Elene era muito cuidadosa com as flores e o jardim. Acho que Robert se parece muito com ela, nesse aspecto — Lisie comentou.

— Os jardins de Davon também estão muito bonitos. Há um lugar que William disse que era especial para a mãe e ele nos levou lá — Rose se viu defendendo os jardins de William.

— Eu nunca estive em Davon... — Lisie falou, pensativa e aquele traço de tristeza passou pelo seu rosto novamente, mas ela disfarçou. — Olhe! Aquela é a casa onde Elene nasceu! — Apontou, voltando a sorrir, mostrando o pequeno gazebo alguns metros à frente.

A pequena casa tinha grandes janelas voltadas para o lago e era um espaço aconchegante. As tapeçarias da mãe de William estavam pelas paredes e foi fácil para Rose reconhecê-las.

— Lady Elene passou seus últimos anos aqui. Foi nesse lago que ela tirou a própria vida... — Lisie olhava pela janela e esfregou os braços. — Mas eu gosto muito daqui. Vamos tomar um chá! — Ela se inclinou para acender a lareira e quando se ergueu estava extremamente pálida. Sentou-se.

— Você está bem? — Rose perguntou, preocupada ao lado dela, que assentiu.

— Você pode colocar a água ali para nosso chá? — pediu e Rose viu que as mãos de Lisie tremiam.

— Quer que eu vá chamar Robert?

— Vai passar. Está tudo bem — Lisie sorriu com os lábios sem cor.

Rose encheu a pequena panela com a água de um barril, que estava no canto do aposento e a colocou sobre as brasas.

— Estou esperando outra criança — Lisie falou baixo e colocou as mãos sobre o ventre, carinhosamente. — Robert ainda não sabe e acho que vou esperar um pouco mais para contar.

— Por quê? — Rose se sentou ao lado dela. Tentava entender porque Lisie não contara sobre a nova gravidez.

Lisie deu um sorriso nervoso.

— Sabe... minha mãe morreu quando eu nasci. Eu não a conheci. Nina, que sempre foi minha ama, ficou muito preocupada quando eu estava esperando Elene, e Robert... — Ela virou os olhos e depois sorriu. — Ele mal me deixava respirar. Jerome, coitado, foi obrigado a montar guarda, assim como Deirdre. Mas Elene nasceu aqui, sem que Jerome estivesse por perto e foi Deirdre quem fez o parto.

Rose ouvia aquilo totalmente perplexa, mas não disse nada.

— Então, logo que nossa filha nasceu, Robert disse que era um risco grande demais e que não estava disposto a me perder.

— Mas você ficou bem depois do nascimento? — Rose resolveu perguntar, porque conhecia casos de mulheres que morriam depois ou até durante o parto.

— Fiquei, sim! O leite veio com força e Elene sempre teve muita saúde. — Lisie acariciou a barriga. — Se Robert soubesse que espero outro filho, não teria ido até Davon. Mas, eu precisava que ele fosse, porque pressenti alguma coisa com William. Ele me contou sobre as ladies... — ela cerrou as sobrancelhas com raiva. — Robert me disse o que elas fizeram a você e a William.

Rose suspirou e olhou para as próprias mãos.

— Por isso, temo tanto. E não temos notícias...

Lisie colocou a mão fria sobre as mãos dela e as apertou suavemente.

— Você o ama, não ama? Você não vai fazê-lo sofrer de alguma forma, não é, Rose? Vai dar a ele o amor que ele merece, não vai?

Rose ficou olhando para Lisie sem entender bem porque ela perguntava aquelas coisas.

— Você não acredita nas coisas que dizem dele, acredita? Sabe o homem que ele realmente é.

— Acha que eu posso magoá-lo? — Rose puxou as mãos, com raiva por aquelas perguntas a perturbarem tanto. Sim, ela o amava! Isso não estava claro?

— Por que eu faria isso?

Lisie a olhou e seus olhos também estavam marejados.

— Porque eu fiz, Rose. Eu o magoei... — ela falou e deu um profundo suspiro. — Por isso me preocupo tanto com a felicidade dele, porque ele abriu mão da própria felicidade ou do que poderia ser a felicidade, por minha causa e por Robert — falou em voz baixa.

Rose não entendia o que ela queria dizer.

— Como isso é possível? Ele ama vocês, ama sua filha. Ele não tem mágoa... — viu-se falando, tentando encontrar respostas.

Lisie ficou olhando para ela por um momento, mordeu o lábio e ficou séria.

— Rose, você vai se casar com ele, não vai? — Viu que a outra a olhou irritada. — Só me responda com o coração, por favor. Diga-me que o ama e que vai se casar com ele.

— Sim, mas...

— E que vai guardar um segredo.

Rose a olhou, atônita. Lisie a encarava, esperando a resposta.

— Por que, se não o guardar, estará condenando William, assim como a mim e a Robert.

Rose sentiu o estômago embrulhar. Que segredo tão perigoso era aquele? Ela guardaria qualquer segredo, mas a ameaça que havia naquelas palavras a deixou insegura. Se era algo tão importante, porque William não havia contado a ela? Bem, ele não havia contado sobre a armadilha descoberta também...

— Acredito que não sou de confiança. — Rose se ergueu e foi até a água que fervia. Seus olhos ardiam com lágrimas, sua garganta estava apertada e seu coração pesado. — Porque, se é algo que William poderia ter me contado e não contou... — Ela deu de ombros, querendo parecer indiferente, mas a falta de confiança dele estava doendo. — É melhor que guarde o segredo e não me revele.

— Rose! Não! Ele confia em você! — Lisie sentiu que a havia magoado e tentou remendar.

— E não contou sobre a armadilha das ladies? E sobre esse... segredo fatal? — Ela limpou com raiva as lágrimas que desceram.

— Desculpe, Rose! — Lisie falou, sentida. — É que preciso que alguém o ame mais do que qualquer coisa. Eu preciso! Alguém que jamais o fira...

— Eu já o feri, Lisie — Rose falou com escárnio. — Enfiei minha adaga na barriga dele. Talvez, por isso, ele não confie em mim.

— Isso jamais será motivo. E se ele a mandou aqui é porque a ama! — Lisie falou, nervosa. Que mulher turrone, William arrumara. Era perfeita para ele, mas muito difícil de lidar.

Rose respirou fundo. Não queria discutir com a mulher de Robert. Ela era sua anfitriã e estava grávida. Ia pedir desculpas, mas Lisie falou primeiro.

— Eu era a noiva dele... — disse devagar, observando as reações no rosto de Rose. — Eu sou a noiva que todos acreditam que morreu. O rei mandou que eu me casasse com o barão e eu me apaixonei pelo irmão dele. Boatos de que eu havia morrido se espalharam e William os confirmou diante do rei. Ele manteve e mantém essa mentira, Rose, por mim e por Robert! Ele me ajudou a mudar de nome. Se o rei descobrir o que fizemos, o que ele fez, ele e Robert serão condenados por traição e eu... Nem sei o que pode acontecer comigo, mas não importa! — A voz dela tremeu. — Eu soube da fama do barão e tive medo de ser infeliz com ele, mas nem o conhecia. Robert foi me buscar na casa de meu pai a pedido de William e nós o traímos. Nós nos apaixonamos. Eu já esperava um filho de Robert, quando William descobriu o que havia acontecido. Ele poderia ter nos punido, de qualquer maneira, mas descobri que ele não era nada daquilo que diziam sobre ele. Ele abriu mão do casamento, das terras de meu pai, de seu próprio orgulho e deu a mim e a Robert a chance de sermos felizes. Entende agora porque eu preciso que você o ame? — concluiu com lágrimas no rosto e a voz trêmula.

Rose estava completamente atordoada. Não sabia o que dizer ou se deveria dizer alguma coisa.

— Eu rezei tanto para que ele encontrasse uma mulher que o amasse... — Lisie passou a mão pelo rosto molhado. — Quando vi você, eu me senti feliz e aliviada.

Havia tantas coisas naquela história, que Rose não sabia como lidar com todas elas. Precisava pensar. Viu o olhar ansioso e inseguro de Lisie.

— Jamais revelarei esse segredo — ela disse, finalmente. — Tem minha palavra e minha promessa solene.

Viu o alívio no rosto pálido da mulher de Robert, que pegou em sua mão e a puxou para que se sentasse ao seu lado.

— Obrigada, Rose! — falou com um sorriso. — Nós somos irmãs agora e não quero que fique chateada comigo de alguma forma, por favor.

Rose sentiu que devia estar com uma expressão muito séria e tensa.

— Não estou, Lisie. Desculpe! É que há tanta coisa que não sei...

— William não contou a você porque, provavelmente, temia que alguém ouvisse. Em Davon, apenas Jack sabe de tudo, ninguém jamais suspeitou do que aconteceu.

Rose alisou o vestido azul que usava.

— Esse vestido foi feito para você. E vários outros, que estavam em um baú destinado à noiva do barão que... morreu. — Aquilo provocava uma sensação estranha e trazia à tona perguntas que ela não queria fazer, como: William amava Lisie? A rejeição dela acertou o coração dele?

Lisie sorriu.

— Você é a noiva do barão, Rose.



Naquela noite, enquanto jantavam, Rose sentia uma espécie de inquietação que lhe tirava o apetite. O que Lisie contara apenas agravava a sensação de que havia um grande risco para William na corte. Emma havia perguntado se estava tudo bem e ela disse que apenas estava muito preocupada com a falta de notícias, pois não queria falar sobre o que realmente a deixava angustiada.

Madie e Tomy contavam animados sobre o passeio até a vila, mas ela mal prestava atenção.

Robert olhou para a mulher e depois para Rose. Lisie dissera a ele que havia contado o segredo para ela. Ele estudava suas reações e percebia que estava tensa.

— Vamos esperar meu mensageiro retornar, Rose — ele falou sério e também preocupado. — E, então, se for necessário, eu irei até a corte.

Rose apenas olhou na direção dele e assentiu. Estava determinada a esperar apenas mais um dia pelo mensageiro. Não estava acostumada a esperar que as coisas acontecessem. Ela vira sua tribo queimar, enquanto fugia. Não veria o homem que amava ser punido de alguma forma.



— Não se preocupe, meu amor. Eu deixei dois soldados para vigiarem Rose — Robert falou, enquanto apertava a mulher nos braços. Ela temia que Rose quisesse ir atrás de William.

— Já deveríamos ter recebido alguma mensagem, Robert? — Lisie indagou, acariciando o peito dele e o sentiu respirar profundamente.

— Eu já deveria saber se ele conseguiu resolver o que foi fazer na corte e se partiu para a Irlanda à procura de algum sinal da família de Rose, mas não sei de nada.

— Então, talvez tenha que ir à corte? — ela perguntou com a voz fanhosa e Robert segurou em seu queixo, fitando-a com amor.

— Não posso negar ajuda a Will...

— Eu sei. — Ela também suspirou.

— Só não sei quanto tempo mais conseguiremos segurar Rose — ele disse e fitou o teto de seu quarto.

A noiva do irmão era tempestuosa e ele podia ver sua impaciência. Rose havia tomado às rédeas de sua vida e enfrentado muitos problemas sozinha, por isso, era difícil que ela simplesmente esperasse as coisas acontecerem.

Capítulo 19

Rose verificou mais uma vez sua sacola. Havia uma muda de roupas para trocar e alguns suprimentos que pegara na cozinha sem que ninguém visse. Certificou-se se sua adaga estava bem presa sob o vestido, junto à sua perna, de onde seria fácil sacá-la.

Mais um dia havia se passado e nenhum mensageiro chegara. Lamentava deixar Emma preocupada, mas não podia contar a ninguém sua intenção de ir atrás de William. Sua amiga e as crianças estariam seguras em Sunset. Ela sabia que teria apenas horas de vantagem, talvez meio dia, se partisse assim que a casa ficasse silenciosa. Já escolhera o cavalo que encilharia. Sabia que Robert colocara soldados para vigiá-la.

Colocou a capa sobre os ombros, escondeu o cabelo e pendurou a sacola no ombro, sob a capa. Ela vira a janela que ficava no final do corredor. Era a melhor saída.

Abriu a porta do quarto lentamente, só o suficiente para que passasse sem que a porta rangesse. O corredor estava parcamente iluminado e não havia ninguém ali. Robert não deixaria soldados dentro de casa, mas eles estariam perto da mansão, então, teria que se esgueirar, mas precisaria passar ao lado do salão.

Respirou fundo e esticou o corpo, então caminhou silenciosamente em direção à sua rota de fuga. Não encontrou dificuldades. A casa estava adormecida. Cruzou a cozinha, abriu a porta e olhou para fora. Na escuridão não conseguia ver nenhum soldado de prontidão. Escondida pela capa correu em direção ao estábulo. Havia apenas uma tocha acesa do lado de dentro e ela rezou para que o cavaliário estivesse dormindo. Empurrou a porta e, então, parou com o coração dando trancos fortes contra o peito.

— Muito bem, Rose! — Robert, que estava encostado às baías com os braços musculosos cruzados, falou calmamente: — O que acha que meu irmão vai pensar de você indo sozinha até a corte para tentar encontrá-lo? Você já foi à corte? Saberá onde procurá-lo? Ou ficaria perdida numa grande vila? — Ele esticou o corpo e deu um passo na direção dela.

Rose ficara paralisada, ofegante e apertou a sacola contra o corpo. Apertou os lábios com força e lutou para que as lágrimas que queimavam seus olhos não caíssem, porque estava decidida a não chorar.

— Vai me amarrar? Prender-me? Fazer-me prisioneira de alguma forma? —

perguntou e sua voz tremeu.

Naquela penumbra, Robert se parecia tanto com William que chegava a causar uma dor aguda em seu peito.

— Acho que seria isso que Will me mandaria fazer. — Ele passou a mão pelo cabelo. — Sabia que ele me prendeu, amarrado à minha cama, quando eu quis lutar por Lisie? Mandou soldados me vigiarem de dentro e de fora de meu próprio quarto. Foram os piores dias de minha vida.

— Mas, você me manteria presa? — ela perguntou, seu corpo tremendo.

— Não. Nunca.

— Eu preciso ir, Robert... — apelou.

— Eu sei. Mas há mais uma coisa que você precisa saber, embora Will tenha pedido para eu não lhe contar — ele disse e caminhou, ficando entre ela e a porta, provavelmente para impedi-la de sair correndo.

— Parece que ele não quis me contar nada... — os ombros dela arriaram.

— Talvez ele a conheça demais e saiba que você poderia querer montar num cavalo e ir atrás dele, para tentar resolver as coisas. Ele me disse como você montava bem e descobri isso durante nossa viagem. — Robert esboçou um sorriso tenso. — Ele não quer que você corra qualquer risco. Ele não pode perdê-la, Rose. Eu conheço muito bem esse medo e digo que, mesmo um soldado forte e treinado, não está pronto para lidar com a perspectiva de perder a mulher que ama.

— Você esconde coisas de Lisie? Não conta coisas importantes a ela? — Rose o desafiou, porque ainda não sabia muito bem lidar com aquele tipo de relacionamento.

Robert encostou-se à porta e suspirou.

— Eu tento. Para que ela não fique triste, preocupada... São coisas que, talvez, a façam infeliz e eu jamais suportaria vê-la infeliz novamente.

Rose apertou a trouxa de roupas mais forte contra o corpo.

— Sabe... quando conheci Lisie, quando a tirei da casa do pai, ela carregava uma infelicidade tão grande que desejei matar toda a família dela pela maneira com que a tratavam e prometi que não a deixaria ser infeliz novamente, porque quando vi os olhos dela sem brilho algum, temi que ela acabasse por ter a mesma doença de minha mãe. A infelicidade matou minha mãe, Rose. Eu acompanhei seus últimos anos de vida, seu último dia, e deveria ter previsto que ela não tinha mais forças para enfrentar aquela melancolia. Eu não consegui salvá-la.

— Lamento — Rose falou, sentindo toda a tristeza que havia na fala de Robert.

— Por isso, entendo Will não querer preocupá-la e...

— Não dar notícias e me deixar preocupada — ela falou com raiva.

Robert a olhou por um longo momento. Seus olhos azul-escuros pareciam negros naquela luz e Rose percebeu que, apesar de suas maneiras polidas, de seu jeito calmo e tranquilo, ele também era um soldado perigoso.

Ela engoliu com força, não porque ficou com medo, mas porque conhecia a determinação de ferro de um guerreiro e o que eles eram capazes de fazer pela família.

— Dois dias, Rose. É o que te peço, dois dias. E tem minha palavra de que, se não tivermos nenhuma notícia, irei a Westminster pessoalmente.

— Iremos — ela o encarou com seu olhar também de aço.

Ele suspirou profundamente, já esperava por aquilo.

— Dê-me sua palavra, Robert, de que não me prenderá aqui e de que irei com você até a corte — ela deixou claro seus termos.

— Will vai me matar por isso — ele murmurou.

— Ou posso ir agora mesmo. E para me segurar, terá que me tornar sua prisioneira. — Ela o desafiou.

— Lisie me mataria por isso... — Ele entortou os lábios. Rose ainda o encarava. — Tem minha palavra, Rose. Se em dois dias não recebermos qualquer notícia de Will, eu a levarei comigo à Westminster — falou solenemente e viu os ombros dela relaxarem. — Agora, tente dormir, porque não quer adoecer, não é mesmo? — Passou a mão pelo ombro dela e sentiu que tremia. Afagou-a suavemente, puxando-a um pouco para si. — E aprenda a confiar em um Davon, Rose. Em breve será uma de nós. — Sorriu e deu um beijo na cabeça dela.

Rose sentiu a lágrima quente que desceu pelo seu rosto e passou a mão para secá-la.

Robert agradeceu silenciosamente por ela não o ter questionado sobre o que William havia pedido que ele mantivesse em segredo, mas sabia que ela não iria conter aquela pergunta por muito tempo. Rezou para que o irmão mandasse notícias logo.



— Mas o que acha que pode fazer na corte, Rose? — Emma perguntou um dia depois, quando Rose lhe contou sobre sua intenção de ir atrás de notícias.

— O que posso fazer aqui, Emma? — ela falou, andando de um lado para outro em seu quarto.

— Mas o barão deve saber quão arriscado é você sair daqui assim. — A amiga ainda tentou e viu a jovem negar com a cabeça.

— Eu saí da Irlanda sozinha, Emma, atravessei o mar, cheguei a essa terra sem conhecer sequer a língua, andei por muitas estradas, sozinha, sem um cavalo

ao menos. Agora terei companhia, montaria e comida.

Por que as pessoas não entendiam que ela, simplesmente, não podia ficar ali parada, esperando as coisas acontecerem?

Emma suspirou. Sabia que não conseguiria dissuadir Rose do que quer que fosse.

— Eu deveria ter ficado em Davon, com Hanna — lamentou-se e Rose se sentou ao seu lado.

— Emma, é bom que esteja aqui com as crianças. Lisie ficaria muito só e ela está esperando um bebê — falou baixo e viu os olhos marrons da amiga arregalarem. — Ela não quer que Robert saiba ainda, porque ele teme demais pela saúde dela e não queria outro bebê agora, tão cedo. Por isso, ela não contou a ele.

— Oh...! Mas Jerome está aqui e é muito bom — Emma falou e seu rosto ruborizou levemente.

— As crianças também estão felizes aqui, com a pequena Elene. Por favor, Emma. Sei que não tenho o direito de pedir nada a você, mas... — Segurou nas mãos dela.

— Rose, você é como uma filha para mim e só quero sua felicidade. Sei que seu espírito é como a tempestade e também sei que um certo barão foi quem conseguiu mantê-la sob controle. — Emma apertou as mãos frias de Rose. — Mas siga as orientações de lorde Robert, por favor.

— Seguirei. — Rose abraçou Emma com força.



— Parece que o rei está muito doente e os conselheiros exigiram algo de William. Ele foi cumprir, mas não sabem dizer onde — Robert passou a mão pelo cabelo, enquanto contava à mulher a mensagem que recebera. — Essa mensagem não é de Will e tem o selo do rei, o que indica que, se ele mandou alguma mensagem, ela foi interceptada pelos homens do rei. Ou melhor, do conselho. — Ergueu-se, andando de um lado para outro. — Ele pode ter ido à Irlanda ou até Rhys...

Lisie pegou no braço dele e o encarou.

— Vá! Nenhum de nós ficará tranquilo, enquanto não soubermos o que realmente está acontecendo — ela disse, tocando no rosto dele.

— Rose irá comigo — ele anunciou, sério e a viu assentir.

— Eu sabia. Eu faria o mesmo no lugar dela.

Robert segurou no rosto da mulher e a encarou por um momento, depois a beijou.



— O que acha que aconteceu? O barão Rhys exigiu alguma reparação? — Rose, cavalcando ao lado de Robert, perguntou, após horas de silêncio.

— Não sei. Talvez.

— Mas, por que a mensagem não veio de William?

— Os conselheiros devem estar controlando todas as mensagens. Se o rei está morrendo, tudo deve estar bastante complicado na corte. Negociações, traições e alianças devem estar, simplesmente, por toda parte.

— Há algum herdeiro?

— Sim. Um filho que o rei não tolera, porque diz que é fraco e incapaz.

— E o que William acharia?

— Que uma guerra é inevitável... — Robert suspirou.

Rose respirou fundo e fitou o caminho à frente. Seu pai morreria porque acreditara que poderia evitar uma nova guerra, mas, ao que parecia, as guerras eram inevitáveis.

Uma chuva fina os alcançou, quando chegaram a uma pequena vila. Eles forçaram o trote dos cavalos o máximo que conseguiram e a perspectiva era de pelo menos mais um dia de viagem, naquele ritmo. Robert, na verdade, seguia o ritmo de Rose e perguntara várias vezes se ela estava bem. Ele era um cavalheiro e Rose compreendia porque Lisie era tão apaixonada, mas não entendia porque ela magoara William.

O pensamento de que havia algum sentimento de William por Lisie a agulhava e ela precisava perguntar a ele, porque precisava entender.

Robert arrumou quartos bons para a noite e, mesmo acreditando que a tensão não a deixaria dormir, Rose foi dominada pelo cansaço e assim que se deitou dormiu.

O som de vozes vindas do corredor a acordou ainda antes do sol. Eram mulheres que se preparavam para quando os hóspedes despertassem e iam para a cozinha. Elas pareceram parar diante da porta do quarto de Rose, enquanto comentavam:

— Mas ela é jovem e o barão já espancou várias mulheres. Dizem que ele gosta das prostitutas, porque lhes dá moedas e elas se calam facilmente. Mas também há um boato de que ele agrediu a filha de um barão, depois de engravidá-la. Claro que ele é muito bonito e um soldado dos mais valentes. Viu como o irmão dele é bonito? Ouvi dizer que ele vivia recluso porque a mulher era inválida. Ainda bem que esses problemas da corte não nos alcançam. — Elas riram baixo e a voz foi sumindo conforme se afastavam.

Rose se encolheu sobre a cama, puxou as pernas contra o peito e as abraçou. Colocou a testa sobre os joelhos, o coração pesado, um bolo se formando em seu estômago. Queria muito entender porque William havia deixado que os boatos

sobre ele fossem alimentados. Agora, todos acreditavam em qualquer barbaridade que contavam sobre ele. Pensou em Lisie e em como ninguém sabia que ela era a noiva *morta* do barão. Um frio correu por sua espinha, só de imaginar o que poderia acontecer se alguém soubesse sobre a verdadeira história. Estremeceu. Levantou-se e foi jogar água no rosto. Era melhor que partissem o quanto antes.



Robert olhou para Lisie e percebeu sua palidez.

— Você dormiu bem? — indagou e ela pareceu se assustar com a pergunta, ajeitando-se na sela.

— Sim.

— Está muito calada desde o desjejum... — ele comentou e a viu fechar os olhos e suspirar.

— Ouvi mulheres falando de William diante da porta do meu quarto...

— Vai ouvir mais coisas conforme nos aproximarmos de Westminster — Robert avisou, entortou os lábios e deu de ombros. — Não se deixe afetar, Rose. Você e eu sabemos o que é mesmo verdadeiro.

— Só não entendo porque ele deixou que isso acontecesse. — Ela balançou a cabeça.

William havia dito seus motivos, mesmo assim, era terrível pensar que alguém suportasse viver com tal fama.

— Nosso pai se sentia no controle assim. Ter William seguindo os passos dele o fez deixar meu irmão em paz e até se orgulhava disso, enquanto isso, Will ia ganhando a confiança e ampliando sua influência em Davon, tanto que nem foi questionado seu direito ao título.

— Você nunca quis o título, Robert? — Rose indagou com as sobrancelhas arqueadas e o viu rir.

— Não mesmo — respondeu confiante.

Capítulo 20

William olhava para o rapaz à sua frente. Que burro empacado era! Foi muito difícil arrastá-lo e convencê-lo. Ainda assim, ele o olhava como se fosse um monstro com várias cabeças. Estava cansado e ainda tinha que conseguir uma nova audiência. O rei não estava recebendo ninguém e os conselheiros já estavam se digladiando pela sucessão.

Eduardo, o filho, fora enviado à Escócia, onde uma revolta acontecia. Um dos conselheiros, Henrique de Lacy, já insinuara sua intenção de enviar William para lutar, mas o rei lhe dera um ano para resolver a “tal questão do casamento”, como dissera antes de se retirar. A primeira tentativa terminara com a *morte* da noiva e a segunda, ainda mais desastrosa, culminando com um golpe baixo que tentara incriminá-lo e fazê-lo assumir uma paternidade que pertencia a algum soldado desgarrado.

William expusera suas descobertas, assim como os planos de Margareth e Gisela de Rhys, e exigia uma reparação, um pedido formal de desculpas. Antes que começassem a listar seus defeitos, como os do pai, ele disse que estava noivo de uma princesa irlandesa.

Se não estivesse preocupado com sua situação com Rose, acharia engraçada a reação dos membros do conselho ao contar aquilo. O choque ficou evidente nas expressões de todos e apenas um deles, seu velho amigo, o conde de Clifford, havia dado um sorriso conspiratório, como se dissesse: *eu sabia que iria acabar assim...* E, por fim, eles fizeram uma exigência, acreditando que sua bravata não teria sucesso. Ele deveria apresentar uma testemunha do que dizia.

William já estava determinado a ir atrás de algum possível parente de Rose que tivesse sobrevivido ao ataque, tendo apenas o nome da família dela como referência. Havia viajado encoberto, porque as relações com a Irlanda ainda eram tensas e um soldado seria sempre visto como uma ameaça, assim como um nobre seria visto como a possibilidade de um generoso resgate. Por isso, viajava como homem do mar.

Jack lhe dissera que se Rose o visse com aquela barba que há semanas não fazia, iria desistir do casamento e se o visse naquelas roupas surradas e cheirando a peixe, pensaria seriamente se valia a pena todo aquele esforço. Mas William sabia que valeria. Por Rose, todo esforço era válido. Até o mal humor e as desconfianças daquele irlandês empacado.

William se ajeitou no banco e voltou a encarar o homem à sua frente. Talvez tivesse a idade de Robert e, como Rose havia descrito sua família, era um homem grande e feroz, com cabelo escuro e olhos cor de prata. Ela só não dissera quão teimosos e turrões eles poderiam ser, mas ele devia ter desconfiado, porque afinal, era a família de Rose.

Seu gaélico era sofrível, mas precisava se fazer entender.

— Você vai entrar naquele barco ou terei que te amarrar e bater em você novamente? — disse, arqueando uma sobrancelha e inclinando-se sobre a mesa do salão da estalagem onde estavam, junto ao porto. Aquilo doeu, porque um corte no supercílio ainda sangrava um pouco, assim como um ferimento no braço.

O outro o encarou e cruzou os braços diante do peito largo. O canto de seu lábio sangrava e o antebraço tinha um profundo corte, que fora enfaixado grosseiramente. Uma caneca de cerveja foi colocada diante de cada um deles.

— Sua irmã deve estar impaciente e, talvez, meu irmão não consiga mantê-la no lugar seguro — William disse, misturando as línguas. Esperava que o turrão compreendesse.

— Impaciente para casar com você? Duvido — o outro falou em gaélico, com o cenho franzido.

William olhou para Jack, que deu de ombros.

— Ouça, Ryan... — Suspirou, procurando ser paciente e não se envolver em mais uma luta corporal com o irmão de Rose, o único parente dela que ele havia encontrado em suas buscas. — Eu só preciso que confirme sua linhagem nobre ao conselho e que diga, abertamente, que autoriza meu casamento com Rose. Então, eu lhe pagarei um dote e você pode voltar para sua tribo e...

— Não me diga o que fazer, *leathcheann* — Ryan o fuzilou com seus olhos cor de prata. — Rose teve que fugir, mas agora já pode voltar para casa. Por que eu a deixaria casar com você?

— Porque é o que ela quer — William respondeu, tentando disfarçar a insegurança que o atingiu. Rose acreditava que sua família toda estava morta, mas ele descobrira que dois irmãos dela ainda estavam vivos e um deles era Ryan, que assumira o lugar do pai no comando. E se ela quisesse mesmo voltar para casa?

Ryan entortou os lábios num sorriso de escárnio, o que fez o sangue de William ferver. Ele se inclinou sobre a mesa e disse com ferocidade.

— Eu só vou com você, porque preciso ver minha irmã, descobrir se o que diz é verdade, se ela está viva e bem. — Ele suspirou, recostou-se e completou em voz baixa e sinistra: — As últimas palavras de minha mãe foram direcionadas aos deuses, exigindo a proteção a Rose.

William respirou, aliviado. A primeira parte estava feita. O irmão de Rose iria com ele até a corte. Depois ele se preocuparia com os outros *detalhes*. Os dois se encararam por mais um momento e, então, beberam de suas canecas de cerveja.



Rose nunca vira um lugar como a corte do rei Eduardo, o primeiro. Ela havia esperado uma vila grande, com comerciantes, mercadores e nobres que se espalhavam pelas ruas, mas o que via era uma balbúrdia, sujeira, casas e mais casas, muitas pessoas e a maioria não era de nobres, certamente. Pessoas vinham pedir esmolas, conforme ela passava com Robert, evidentemente, percebendo que eram da nobreza. O cheiro forte deixou Rose enjoada e ela olhou para Robert, tentando descobrir como agir.

— Não podemos parar aqui, Rose, continue até chegarmos à estalagem mais próxima de Westminster, onde Will e eu sempre ficamos quando precisamos vir à corte — ele falou, percebendo o mal-estar dela. — Todas as vezes que estive aqui desejei voltar correndo para casa, acredite — completou.

Rose acreditava, porque ela sentia uma vontade quase incontrolável de estar em Sunset, entre as parreiras, junto do lago, ou em Davon, preparando uma festa da colheita com os camponeses.

— Você acredita que ele possa estar na estalagem? — perguntou esperançosa.

— Não sei, mas saberão nos dizer se ele passou por aqui ou se pretende passar ainda — ele respondeu, sem ter certeza daquilo, afinal, William não conseguira sequer enviar uma mensagem.

Havia alguns soldados na cidade e eles observaram atentamente, enquanto Robert, Rose e os dois soldados de William passavam.

A estalagem estava cheia, mas Robert pagou generosamente ao dono para que arrumasse acomodações adequadas e uma refeição quente, que pediu para que levassem até os quartos. Ele sinalizou para Rose que iria atrás de informações e ela acompanhou uma jovem até o quarto.

Cansada, Rose se sentou na cama. A movimentação das ruas da corte se fazia ouvir mesmo ali de dentro. Ela não sabia como poderiam encontrar William e aquilo fez um bolo crescer em seu estômago. Não esperava que houvesse tanta gente e que o lugar fosse tão grande.

Não demorou e a jovem criada da estalagem voltou, carregando uma travessa com carne, pão e uma caneca de cerveja.

— Milady... — Colocou a travessa sobre a cama. — Se precisar de algo mais... — lorde Davon havia pagado para que a servissem. — Necessita de ajuda para se vestir?

Rose havia se preparado para viajar e escolhera vestidos que não necessitavam

de mais mãos do que as suas.

— Não, obrigada! — respondeu e a jovem assentiu, saindo.

Antes que ela fechasse a porta, a figura grande de Robert apareceu.

— Rose, posso entrar? — Pediu e ela apenas sorriu, assentindo. Ele olhou em volta e fez uma careta. — Não é o melhor lugar, mas é limpo.

— Está tudo bem — ela respondeu e voltou a se sentar, porque suas pernas estavam tremendo desconfortavelmente.

Robert andou lentamente pelo aposento e passou a mão pelo cabelo. Sua semelhança com William era realmente desconcertante. Até algumas manias, como aquela de passar os dedos entre os fios do cabelo revoltos e negros, os irmãos compartilhavam.

— William esteve aqui — ele falou e a viu se levantar, ansiosa. — E foi para o palácio por dias seguidos, depois partiu, mas deixou o quarto pago para quando voltasse. Porém, não disse quando isso aconteceria e o dono desse lugar acredita que ele possa ter retornado à Davon.

— Esse quarto? — Rose olhou em volta, procurando algum indício de que William estivera ali.

— Não sei... — Robert arqueou as sobrancelhas.

Ele se sentou ao lado dela e pegou em suas mãos, sentindo-as frias.

— Irei até o palácio, tentar saber notícias, mas preciso que fique aqui. Não devo me demorar muito, mas não ficarei tranquilo se você insistir em sair sozinha. Jamie e Phil ficarão aqui e se precisar de qualquer coisa, é só chamar por eles, mas peço que não saia.

— Ele pode ainda voltar aqui, não pode? — perguntou, esperançosa.

— Pode e certamente não vai gostar nem um pouco de vê-la nesse lugar, mas, ao menos, o encontraremos. — Ele deu um meio sorriso.

Rose o observou e sabia que ele também estava preocupado com a falta de notícias.

— Ficarei — ela falou e ele deu um suspiro, beijando suas mãos.

— Obrigado! — Robert se ergueu e olhou para a comida sobre a mesa. — Agora é melhor você comer e descansar um pouco. Está pálida e não me perdoarei se ficar doente — disse aquilo num tom muito sério e Rose se lembrou de Lisie dizendo o motivo de não contar ao marido que esperava outro filho.

— Não se preocupe — ela sorriu e pegou um pedaço de pão, mostrando que iria mesmo comer.

Rose comeu um pouco depois que Robert saiu, mas tudo parecia se embrulhar em seu estômago. A ansiedade borbulhava desconfortavelmente dentro dela. Seu corpo estava bastante dolorido e ela se lavou e, mesmo achando que não iria conseguir dormir, deitou-se.

Fechou os olhos e a imagem de William estava lá. Ela se alimentou das lembranças dos dois cavalgando por Davon, sentados junto a uma pequena lareira em um quarto de costura, onde conversaram sobre suas famílias e sobre eles próprios se amando. Lembrou-se do fogo que corria pelo seu corpo quando estava com ele, de como precisava se entregar com a mesma paixão com o que o tomava para si, deixando na pele dele as marcas de suas unhas, de seus dentes... Um calor subiu por suas pernas e seus seios chegaram a doer de tão saudosos dos lábios e das mãos de William.



Ao final do dia, Robert voltava à estalagem, tentando encontrar uma maneira de contar o que descobrira à Rose. William partira para a Irlanda em busca de alguém que pudesse comprovar a nobreza da família dela e aquela era uma exigência incontestável. Se William não conseguisse a comprovação, ele teria que aceitar o casamento com Margareth, para que não fosse considerado mentiroso e desonroso.

Se o rei soubesse da mentira que William ajudava a manter, a punição certamente seria muito severa. Ninguém nunca poderia saber que Lisie estava viva e aquela situação era sempre uma espada sobre sua cabeça.

Agora, o irmão também lutava pela própria felicidade. E se não encontrasse ninguém que tivesse a informação sobre as origens de Rose? Ele iria se casar com a lady que engendrou um golpe para prendê-lo a ela? Se ele dissesse a Rose que estava tudo bem e que William logo voltaria a Sunset, ela acreditaria? Aceitaria voltar para casa?

Não. Ela não iria voltar e ele tinha certeza daquilo, porque Rose era a mulher perfeita para William e ela não sairia dali enquanto não resolvesse aquele impasse.

Ele ficou aliviado quando descobriu que ela não saía do quarto e que, segundo a jovem criada, havia dormido depois de comer. Sentou-se no salão para comer e beber algo, enquanto imaginava uma maneira de contar as notícias.



Rose despertou e o quarto estava mergulhado na penumbra. Uma lamparina estava acesa sobre a mesa. Anoitecera e ela havia dormido um dia inteiro. Robert já haveria voltado? Teria conseguido notícias?

Levantou-se correndo e foi obrigada a se sentar novamente, tamanha a vertigem que sentiu. Aquela cavalgada forçada para chegar à corte havia mexido com ela mais do que imaginava ser possível. Respirou fundo algumas vezes e se levantou novamente, mais devagar, colocou o vestido sobre a camisa, calçou as botas e saiu do quarto.

O barulho do salão avisava que era hora da refeição. Ela ajeitou o cabelo e foi até lá. O cheiro de algum caldo com gordura de porco a deixou enjoada, mas procurou por Robert ou um de seus soldados.

A jovem criada se aproximou rapidamente.

— Milady, eu poderia levar sua refeição até seus aposentos — disse, olhando para o salão, onde a maioria era de homens, e ele olharam para Rose como se fosse uma estranha ave fora de seu habitat.

— Lorde Davon está aqui? — Rose perguntou, procurando por Robert.

— Está ali, milady — a jovem apontou para um canto mais isolado do salão, onde Robert e os dois soldados comiam.

Rose passou pelos grupos de homens que bebiam, seguida de perto pela jovem estalajadeira, que tratava de empurrar os mais ousados que tentavam se aproximar da lady. Alguns chegaram a dizer algumas coisas, mas Rose sequer lhes deu atenção.

Robert notou quando Rose se aproximou e se ergueu rígido, olhando com ferocidade para um homem que acabava de se dirigir a ela com alguma proposta nojenta. Os dois soldados também se levantaram e o homem apenas ergueu as mãos e se afastou.

— Rose! Devia ter chamado a criada. Esse salão não é adequado — ele falou e ela se sentou à mesa, encarando-o com os olhos violeta estreitados.

— Não sou uma lady que não pode sentir o fedor de um salão como esse — disse, embora seu estômago estivesse bastante embrulhado. — Conseguiu alguma notícia? — perguntou sem delongas.

Robert respirou fundo. Sabia que teria de contar a ela. Mas, então, sua atenção foi desviada para um grupo que acabara de entrar na estalagem. A figura de seu irmão era inconfundível e, ao lado dele, estava um homem igualmente alto. Era possível que fosse ainda maior do que William e o cabelo, escuro e longo, estava trançado. Ele parecia feroz.

Robert sabia que teria de se explicar ao irmão.

Rose esperava as explicações de Robert, quando percebeu a tensão dele ao olhar na direção da porta. Ela se virou e seu coração quase parou. William acabara de entrar e ao lado dele estava Ryan, seu irmão. O coração dela deu um tranco tão forte que ela se ergueu e, simplesmente, foi na direção deles. Nem percebeu Robert e os soldados, que seguiram atrás dela.

William estava irritado por não ter conseguido chegar à Westminster com o dia claro e em tempo de uma audiência ainda naquele dia. Queria resolver aquela situação o quanto antes, mas teria de esperar amanhecer. E ainda teve que arrastar aquele irlandês teimoso até a estalagem, onde deixara um quarto pago.

Não queria arriscar que Ryan desistisse de ir com ele ao conselho, mas teria

que esperar. Entretanto, assim que parou no meio do salão, sentiu como se recebesse um soco no meio do peito, ao ver Rose, que passava rapidamente entre os homens que bebiam.

Ryan também a viu e, então, ela sorriu e se jogou nos braços do irmão. William avistou Robert, que vinha mais atrás e sua expressão dizia que não fora capaz de controlá-la.

— Ryan! — Rose foi erguida pelos braços musculosos de seu irmão, que a apertou com força. As lágrimas desciam pelo rosto dela. Havia pensado que ele estivesse morto.

— Mo bláth beag — Ryan falou junto ao cabelo dela.

Ela era a única mulher entre os irmãos e a mais nova, *minha pequena flor* era como os irmãos a chamavam e a lembrança provocou uma dor imensa de saudade. Rose acreditara que não havia mais ninguém de sua família, que perdera tudo e todos, mas ali estava Ryan e ele entrara naquela estalagem com William.

Afastou-se um pouco do irmão e não reparou como todos que estavam no salão olhavam para eles.

— Achei que estava morto... — ela falou em gaélico com o irmão e tocou em seu rosto.

— Desejei muitas vezes ter morrido — ele respondeu com tristeza, segurou no rosto dela e viu as lágrimas que desciam pela bela face de sua irmã. — Mas valeu a pena ficar vivo para ver você novamente. — Ele passou o dedo no rosto dela, secando as lágrimas.

Robert olhou para o irmão. Podia ver sentimentos contraditórios em seu rosto e rapidamente William vestiu a máscara de aspereza que usava em combate ou quando comandava seus soldados em treinamento.

— Will... — Robert se aproximou dele.

— Aqui não é o lugar para isso — William falou, ríspido e se virou em direção ao corredor.

Rose sentia o coração acelerado. Ver seu irmão vivo foi uma emoção intensa, algo que ela não estava esperando acontecer e, principalmente, ver Ryan junto com William. Havia se preocupado tanto com William! E agora ele a olhava como se sua presença ali o desagradasse, mas... o que ele fazia com Ryan, afinal?

Tinha tantas perguntas, mas o viu seguir pelo corredor, as costas largas, rígidas, sem sequer olhar para trás. Robert dissera que ele não gostaria de saber que eles foram até lá, mas ela não esperava que a reação dele a afetasse tanto.

O irmão passou a mão pelos seus ombros e seguiram atrás de William e Robert.

— Não acredito que escolheu esse diabo teimoso para ser seu marido, florzinha — Ryan falou em gaélico com a irmã, olhando para as costas de William.

Rose ergueu os olhos para seu irmão, enquanto seu coração batia nas orelhas. As peças pareciam querer se encaixar, mas William sequer olhara para ela.

— Ele é um guerreiro, Ryan — ela disse em voz baixa e o sentiu apertar suavemente seu ombro.

Entraram no quarto que Robert estava ocupando e o aposento pareceu ficar minúsculo, com os três homens grandes lá dentro.

Rose ficou parada junto à porta e o irmão ficou ao lado dela, seu corpo grande enrijecido, os braços cruzados e o queixo erguido, enquanto encarava os irmãos Davon.

— Will, Rose estava preocupada e... — Robert começou a falar, percebendo a tensão. Só então, William se virou para Rose e a encarou.

Maldição! Por que ela estava na corte? Ele havia pedido que ela ficasse em Sunset! Segura! Por que seu coração idiota batia acelerado só de olhar para ela, mesmo que ela o tivesse ignorado ao ver o irmão?

— O que vocês estão fazendo aqui? Eu não mandei que ficassem em Sunset? — ele perguntou e seu maxilar se contraiu, quando viu os olhos dela brilharem com lágrimas. — Esse lugar está caótico! O rei está morrendo e todos aqui se enxergam como inimigos e querem algum favor da corte antes que o filho de Eduardo assuma o trono.

— Você não mandou nenhuma mensagem, milorde — Rose ergueu o queixo e o encarou.

— Claro que mandei! — ele falou e deu um passo na direção dela. Suas mãos queriam tocá-la, seus lábios queriam beijá-la. Sentia tanta falta dela, mas aquele não era um lugar para sua noiva.

— Nenhuma mensagem chegou, Will — Robert intercedeu, observando o grande guerreiro parado ao lado de Rose, o irmão dela, que William tinha ido procurar. Aproximou-se e encarou os olhos, que pareciam prateados e ferozes. — Sou Robert Davon — apresentou-se.

Ryan apenas o encarou. Rose deu um forte cutucão nas costelas dele e o encarou também, com ferocidade.

— Este é Robert e ele está sendo cortês com você, Ryan. Trate de mostrar que não é um selvagem! — ela disse em sua língua. Depois, olhou para Robert com um leve sorriso. — Ele não entende muito bem sua língua, Robert — falou e fez um sinal para que seu irmão aceitasse o cumprimento que Robert oferecia.

Ryan suspirou e entortou os lábios, e fez o que ela mandava.

— Ryan O'Kelly.

— Seja bem-vindo ao outro lado do mar, Ryan! — Robert sorriu.

Robert percebeu que tanto William quanto Ryan tinham ferimentos no rosto, como se tivessem se esmurrado várias vezes e, certamente, aquilo tinha acontecido.

— Uma cerveja? — Robert perguntou, apontando para o jarro que estava em seu quarto e fez um sinal para que William fosse falar com Rose, que parecia bastante chateada.

William respirou fundo e parou de frente para Rose.

— Esse lugar não é para você, Rose — falou, enquanto a via erguer o queixo delicado, na defensiva.

— Mas estou aqui. Vai me jogar numa carroça e me mandar de volta? — ela perguntou com seu sotaque acentuado, o que acontecia sempre que ficava nervosa. Só então, viu que ele estava com ferimentos no rosto. — O que aconteceu? — Sua voz abrandou, porque não podia vê-lo ferido. Mas, então, olhou para seu irmão e viu que também havia ferimentos no rosto dele. Rose fechou os olhos e respirou fundo. — Por que os deuses criam homens como vocês? — resmungou, balançando a cabeça e colocou as mãos na cintura.

William queria rir, porque ela era tão delicada e pequena, ali parada entre ele e o irmão dela, mas parecia capaz de pegar um chicote e bater nos dois. Ele deu mais um passo na direção dela, encarando-a e a viu ofegar, ficando com o rosto ruborizado e os olhos brilhantes.

— Para amar mulheres como você, Rose... — ele respondeu baixo e deu um sorriso torto.

Rose estava se segurando para não se agarrar a ele. Queria alimentar a raiva pela maneira com que chegara e mal a olhara, mas... Ele dizia aquilo e lhe dava aquele sorriso...

Ela saltou sobre ele, enlaçando seu pescoço e o beijando com o gosto da saudade, ignorando Robert e Ryan, que pararam com as canecas de cerveja na mão.

William foi pego de surpresa, mas já devia esperar aquela reação de sua noiva. Era daquilo que ele sentira falta todo aquele tempo. Por isso, por ela, que ele queria tanto resolver a situação e voltar logo para casa.

Ele a segurou junto ao corpo, recebendo e retribuindo o beijo apaixonado, quente e afoito.

Ryan fechou os olhos e balançou a cabeça lentamente, enquanto Robert apenas sorriu.

Rose se afastou ofegante, o coração aos trancos, a pele queimando e o corpo pulsando de desejo. Por que ele fazia aquilo com ela? Então, ela bateu no rosto dele.

— Ei! — William colocou a mão no rosto, mas não libertou a cintura dela.

— Por que não me falou o que pretendia fazer, William? — ela o fuzilou com o olhar violeta.

— Para... não apanhar? — ele respondeu e riu.

— Eu estou falando sério! — A voz dela abrandou e ela tocou nos fios de cabelo escuro dele. — Por que não me disse que iria procurar minha família? — Seus olhos brilharam de lágrimas, porque sabia que ele fizera aquilo por ela.

William acariciou seu rosto vermelho e tocou em seus lábios inchados do beijo fogoso.

— Não queria dar falsas esperanças. E se eu não encontrasse...? — Olhou de relance para o irmão dela e se viu encarado com aquela raiva típica.

Rose o fitou, cheia de amor e segurou em seu rosto.

— Obrigada! — Sorriu e se apertou contra o corpo dele. Como precisava daquilo! Como conseguira ficar longe dele aquele tempo todo? Ela tinha que estar ali.

— Por você, Rose, sou capaz de qualquer coisa... — Ele sorriu, segurando-a bem perto de si. — Até arrastar um irlandês turrão comigo.

— Vocês podiam não ter batido tanto um no outro, não é mesmo? — ela falou e olhou para o irmão, que tentava acompanhar o que diziam, mas não devia estar entendendo muita coisa. Então, indagou em sua língua: — Por que você bateu no meu homem?

— Porque ele estava bêbado numa taverna e não queria sair de lá — William respondeu e a surpreendeu por usar as palavras em sua língua tão bem.

Rose sentiu um nó se formar em sua garganta e foi até o irmão. Ela tocou em seu rosto tão querido, tão parecido com o de seu pai e as lágrimas desceram pelo seu rosto.

Ryan segurou a mão dela.

— Ninguém mais? — A voz dela mal saiu, porque compreendia a dor de seu irmão, principalmente porque ele era um guerreiro.

— *Ní* — ele respondeu, rígido, negando com a cabeça.

— *Mam*? — Os lábios dela tremeram.

Ele dissera que ninguém havia sobrevivido, mas ela precisava perguntar da mãe. Ryan negou com a cabeça. Havia um pesar e uma derrota tão grandes em seus olhos, que ela sentiu seu coração pesado.

O irmão segurou em seu rosto, olhou-a com carinho e beijou sua testa. Depois, a puxou para si e a apertou contra o corpo, dando um profundo suspiro, e apoiou o queixo no topo da cabeça de sua pequena irmã.

Ele havia fracassado na proteção de sua família, perdera suas terras e sua honra. Onde mais poderia estar, quando aquele barão arrogante o encontrou e

disse que tinha de ir com ele para a corte inglesa? Então, dissera que estava noivo de Rose e Ryan duvidou, porque sua irmã negara todos os pretendentes irlandeses que o pai havia arrumado para ela. Por que ela escolheria um inglês?

Ela havia fugido e ele chegou a pensar que William a estava usando de alguma forma, mas ao ver os dois juntos e como Rose havia, simplesmente, se lançado sobre o barão, o beijado de maneira afoita e batido nele, soube que a irmã amava aquele homem, por mais estranho que aquilo pudesse parecer.

— Precisamos descansar. Amanhã iremos encontrar o rei ou os seus conselheiros — William falou, sério e passou a mão pelo rosto. Estava realmente muito cansado e encontrar Rose ali o deixara ainda mais tenso.

— Por quê? Você não contou a eles o que as ladies fizeram? — Rose indagou, secando as lágrimas do rosto.

Robert olhou para o irmão. Seria melhor que ele mesmo contasse, afinal, ele não tivera tempo de revelar suas descobertas à Rose.

William suspirou e passou a mão pelo cabelo.

— Eu só preciso levar seu irmão até lá, para que ele confirme a nobreza de sua família — respondeu, mas não diria a ela as implicações, caso não aceitassem sua escolha pela noiva irlandesa. Principalmente, se soubessem que não havia mais ninguém e que tinham perdido, inclusive, suas terras para um inimigo.

Rose sentiu as pernas tremerem.

— E se não... Se não...? — Sua voz também tremeu.

— Vai dar tudo certo — ele disse e depois encarou o irmão dela. — Mas seu irmão tem que acreditar que é o que você quer e autorizar, confirmando a origem de sua família.

Rose olhou dele para o irmão, cerrou as sobrancelhas e falou em sua língua:

— Por que você não autorizaria meu casamento, Ryan?

— Posso falar com você sem a presença desses ingleses? — ele perguntou, com os ombros rígidos.

Robert percebeu que ainda havia tensão ali, mas também havia a conversa necessária do irmão mais velho com sua irmã. Ryan era a única família dela.

Apertou o ombro de William.

— Também precisamos conversar, Will...

— Vamos até meu quarto — Rose falou para o irmão, olhou para William e tocou em seu rosto. — Eu só preciso saber... — disse, fanhosa e o viu olhar desconfiado para Ryan. — Ele não irá a lugar nenhum. — Ela garantiu, para tentar tranquilizá-lo.

William se aproximou e deu um beijo suave nos lábios dela, depois falou baixo, junto ao seu ouvido:

— Eu a amo, Rose!

Ela sorriu, entristecida e saiu do quarto com o irmão.

Robert olhou para William, que parecia um menino inseguro naquele momento. Ele nunca o vira daquela maneira, mas sabia o que ele temia.

— Rose é uma mulher forte e decidida, Will. E ela decidiu por você — disse com um leve sorriso.



Rose estava sentada na cama, enquanto o irmão andava de um lado para outro, tenso, e lhe contava o que havia acontecido com sua família. Ele e Liam, seu outro irmão, lutaram, tentando proteger a mãe e rechaçar os homens de Rooney. Mas estavam em menor número e foram tomados, como se um enxame tivesse baixado sobre a tribo.

— Eu não devia ter sobrevivido... O que sei é que uma flecha me atingiu nas costas e havia algo nela, porque senti meu corpo apagar e caí. — Ele esfregou o peito vigorosamente. — Alguém me socorreu, não sei quem foi, mas quando acordei estava longe de nossas terras. Eu planejei voltar e matar a todos, mas precisava de armas e... — Suspirou. — A última coisa que ouvi de nossa mãe foi o agradecimento aos deuses por você ter conseguido fugir e a cobrança para que a protegessem.

Rose sentia as lágrimas que desciam pelo rosto e seu peito estava apertado.

— E... Liam... — ela perguntou.

— Não o vi mais, mas se estivesse vivo eu o teria encontrado, Rose — ele falou e se sentou ao lado dela. — Meu coração voltou a bater quando a vi. — Tocou no cabelo dela.

— William foi procurar você... — ela suspirou e passou a mão pelo rosto. — Eu devia ter imaginado, porque um dia ele me disse que, se eu quisesse, mandaria alguém procurar minha família. Mas eu disse que não voltaria, que não havia mais nada para mim em Éire.

— Ele teme que eu a leve de volta — Ryan falou com uma das sobrancelhas erguida. — Ele não confia em você? — A provocou e viu o rosto da irmã ficar vermelho.

— Ele me mandou ficar em segurança nas terras de Robert e eu estou aqui. Não o culpo por duvidar de alguma coisa. — Ela deu de ombros, mas seu coração pulsava forte. Precisava que William confiasse nela e ela também precisava confiar que ele faria o que era certo, e confiar no que ele sentia por ela. Afinal, ali estava Ryan, trazido por William como um presente para ela.

Ryan sorriu.

— Então, ele precisa conhecê-la melhor. Não é, florzinha? — Segurou no

queixo dela. — Mas ele também é um animal empacado! — Entortou os lábios e a viu sorrir.



— Ao menos, não precisará se preocupar com lady Margareth agora — Robert falou para o irmão, depois que William havia comprovado as informações que conseguira mais cedo.

— E acha que De Rhys vai desistir tão fácil, agora que Eduardo está morrendo?

— Acredita que ele vai morrer logo? — Robert arqueou as sobrancelhas. A morte de um rei era algo complicado para todos, porque gerava uma crise generalizada.

— Não sei... Ele é forte, mas faz tempo que sofre com alguma doença que ninguém sabe qual é. — William passou a mão pelo cabelo. — Sabe quem está aqui também? — Entortou os lábios. — O pai de sua mulher.

Robert enrijeceu o corpo.

— Acho que já está cheirando a morte e está pronto a se jogar sobre a carniça — William falou com raiva.

— Você encontrou com ele? — Robert sabia que toda responsabilidade cairia sobre os ombros do irmão.

— Ainda não, mas ele deve saber da minha audiência amanhã — William suspirou e tentou relaxar o pescoço.

— Irei com vocês — Robert falou, determinado.

William bateu no ombro dele.

— Agora, preciso ter uma conversa privada com minha noiva — disse e foi para a porta. — Deixo Ryan sob sua responsabilidade — falou e viu o irmão arregalar os olhos.

— Não falo gaélico, Will! — Robert protestou.

— E ele não fala inglês — o irmão retorquiu e saiu.

Robert praguejou. Era óbvio que William iria querer puni-lo de alguma forma por ter levado Rose até a corte. Sua preocupação, entretanto, estava na presença do pai de Lisie, que certamente iria despejar acusações da morte da filha sobre as costas de William, mais uma vez.



A porta do quarto de Rose abriu abruptamente, fazendo-a saltar assustada e o irmão levou a mão ao local onde deveria estar sua espada, mas nada encontrou. Encarou William com animosidade, quando ele passou pela porta.

— Precisamos conversar — William falou, olhando para Rose e depois para o irmão dela, e completou na língua deles: — Robert vai ajudá-lo a se arrumar e o

instruirá sobre o comportamento desejado em Westminster amanhã.

— Não sou um cavalo para ser adestrado — Ryan falou, dando um passo à frente e o encarando.

— Prove! — William o enfrentou e viu os olhos do rapaz faiscarem. Estava acostumado a lidar com soldados e guerreiros. Ele os treinava. E não seria aquele turrão que iria enfrentá-lo e vê-lo baixar a cabeça.

— Ryan, por favor... — a voz de Rose funcionou como água gelada sobre o irmão e ele respirou fundo.

— É isso que quer, Rose? — ele perguntou, ainda encarando o homem escolhido pela irmã.

— Sim — ela respondeu, firme.

Ryan ainda encarou William por mais um momento, então, assentiu e saiu do quarto com passos fortes.

William fechou a porta e encarou sua noiva. Se nada desse certo no dia seguinte, ele fugiria com ela para a Irlanda. Já estava com tudo planejado. Não iria perdê-la de maneira alguma.

— Rose...

— Eu vou com vocês amanhã e nem tente me impedir — ela disse, cerrando as sobrancelhas. — Ou tem vergonha que percebam que sou uma selvagem?

Ele deu mais dois passos na direção dela e a segurou pelos ombros.

— Não... Tenho medo de que se encantem demais por você e não a deixem partir comigo — ele falou e tocou os lábios dela suavemente com os seus.

— Então, conhecerão meu lado selvagem... — Ela o agarrou pelos cabelos. — Você volta comigo, William. Vamos nos casar e fazer a festa da colheita. Não irá se livrar de mais um casamento, milorde. — Mordeu levemente o lábio dele.

William a ergueu nos braços e a colocou sobre a cama, lutando com as saias que estavam em seu caminho, enquanto Rose puxava seu cabelo e o beijava, afoita, deliciosamente selvagem.

— Jamais, milady — ele falou e sua mão encontrou a carne macia entre as coxas dela. Ela gemeu alto e se virou sobre ele na cama. Ele riu. — Ainda não entendi por que seu irmão a chamou de florzinha — foi a vez dele gemer, quando ela se encaixou sobre seu corpo e começou a cavalgá-lo.

Capítulo 21

— Eu fiz o melhor que pude — Robert falava para William, enquanto entravam na abadia, onde aconteceria a audiência com o conselho. Eram observados com curiosidade por soldados e nobres que cruzavam seu caminho.

Rose, usando o melhor dos três vestidos que levava — o azul com pequenos brocados brilhantes — e com o cabelo trançado cuidadosamente pela criada da estalagem, seguia insegura ao lado de Ryan. Não sabia se estava parecendo uma lady e sentia o rosto queimar ao ser observada por pessoas acostumadas àqueles luxos que lhe eram tão estranhos e desconfortáveis.

O irmão não parecia melhor. Seu corpo grande estava tenso e tão quente que, cada vez que seus braços se aproximavam, ela podia sentir seu calor. A roupa que ele usava era de Robert e estava justa, mas deixava os músculos visíveis e destacava seu porte de guerreiro. O cabelo escuro tinha sido preso, ele estava barbeado e, aos olhos dela, se parecia tão nobre quanto qualquer outro ali.

William e Robert caminhavam logo à frente e os dois mostravam porque eram lordes. Sua desenvoltura pelos corredores, seus pequenos gestos de cordialidade com aqueles com quem cruzavam, sua postura ativa e ligeiramente arrogante, não deixavam dúvidas de sua nobreza. Ninguém ali contestaria sua origem.

Impressionante também era aquela construção. Se Rose já havia ficado impressionada com Davon, aquele lugar a deixara totalmente extasiada, mas ela disfarçou, para que não parecesse a selvagem irlandesa que todos esperavam que fosse. William chamara aquele lugar de abadia, mas mais parecia um gigantesco e luxuoso palácio.

Um dos criados apareceu, cumprimentando a todos formalmente e os conduziu até uma das antessalas, que estava decorada com ouro e tapeçarias. Havia uma grande cadeira de madeira e ouro, sobre um estrado, e um grande tapete corria da porta até lá. Eles pararam, seguindo as ordens do criado.

— O rei está aqui — William falou baixo para o irmão. Depois, olhou para Rose e Ryan por sobre o ombro.

Rose viu o rei e o achou uma figura magra e pálida, sentada naquele trono. Outras pessoas estavam na sala e Rose acreditou serem do tal conselho. Eles a estudavam como a um cavalo. Quase foi possível ouvir os dentes de Ryan trincarem, mas ele estava firme.

William foi o único autorizado a entrar e a porta foi fechada assim que ele

passou, deixando os três na antessala. Robert viu que Rose apertava as mãos, que tremiam. Aproximou-se e sorriu.

— É assim mesmo, Rose. Só os homens com títulos entram na sala do rei. Se ele nos chamar, podemos entrar. Se não, temos que ficar aqui. Mas nossa presença já foi anunciada, não se preocupe — ele explicou para tranquilizá-la, mas a aproximação de algumas pessoas o fez esticar o corpo e apertar as mãos com força.

Rose reparou na mudança de postura de Robert e se virou para ver o que o deixara tão tenso. Então, ela as viu.

Cinco mulheres emplumadas se aproximaram como se fossem cisnes num lago, pois seus queixos estavam tão erguidos que parecia até possuírem pescoços alongados. As três mulheres da frente usavam vestidos luxuosos e ofuscantes. A mais velha era ainda jovem e bonita, com o cabelo loiro arrumado tão impecavelmente, que Rose se viu alisando os seus como se estivesse completamente despenteada. Ao lado dela, duas moças idênticas, com a pele de porcelana, pareciam vasos que fazem par em decorações. E, atrás delas, duas mulheres que fizeram o coração de Rose dar um forte tranco e suas mãos tremerem ainda mais.

Com um vestido escuro e um véu parecendo com o de uma freira, vinha lady Gisela e ao seu lado estava Margareth. Seus olhares encontraram Rose e o ódio foi visível em suas expressões.

Ryan percebeu que alguma coisa não estava bem e olhou para onde Robert e Rose olhavam.

— O que foi, Rose? — perguntou em sua língua, em voz baixa.

— A mulher que era a noiva de William e que tentou enganá-lo... — ela respondeu também em sua língua.

Robert deu um passo e ficou diante de Rose de maneira protetora, assim que o grupo de aves agourentas se aproximou.

— Miladies... — ele fez uma leve mesura para todas, que responderam com a mesma formalidade.

— Ora, lorde Robert! Sempre se colocando à frente de jovens selvagens. — A voz fria veio da mulher acompanhada pelo par de vasos loiros.

— Milady, como sempre, uma pessoa dócil — ele retrucou com acidez.

— Mas, claro, milorde! Tenho que ser doce com a pessoa responsável por me livrar de criatura que só me trouxe desprazeres — ela falou com um sorriso e Rose viu o corpo todo de Robert enrijecer, mas ele manteve a calma que lhe era peculiar.

— Sempre disposto a ajudar, milady — falou e Rose se surpreendeu ao sentir o ódio na voz dele.

— Vejo que está em companhias, digamos, curiosas — lady Andrea provocou, olhando para Rose e para o irmão dela, que encarava o grupo com desconfiança.

Robert deu um passo para o lado e pegou gentilmente na mão de Rose.

— Esta é a princesa Rose O’Kelly e seu irmão, príncipe Ryan O’Kelly, do clã O’Kelly das terras da Irlanda — ele os apresentou com formalidade.

Rose se viu encarada com ódio pelo grupo de mulheres e fez apenas uma pequena reverência, assim com Ryan, cujos olhos adquiriram um brilho perigoso.

— Uma criada que quer convencer o rei de que é uma princesa? — Lady Gisela falou com animosidade. — O rei não irá aceitar um acinte desses!

Rose sentiu o estômago embrulhar e seu coração bater acelerado. Queria responder, queria socar o queixo arrogante da lady, mas sentiu a mão de Robert que apertou a sua suavemente.

— Elas a estão ofendendo de alguma maneira, Rose? — Ryan falou em sua língua, mas com a força potente e rígida, o que fez as mulheres o olharem ligeiramente assustadas, mesmo que não tivessem entendido o que dizia.

— Só estão provocando, Ryan — ela respondeu em sua língua. Não queria que o irmão perdesse a postura por causa daquelas mulheres e colocasse tudo a perder diante do rei.

— Lady Rose é a noiva de William, miladies, e nada que fizerem poderá tirar dela essa condição — Robert falou e deu um sorriso feroz. — E como vai a gravidez? — Ele olhou para Margareth, que estava quieta e pálida. — Já encontraram o pai fugitivo?

— Milorde! — Lady Gisela exclamou com um estremecimento.

A porta da sala abriu e o criado fez um sinal para que Ryan entrasse. Ele olhou para Rose e ela deu um sorriso trêmulo.

— Cuidarei dela, Ryan — Robert falou sem soltar a mão de Rose, porque, mesmo que o irmão dela não entendesse o que dizia, saberia do que ele falava.

Ryan encarou o grupo de mulheres por um momento, virou-se e seguiu o criado para dentro da sala.

— Agora vão infestar a corte com selvagens! O rei só pode estar mesmo muito adoentado para aceitar algo assim — lady Andrea destilou seu veneno.

— Ele gostará de saber sua opinião, lady Andrea — Robert retrucou.

— Milorde foi o responsável pela morte de Lisbeth? O que aconteceu realmente? Ela o perturbou e milorde fez valer a fama dos Davon? — Lady Andrea perguntou com escárnio. — Não que eu tenha ficado chateada. O barão foi generoso em nos deixar um dote extra pela perda de sua noiva.

Rose sentiu o apertão que Robert deu em sua mão e soube o que o estava provocando. Aquela era a madrastra de Lisie, que acreditava que a enteada

estivesse morta e que a culpa tinha sido de Robert. Lady Andréa falava da fama de violentos dos Davon, o que não podia estar mais longe da verdade. Ela tocou sobre a mão dele e ele afrouxou o aperto, olhando-a com um pedido de desculpas, temendo tê-la machucado.

— Creio que Lisbeth está muito melhor onde está agora, milady — ela falou e completou: — Pena que, para se livrar de sua família, a morte foi a mais doce das alternativas.

— Eu disse, Andréa, que esse arranjo que o barão fez era coisa de feiticeiras selvagens. Lisbeth morre, Margareth é humilhada... — Lady Gisela falou com desdém.

A porta se abriu mais uma vez e o criado mandou que Rose entrasse na sala do rei. Ela estremeceu.

Robert beijou suavemente sua mão e sorriu.

Rose entrou na sala e encontrou William e Ryan parados diante do trono. Homens usando roupas espalhafatosas a olharam como se estivesse nua. Ela apertou as mãos diante do corpo, sem saber o que fazer. Olhou para William e ele sorriu.

— Lady Rose O’Kelly, aproxime-se! — A voz de Eduardo era baixa e pontuada de alguma dor.

Ela engoliu com força e avançou sobre o tapete que levava ao trono. Inclinou-se diante do rei, como William a instruíra.

— Majestade...

— Muito ouvi falar de você... — Eduardo comentou com um leve sorriso. — Algumas pessoas nesta sala até a acusaram de agredir uma lady. — Ele olhou na direção de um homem velho, que a encarava como se desejasse bater nela. — Mas, o que mais me impressionou foi o discurso de lorde Davon. — O rei ergueu uma sobancelha, olhando para William. — Eu venho tentando arrumar uma boa noiva para ele há algum tempo e ele é bom em se defender de golpes. Lady Phillips parecia a noiva ideal, mas, infelizmente pereceu de um ferimento ocorrido antes que saísse da casa do barão De Tanis e William nem teve a oportunidade de conhecê-la — lamentou e olhou para outro homem na sala, e Rose soube que era o pai de Lisie. — Eu supus que a filha viúva de lorde De Rhys estivesse melhor preparada para encarar um soldado como lorde Davon, mas, infelizmente, ela já havia se comprometido com outro homem, a quem vai dar um filho. Peço desculpas aos dois lordes por cometer essa indelicadeza de sugerir tal noivado. — O rei se ajeitou na cadeira, parecendo desconfortável.

Rose tremia. Estava parada, mal respirando, enquanto ouvia o rei e soube que ninguém ali contestaria qualquer que fosse a decisão real.

— E, então, meu melhor soldado, meu melhor guerreiro em campo de batalha,

um dos cavaleiros da minha tábua redonda, descobre, sozinho, a mulher com quem quer se casar. — Olhou novamente para William, que desviou os olhos de Rose por um momento e retribuiu o olhar de Eduardo. — E você, lady Rose, surgida de terras onde inimigos tramam contra esse reino, conquista o coração duro dele. O que posso esperar de você, lady Rose? — O rei a encarou e apoiou o cotovelo no largo braço do trono, esperando uma resposta.

— Majestade... — a voz dela saiu aguda e baixa. — Eu só tenho a agradecer à Inglaterra por me acolher e posso dizer que não há nada de inimizade em minha pessoa ou na minha família. — Olhou rapidamente para Ryan e ele parecia desconfortável.

— Você aprendeu bem nosso idioma — o rei falou, admirado. — E o que traz para esse casamento, milady? — perguntou e parecia se divertir com aquilo.

— Majestade...? — Ela não havia compreendido bem a pergunta.

— Sua família não tem dote a oferecer, segundo seu irmão. Apenas, tenho uma promessa... mas...

— Majestade, só posso oferecer o amor e... filhos — o rosto dela queimou e ela apertou os lábios.

— Nada de terras? — ele perguntou e viu os olhos violeta ficarem marejados.

— Não, majestade.

— Nada de ouro?

— Não, majestade.

— Lorde Davon... — ele olhou para William e fez um sinal para que se aproximasse. — Você percebe que nada tem a ganhar com essa união e tampouco o rei ganhará. Embora sua noiva venha de uma família nobre, ainda terá que recuperar suas posses.

— Sim, majestade.

— E, ainda assim, quer tomar essa bela jovem como sua esposa?

— Certamente, majestade — William sorriu ao lado de Rose.

— E o que seu rei ganha com isso?

— Meu eterno agradecimento, majestade, já que minha espada estará sempre à sua disposição, assim como minhas terras continuarão a produzir os melhores soldados que o rei necessite — William falou com firmeza.

— Lorde Davon, você provou ser um homem de fibra, mais uma vez. Cumpru a exigência de meu conselho para que trouxesse uma prova de que sua noiva tinha uma ascendência nobre. — Apontou para Ryan. — Embora, eu tenha que confiar no que vocês me disseram sobre esse irlandês... — Suspirou. — Acusações sérias foram feitas contra você, mas me trouxe provas de que eram infundadas. Além de tudo isso, declarou, diante de seu rei e de seu conselho, que ama essa mulher — ele falou com emoção na voz.

Todos na corte sabiam que Eduardo era um homem que havia amado sua esposa, Eleonor, que morreu jovem e ele jamais se recuperara de sua perda.

— Venham aqui — ele fez um enorme esforço para se erguer e se apoiou em um cajado dourado.

William e Rose foram até perto do trono.

— Segure a mão de sua noiva, lorde William Davon — ordenou e William pegou na mão trêmula de Rose. O rei colocou a mão sobre a deles e sorriu com um brilho cheio de energia nos olhos. — Lady Rose O’Kelly, a partir de hoje passa a se chamar lady Rose Davon e que ninguém conteste o desejo do rei. — Olhou em volta para garantir que tinha sido claro. — Lorde Davon deixou claro seu desejo de se casar em suas terras e como estamos com a vida tumultuada por aqui, tem minha autorização. Só lamento não poder participar, porque, mais do que qualquer outra pessoa nessa corte, era meu desejo vê-lo casado e produzindo herdeiros legítimos.

Rose sentiu o gosto salgado das lágrimas, mas sabia que não devia chorar ali, não seria adequado. William tomou a mão dela e levou aos lábios, dando um beijo quente.

— Obrigado, majestade! — William falou e sorriu, depois fez uma mesura.

— Obrigada, majestade! — Rose sorriu, fazendo uma mesura e seus olhos queimaram com lágrimas.

— Ah! E lady Rose... — Eduardo falou e entortou os lábios. — Ensine seu irmão a falar nossa língua, para que ele venha confirmar que irá lutar pela Inglaterra, depois de seu casamento com lorde Davon.

Rose engoliu com dificuldade. Seu irmão lutar pela Inglaterra? Aquilo seria possível? Olhou para Ryan, que mal se mexera e estava com as sobrancelhas arqueadas.

— Sim... majestade — ela assentiu, inclinando-se, porque não havia outra resposta possível naquele momento.

Quando saíram do salão do rei, encontraram Robert taciturno de um lado da antessala e as mulheres agourentas do outro, encarando-o como que prontas a saltarem sobre ele.

Robert olhou para eles e viu que sorriram. Tudo havia dado certo, afinal. Abraçou o irmão e bateu em suas costas. Depois, pegou nas mãos de Rose e as beijou.

William ignorou solenemente as mulheres, que destilavam veneno nos olhares e estendeu o braço para Rose, que se segurou nele. Ela também não olhou para as ladies. Os quatro saíram da abadia e o alívio relaxou seus ombros assim que cruzaram o jardim. Apenas Ryan ainda estava tenso e calado.

William se virou para ele.

— Ryan, obrigado pelo que disse e pelo que fez — agradeceu na língua dele.
— Tem minha palavra de que vou ajudá-lo a recuperar suas terras e vingar sua família, a família de minha mulher.

— Não preciso de sua ajuda — Ryan falou com teimosia.

— Claro que não! — William respondeu e suspirou.

Teria que dar tempo para que o irmão de Rose confiasse nele, mas ele estava feliz e tinha uma vida inteira pela frente. Agora, só queria amar sua mulher.

Epílogo

A volta para Sunset foi feita naquela mesma tarde. Todos estavam desejosos de retornar à tranquilidade de suas terras. Mesmo Davon, um campo de treinamento de soldados, era um mar de calma diante da corte.

Jack seguira com mais de trinta homens, enviados a pedido do rei, para serem treinados em Davon. Eles iam combater na Escócia em breve e não havia melhor campo para treinarem do que as terras de William.

William insistiu em arrumar uma carruagem e quando Rose teimou que desejava ir cavalgando ele apenas sorriu e, deixando seu cavalo, entrou com ela na carruagem, seu corpo grande preenchendo e aquecendo o espaço confinado.

Rose entortou os lábios e depois o puxou pela túnica.

— Você é um homem muito afoito, milorde — ela sussurrou junto aos lábios dele, enquanto enfiava a mão por baixo de sua túnica, sentindo a pele quente e firme, e o coração que batia forte e rápido.

— Já perdemos muito tempo, Rose... — ele tocou nos seios dela e ela gemeu.

A chegada em Sunset foi comemorada com alívio por Lisie, Emma e as crianças. Rose ficou emocionada, quando viu as expressões de Madie e Tomy ao reverem William. Eles confiavam nele e o amavam. Aquilo ficou evidente em seus rostos. Nunca duvidaram que ele conseguiria.

Rose viu o alívio e a alegria nos brilhantes olhos de Lisie, quando abraçou William. Embora não tivesse dúvidas do que havia entre ela e seu marido, pegou-se tentando perceber se William nutria algum sentimento pela mulher que tinha sido sua noiva, mas preferira Robert. Entretanto, viu apenas carinho, o mesmo que foi dirigido às crianças. Não havia nos olhos de William aquela chama ardente que parecia se acender quando a fitava e que fazia todo seu corpo pulsar de expectativa.

Ryan foi apresentado à família e, evidentemente, lutava com as palavras e com quaisquer que fossem os sentimentos que retiraram o brilho divertido que um dia seus olhos tiveram.

Rose o puxou pelo braço e pegou na mão de Emma. As crianças se aproximaram, curiosas, olhando para o homem grande que viera com eles.

— Ryan, essa é a família que me salvou e me acolheu — ela disse em sua língua e, depois, falou em inglês para que todos entendessem: — Emma, Madie, Tomy, esse é meu irmão, Ryan. William o encontrou — completou, pegando no

braço do irmão.

— Esse é um dos guerreiros que você falou? — Foi Madie quem perguntou com os olhos brilhando de curiosidade, enquanto o irmão parecia imaginar as histórias que Rose havia contado.

— Sim, Madie. — Rose sorriu para a menina, tentando ocultar a tristeza que havia em seu coração por ter apenas Ryan como sobrevivente de sua família.

— Eu sabia que Will encontraria alguém — Tomy falou baixo e sério, analisando Ryan como William faria.

Rose viu as emoções passando pelo rosto de seu irmão, com toda certeza sentindo a perda como ela, mas ele era um guerreiro e logo aquela sombra encobriu suas emoções.

Emma olhava para o rapaz à sua frente e imaginava como Rose estaria se sentindo e, pela primeira vez, ouviu a voz grave de Ryan.

— Agradeço por tudo o que fizeram por Rose — ele disse em um inglês bem lento e acentuado do sotaque gaélico.

Rose olhou para ele surpresa e Ryan apenas ergueu uma das sobrancelhas.

Madie abriu seu sorriso encantador, pegou na mão grande e áspera de Ryan e voltou para ele seus doces olhos marrons.

— Você vai ficar com a gente? — perguntou e Ryan lhe dirigiu um olhar indagador, porque não havia entendido o que ela dissera.

Rose se ajoelhou diante da menina e tocou em seu queixo.

— Antes de pensarmos em qualquer coisa, Madie, vamos voltar para casa, ainda temos uma festa para fazer — falou e a menina assentiu, animada.

Rose olhou para o irmão, deu um tapinha no braço dele e falou em sua língua:

— Essa é minha família, Ryan, e será a sua também, se seu coração aceitar — disse, pousando a mão no peito largo dele e o sentiu respirar fundo.

— Eu vou retomar nossas terras, florzinha — ele disse sério e a viu apertar os lábios e assentir.

— Venha, Rose, você precisa descansar. — William havia se aproximado e passou a mão pelos ombros dela.

— Ryan, você é nosso convidado. Deixe-me apresentá-lo ao melhor vinho que irá tomar em sua vida — Robert falou ao lado deles com um sorriso, enquanto segurava a filha nos braços.

Foram três dias em Sunset, antes da partida necessária. William disse ao irmão que iria fazer uma festa para celebrar seu casamento, já que o rei o casara diante de todos a quem importava legitimar sua situação, sem qualquer tipo de cerimônia. Muitos na corte não gostaram daquilo, principalmente os barões De Tanis e De Rhys, que tinham a esperança de macular o nome de William, mas acabaram por serem testemunhas de sua união com uma irlandesa.

Robert, certamente sem saber da nova gravidez de Lisie, disse que iriam à Davon, mas Rose duvidava que ele fosse colocar a mulher numa carruagem e deixá-la viajar por dois dias se ficasse sabendo da novidade.

Lisie fora com Rose até a casinha do lago, na tarde anterior à partida.

— Obrigada, Rose! Ainda não sei como agradecer você por ter aparecido no caminho de Will — disse suavemente, segurando nas mãos de Rose. — Eu rezei tanto! Mas vocês estavam destinados a ficarem juntos. Isso me deixa tão feliz, que você não faz ideia... — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Eu até fiquei preocupada, quando vi que seu irmão estava aqui. Pensei que, talvez, você quisesse retornar à Irlanda com ele, o que seria terrível para William. Mas Robert me contou que o rei casou vocês e, então, eu tive certeza de que nada os impediria de ficar juntos.

Rose imaginava aquilo, mesmo porque, Emma havia lhe dito algo parecido antes de saber que ela e William já estavam casados.

— Saber que meu irmão está vivo e bem foi algo maravilhoso, Lisie, apesar das notícias de que somos os últimos de nosso clã... — ela respirou fundo. — Mas eu encontrei um lar em Davon. Encontrei uma família e meu guerreiro. Por que eu deixaria tudo isso para trás? — Sorrira também, com lágrimas nos olhos.

Lisie a abraçou e Rose soube que ganhara uma irmã, além de uma grande amiga.

Pouco antes de partirem, Rose observara a despedida de Emma e Jerome. O médico ficara segurando nas mãos dela um bom tempo e falara algumas coisas. Depois, as beijara suavemente e lhe dirigira um sorriso brilhante, que deixou a amiga com as bochechas vermelhas.

Rose só comentou o ocorrido quando já estavam a caminho de casa e as crianças dormiam dentro da carruagem.

— Ele é um bom homem, não é mesmo? — Rose disse e viu os olhos marrons de Emma se voltarem em sua direção.

— O barão? Sim, sem dúvida! — Emma desviou a conversa e Rose riu com o jeito constrangido dela.

— Jerome, Emma. É um bom homem.

— Ah, sim! Ele é. — A amiga confirmou rapidamente.

— E quando ele irá à Davon para uma visita?

Emma olhou um momento para ela com os lábios apertados, então, olhou para os filhos e suspirou, sorrindo ligeiramente.

— Ele disse que vai com Robert e Lisie para a festa do seu casamento — Emma respondeu e deu de ombros.

— Ele só não vai agora por causa da nova gravidez de Lisie. Robert jamais permitiria. Mas, quem sabe, ele possa ficar um tempo em Davon, depois que o

novo bebê nascer — Rose falou e piscou com cumplicidade para a amiga.

— Seria bom que ele estivesse por perto quando o seu bebê nascer, não é mesmo, minha querida? — Emma sorriu ao ver os olhos violeta de Rose arregalarem e sua boca ficar ligeiramente aberta. — Sabe... eu andei reparando em algumas coisinhas. Vi que seu rosto ficou um pouco mais redondo... — disse e Rose levou a mão às bochechas, que estavam vermelhas. — Tivemos um pouco de dificuldade em fechar as fitas daquele vestido ontem, não é mesmo? E seus seios estavam doloridos.

Rose tocava em seus seios, em seu ventre, pensando em tudo o que Emma dizia e, sim, ela estava sentindo umas mudanças estranhas. Também havia se sentido muito mal depois dos dias que cavalgara até a corte, dormido demais.

Seus olhos se encheram de lágrimas e elas desceram pelo seu rosto. Emma pegou em suas mãos sorrindo.

— Você está construindo sua própria família, Rose, e tenho certeza de que será maravilhosa. Seus filhos serão fortes, como você, que fugiu de sua terra, lutou e conquistou seu caminho; e como William, um homem nobre de coração, que foi capaz de enfrentar o rei por amor a você e foi buscar na Irlanda um presente para fazê-la sorrir.

— Ele... — Ela fungou. — William será um ótimo pai — sorriu, mal podendo conter a alegria que aquela notícia lhe trazia.



William cavalgava à frente da carruagem, ao lado de Ryan e atrás de seus soldados. Voltava para casa e, agora, levava sua esposa. Olhou sobre o ombro para a carruagem, onde Rose estava com Emma e as crianças. Lembranças saborosas dos dois se amando por grande parte do caminho de volta da corte, levaram um sorriso aos seus lábios.

— Você não contou a ela... — Ryan falou com sua voz grave, em inglês, olhando para frente, mas deixando claro que acompanhava os movimentos de William.

William cerrou as sobrancelhas e esticou o corpo sobre a cela.

— Contarei — disse simplesmente.

— Você é barão, não precisa ir — Ryan comentou e viu os ombros de William enrijecerem.

— O rei pediu.

— Mas o rei também havia pedido para você casar com outra mulher... — Ryan ergueu uma sobrancelha.

— Sou um soldado — William respondeu, irritado. Vinha procurando não pensar no que ainda teria que fazer.

Quando se reuniram com o rei para discutir seu casamento com Rose, Eduardo fizera exigências a ele e a Ryan. Ordenara que, assim que o treinamento dos novos soldados fosse concluído em Davon, William fosse com eles para a Escócia, lidar com os conflitos que pareciam piorar por lá. Era uma guerra que estava eclodindo. E a Ryan, ordenara que, assim que retomasse suas terras, voltasse à corte e jurasse lealdade ao rei da Inglaterra, prometendo que Eduardo teria um aliado incontestável na Irlanda.

— Ádh mór!

— Boa sorte para você também.

Os dois trocaram olhares sérios. Sabiam que as tarefas que ainda teriam pela frente não seriam nada fáceis.



O casamento foi realizado no caramanchão, no meio da propriedade, rodeado pelas flores de lady Elene. William tinha motivos para garantir que aquele lugar só trouxesse boas lembranças.

Os habitantes de Davon apareceram com suas cestas de maçãs. Havia cidra, bolos e vinho. Também havia música e Rose dançou como nas festas nas terras da Irlanda.

As crianças estavam felizes. Robert, Lisie e Elene chegaram e aquilo deixou William ainda mais feliz. Lisie estava fascinada por estar pela primeira vez em Davon e por participar daquele momento tão importante para William. Robert chegara preocupado, pois Lisie revelara a gravidez no meio do caminho para Davon e, agora, ele a cercava para saber se tudo corria bem, e ela o mandava ir comemorar com o irmão.

Rose, com a certeza de sua gravidez, havia contado na manhã da festa para William e ele ficara tão feliz e atordoado, que mais parecia um menino ao conquistar um tesouro. Depois, andara orgulhoso, contando para todos que ia ser pai.

Rose rira do jeito dele, que a fazia amá-lo ainda mais.

Emma, sentada ao lado de Jerome e de Hanna, observava as crianças se divertirem. Estava feliz ao ver a felicidade de Rose e constatar que William seria o melhor marido do mundo e um pai maravilhoso.

Não imaginava como os boatos podiam comprometer tanto a imagem de uma pessoa. Ela mesma havia se antecipado em julgamentos que poderiam ter impedido a felicidade de Rose e William. Mas Rose não fizera julgamentos e acabara por conquistar um grande homem.



O sol se punha, quando William pegou na mão de Rose e os dois entraram no

estábulo. Passaram pelos cavalos e ela viu um pequeno lampião que iluminava um canto, onde o feno havia sido coberto cuidadosamente com uma pele macia de ovelha.

Rose olhou para William, que sorria, e viu o brilho intenso e faminto em seus olhos azuis, a sobancelha levantada sedutoramente...

— Então, lady Davon... — ele disse, puxando-a para perto do corpo e tocando com os lábios o pescoço dela, sabendo o efeito devastador que aquilo tinha sobre o corpo de Rose. — Que tal limparmos aquela imagem ruim que possa ter ficado de um estábulo? — Entortou a boca no sorriso que a fazia perder o ar.

— Milorde... — ela respondeu, ofegante, tirando a camisa dele. — Creio que isso não será possível... — Sorriu e ele soltou as fitas que seguravam o corpete do vestido dela, beijando os seios que, ávidos, aguardavam por seus lábios quentes. Tomou o mamilo na boca e ela gemeu.

— Por favor, milady... — ele disse, terminando de tirar o vestido dela, e a jogou sobre a pele macia de ovelha, colocando-se sobre ela e a beijando.

— Estou sem minha adaga da sorte, milorde... — Ela ofegou e ele a olhou apaixonado. — Eu a dei de presente a Tomy.

— Não vai precisar mais dela, milady. Minha espada está a seu serviço! — Sorriu, malicioso, enquanto seus corpos se uniam.

VISITE NOSSAS PÁGINAS OFICIAIS

www.lereditorial.com
[twitter@Ler_Editorial](https://twitter.com/Ler_Editorial)
www.facebook.com/lereditorial
www.instagram.com/lereditorial
pinterest.com/lereditorial/

CAROL DIAS ♥ PAULA TOYNETT BENALIA
CRISTINA MELO ♥ LIZ SPENCER

Love is IN THE AIR

ORGANIZAÇÃO: BEATRIZ SOARES



Love is in the air 2

Dias, Carol

9788568925607

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ah, o amor! As dificuldades, os calafrios, os encontros inesperados, os pensamentos loucos... No segundo volume da série Love is in the air, você vai conhecer lindas histórias com uma pitada de drama, sobre amores que superam expectativas, mesmo quando parece que não vai dar certo. Com prefácio de Tammara Webber, as autoras Carol Dias, Paula Toyneti Benalia, Cristina Melo e Liz Spencer apresentam romances ambientados em Paris, a Cidade Luz — dos croassaints, do amor e de cenários de tirar o fôlego — para você se apaixonar ainda mais.

[Compre agora e leia](#)

Série
FAMÍLIA DAVON

A *Noiva do* BARÃO



SIMONE O. MARQUES

A noiva do barão

Marques, Simone O.

9788568925652

190 páginas

[Compre agora e leia](#)

Robert precisava cumprir uma missão simples: escoltar a noiva do irmão, o Barão William Davon. Porém, ele não poderia imaginar que aquela mulher o faria questionar sua lealdade e colocaria em risco sua honra e sua vida. Lisbeth Phillips nunca teve o amor da família. No entanto, não esperava que o pai fosse capaz de dá-la em casamento a um Barão de fama terrível, apenas para se redimir da traição ao rei. O que ela não imaginava é que o homem encarregado de levá-la a seu funesto destino roubaria seu coração.

[Compre agora e leia](#)

EVA ZOOKS ♥ TAMIRES BARCELLOS
CATARINA MUNIZ ♥ PAOLA SCOTT

Love is IN THE AIR

ORGANIZAÇÃO: BEATRIZ SOARES



Love is in the air 1

Zooks, Eva

9788568925577

232 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ah, o Amor! As dificuldades, os calafrios, os encontros inesperados, os pensamentos loucos... Nos quatro contos de "Love is in the air" você vai conhecer lindas histórias, românticas e quentes, sobre esse sentimento cheio de altos e baixos. Com prefácio de Nana Pauvolih, as autoras: Eva Zooks, Tamires Barcellos, Catarina Muniz e Paola Scott apresentam contos ambientados em Londres — a terra da Rainha, do chá e de cenários incríveis — para você se apaixonar como nunca antes.

[Compre agora e leia](#)

CATIA MOURÃO



A
SOCIEDADE
SECRETA

*"Você não vai resistir ao convite para
integrar esta Sociedade"*

A sociedade secreta

Mourão, Catia

9788568925645

280 páginas

[Compre agora e leia](#)

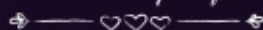
Você não vai resistir ao convite para integrar esta Sociedade! E se você soubesse que existe um lugar onde pode realizar todas as suas fantasias, mesmo aquelas imensuráveis? Onde é possível testar seus limites e ir além, sem correr o risco de se expor ou ter sua identidade revelada? Conheça os anseios por trás da sobriedade da Senhora V. Esposa e mãe dedicada, ela se revelará uma mulher insatisfeita com a vida conjugal, que já dura mais de uma década, e encontrará no Senhor P, um empresário charmoso e bem sucedido, a chance de realizar seus sonhos mais loucos dentro de uma sociedade secreta. Mas será que a relação entre eles se resume apenas a uma aventura sensual? Desvende a intimidade do Senhor F, um homem de comportamento questionável, que não esconde sua necessidade de fugir do comum em busca de satisfazer seus gostos peculiares. Casado com a Senhora V, ele mantém uma vida dupla através da Sociedade, onde a entrega aos prazeres do sexo não conhece limites. Surpreenda-se ao conhecer a vida da misteriosa Senhorita M. Sob a máscara de mulher independente, avessa a relacionamentos e interessada apenas nos prazeres proporcionados pelo sexo sem compromisso, esconde-se uma jovem dividida entre seu desejo de liberdade e a necessidade de se adequar às regras sociais impostas pela carreira política do pai. Com um desfecho surpreendente, essa trama levará o leitor por uma viagem que vai muito além do erotismo. Você vai acompanhar a história dos personagens, vivenciar suas aventuras, conhecer suas motivações e ser impactado pelas consequências de seus atos, indo aos limites extremos da paixão. Entre no mundo de A Sociedade Secreta e participe dessa dança erótica de prazer sem inibição.

[Compre agora e leia](#)

KEL COSTA
AUTORA DA SÉRIE FORTALEZA NEGRA

Surpresas do coração

e amor não tem ponto final



Surpresas do coração

Costa, Kel

9788568925720

126 páginas

[Compre agora e leia](#)

Após uma temporada de cinco anos em Paris, a carioca Mariana retorna para a casa dos patrões de seu pai. De volta ao Brasil, ela percebe que é impossível não se apaixonar pelos dois filhos do casal. Em sua fase adolescente, a menina nutria uma quedinha por Edgar e Josh, mas agora, adulta, as coisas se tornam muito mais sérias. E para piorar, Mari também precisa lidar com dois pretendentes que conheceu por um aplicativo de namoro e que não mandaram suas respectivas fotos para ela. O destino pode pregar peças em nosso coração quando a gente menos espera. Como escolher entre o belo e o perfeito? Mari nem imagina as surpresas que a vida - e encontros às escuras - lhe reserva.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Capítulo 21</u>
<u>Epílogo</u>